



**PUC-SP**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**ANA CLÁUDIA LIMA HOLANDA**

**EX-CRENTE: EXERCÍCIOS PARA PERDER O MEDO**

**SÃO PAULO**

**2024**

ANA CLÁUDIA LIMA HOLANDA

EX-CRENTE: EXERCÍCIOS PARA PERDER O MEDO

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
Área de concentração: Núcleo de Estudos da Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Peter Pál Pelbart

SÃO PAULO

2024

ANA CLÁUDIA LIMA HOLANDA

EX-CRENTE: EXERCÍCIOS PARA PERDER O MEDO

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Área de concentração: Núcleo de Estudos da Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Peter Pál Pelbart

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Peter Pál Pelbart (orientador)

Universidade de São Paulo (USP)

---

Profa. Dra. Alessandra Affortunati Martins

Universidade de São Paulo (USP)

---

Prof. Dra. Suely Belinha Rolnik

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

---

Profa. Dra. Vera Lúcia Ferreira Mendes

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

---

Profa. Dra. Verônica Antonine Stigger

Universidade de São Paulo (USP)

Às minhas cunhadas Prema Shakti e Russiel Moscon que  
amam os meus irmãos e são amadas por eles.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – processo número 88887.675998/2022-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – processo número 88887.675998/2022-00

## AGRADECIMENTOS

Ao orientador Peter Pál Pelbart. Ao longo dos 7 anos em que estive no Núcleo de Estudos da Subjetividade como interessada, ouvinte e estudante, ele se tornou um amigo querido. Além do que pude aprender sobre filosofia, psicanálise, clínica, arte, poesia, literatura; também me aproximei de um homem sensível e companheiro para as horas mais desafiadoras de um processo de escrita e de conhecimento de si. A criatividade de Peter permite a existência de pesquisas que desafiam os modelos já conhecidos e acolhe pessoas que, assim como ele, não se conformam às regras e aos limites pré-estabelecidos. Ainda assim, a maturidade do pesquisador ajuda a entender quando é necessário trabalhar com a instituição, sem colocá-la no lugar ingênuo de somente antagonista.

À Suely Belinha Rolnik. Uma das psicanalistas mais interessantes que tive a oportunidade de conhecer e também de estar próxima e de compartilhar momentos da vida. É uma cientista mística que escuta com o corpo e intervém sempre com muita coragem. Inabalável diante do mal-estar, o principal aprendizado que adquiri com ela foi o de acolher o desconforto sempre, enquanto houver vida.

À Verônica Antonine Stigger que me acompanha desde o mestrado e que surpreende todas as vezes com sua profunda capacidade de leitura. Suas intervenções no trabalho me possibilitaram desenvolver dimensões poéticas da escrita, ao mesmo tempo em que isso era acompanhado de um rigor filosófico. Uma honra e alegria poder produzir com essa contribuição.

À Alessandra Affortunati Martins pela amizade e pelas trocas na busca de caminhos para construir o ofício de psicanalistas e pesquisadoras.

Ao Francisco Freitas pela preciosa parceria de pensamento e de vida. Nos conhecemos no início do meu Mestrado e no meio do Doutorado dele, disso vieram encontros, almoços, mudanças de vida, um filho para ele, uma sociedade para nós e uma conversa infinita.

À Mariana Guimarães pelo seu entusiasmo, alegria e pela ajuda para criar, pesquisar e frescar.

Aos meus colegas de pós-graduação. Ao longo de uma travessia como essa, as relações se transformam, se aprofundam e se tornam uma dimensão fundamental da formação.

A todos os professores, funcionários e técnicos que são a verdadeira Universidade.

À Vera Lúcia Ferreira Mendes.

À Meira Santana revisora desta tese.

Aos amigos novos e antigos da vida que me acompanharam nesse processo de pesquisa e transformação pessoal. O apoio deles, seus gestos, suas perguntas e escuta foram importantes para a possibilidade de mudança.

À Rita Brant pelos encontros, pelas viagens, pelos domingos e pelos jogos de tranca durante a qual conversamos e destrancamos processos importantes de vida.

À toda a família Tesser. Ozir, Ritinha, Nara, Flora e, especialmente, Paula. Pela acolhida no momento de maior angústia da escrita. Quando se torna desafiador olhar para o vazio que as transformações operam é na presença de pessoas tão afetuosas que é possível voltar a confiar na vida, na amizade e no amor. Obrigada, Paulinha, pelo recurso na hora da necessidade e Narinha pelos conselhos amorosos de alguém que é mais jovem e, talvez por isso, capaz de imaginar sem as travas de uma vida constrangida pela homofobia.

Ao amigo Haroldo Saboia pela possibilidade de transformar o amor e de reconstruir o vínculo.

Aos meus irmãos, Igor Lima Holanda Pinto e Sebastião Lima Holanda Pinto.

À Natália Magalhães e Humberto Torres pelas longas amizades. É sempre emocionante encontrar nessas relações a confiança e a generosidade que estimulam a coragem de seguir. À Alexandra Thomaz por sempre me encontrar, nem que seja nos sonhos. À Lia Damasceno e Sebastião pela equipe de férias.

À Mariana Lacerda pela mensagem que chega em resposta à comunicação telepática e pela conversa que se constrói no tempo.

À Edy de Lucca pelas aulas de tarô.

À Thais de Campos.

À Marcia Godoy.

À Sofia Asencio pelo que só se pode aprender com a experiência.

A todas, todos e todes os evangélicos e ex-evangélicos que acreditam mais na sua própria relação com Deus e com a espiritualidade do que nos preconceitos e medos de qualquer um.



## RESUMO

HOLANDA, A. C. **Ex-crente**: exercícios para perder o medo.

A partir de testemunhos de fé, relatos, diários, memórias e entrevistas, apresento a minha experiência e a de cinco artistas que têm um passado evangélico. Com este material em mãos e sob o signo da escrita de si, abre-se um debate sobre temas referentes ao cristianismo, à fé e a relação dessas questões com a sexualidade. Ele se desdobra ora sob o ponto de vista afetivo, ora filosófico. As marcas de sofrimento encontradas nos casos apresentados convocam uma reflexão sobre os caminhos possíveis para enfrentá-lo.

**Palavras-chave:** cristianismo. entrevistas. evangélicos. sexualidade. memórias. marcas de sofrimento.

## ABSTRACT

HOLANDA, A. C. **Ex-believer:** exercises to lose fears.

Based on testimonies of faith, stories, diaries, memories and interviews, I present my experience and that of five artists who have an evangelical past. With this material in hand, and under the sign of self-writing, a debate is opened on themes related to Christianity, faith and the relationship of these issues with sexuality. It unfolds from an emotional and philosophical point of view. The marks of suffering found in the cases presented call for reflection on the possible ways to face it.

Keywords: christianity. interviews. evangelicals. sexuality. memories. marks of suffering.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

<b>Figura 1 - 9 de Espadas no tarô de Aleister Crowley.....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 2 - 9 de Espadas no tarô Pamela-Rider-Waite.....</b>	<b>28</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 TESTEMUNHO DE FÉ.....</b>	<b>17</b>
<b>3 A DOCTRINA DO AMOR OU DO JULGAMENTO? .....</b>	<b>19</b>
<b>4 DESGOVERNAR-SE .....</b>	<b>22</b>
<b>5 AS TORRES GÊMEAS.....</b>	<b>25</b>
<b>6 A VIDA APÓS A MORTE.....</b>	<b>27</b>
<b>7 A VOZ DO CORPO .....</b>	<b>35</b>
<b>8 AMOR E CASAS EM CHAMAS .....</b>	<b>39</b>
<b>9 QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>42</b>
<b>10 KARLLA GIROTTO.....</b>	<b>45</b>
<b>11 WAGNER SCHWARTZ.....</b>	<b>68</b>
<b>12 MEUS PAIS NÃO SABEM QUE EU SOU SAPATÃO.....</b>	<b>94</b>
<b>13 CAIO PACELA.....</b>	<b>100</b>
<b>14 ANA CLÁUDIA HOLANDA.....</b>	<b>132</b>
<b>15 DIÁRIO SOBRE O MEDO E O RENASCIMENTO.....</b>	<b>160</b>
<b>16 ANEXO – ENTREVISTAS POR E-MAIL .....</b>	<b>162</b>
<b>16.1 Isadora Ravena.....</b>	<b>162</b>
<b>16.2 Leandro Souza.....</b>	<b>166</b>
<b>17 DIÁRIOS DE DESOBEDIÊNCIA .....</b>	<b>175</b>
<b>18 BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>181</b>
<b>18.1 Referências musicais.....</b>	<b>182</b>
<b>18.2 Referências das entrevistas.....</b>	<b>183</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos três anos, me dediquei a entender melhor as marcas de sofrimento que crescer em uma família evangélica haviam deixado em mim. Bem, falar que era uma família evangélica é reduzir bastante a história. Na verdade, ambas minhas avós eram espíritas e uma grande parte da minha família era católica até a onda evangélica chegar por via de um tio e ganhar impulso com meu pai. Começamos a frequentar a Igreja quando eu tinha mais ou menos uns 6 anos de idade. Eu fiquei até os 20, quando meus irmãos e eu saímos. Meus pais continuaram lá e arregimentaram vários outros parentes para o culto.

Nos últimos três anos, fiz algumas experiências para melhor elaborar as tais marcas de sofrimento. Escrevi alguns textos, vários diários e também entrevistei algumas pessoas com históricos afins. Cada uma das histórias que eu ouvi tinha sua singularidade, mas tinham em comum a experiência de vivência e saída da religião evangélica.

Além dessas experiências narrativas, também visitei vários lugares religiosos, fiz consultas oraculares e rituais. Quase todos os cultos que visitei eram não cristãos – ou não exclusivamente cristãos, uma vez que no Brasil há diversos cultos que celebram a figura de Jesus em associação com outros deuses e entidades. Tudo isso produziu ao longo desse período uma profunda transformação pessoal, espiritual e social. Para começar, quando iniciei esta pesquisa, eu me considerava uma mulher heterossexual e estava em um relacionamento estável e monogâmico há 17 anos. Agora, a relação se desintegrou e a sexualidade virou um campo de descobertas onde a heterossexualidade se tornou uma via minoritária.

Apesar de não ter tido como ponto de partida a elaboração da questão da sexualidade, esse recorte foi se desenhando intuitivamente e dentre as marcas de sofrimento que se apresentaram ao longo da pesquisa, essa foi a via que mais produziu ressonâncias, principalmente na pesquisadora, mas também entre os entrevistados. De um modo geral, todos relataram a impossibilidade da vivência do amor como um limite para a sua permanência na religião. É claro que há diversas experiências, muitas marcas de sofrimento possíveis e certamente a questão da sexualidade não é o único motivo para as pessoas deixarem uma crença. Mas essa questão se mostrou importante e recorrente. A saber, as pessoas escolhidas para as entrevistas foram selecionadas por haverem tido em algum momento importante de suas vidas a experiência da religião evangélica, mas terem optado por deixá-la posteriormente.

A princípio, esta pesquisa procurava ampliar o imaginário sobre o evangélico no Brasil. Em 2021, quando eu escrevi o projeto, o debate político já estava agitado, em preparação para as eleições de 2022. Além da questão religiosa participar da disputa presidencial, uma vez que

o ex-presidente Jair Bolsonaro se apresentava como representante dos valores defendidos por um grupo de evangélicos mais à direita, havia também um grande número de pastores, de pastoras e de todo tipo de liderança religiosa com interesse em apresentar candidaturas para os cargos legislativos. Dessa forma, eles buscavam ampliar a chamada “bancada evangélica”, que em grande parte defende pautas ultraconservadoras e reacionárias em nome de uma suposta “família tradicional brasileira”.

Nos meios de esquerda que frequentava na época, ouvia uma fala muitas vezes simplista sobre a subjetividade dessas pessoas que compunham o coletivo dos evangélicos no Brasil. Comentários que tratavam o grupo como algo homogêneo e caracterizado por deter valores conservadores e ser composto de gente pobre e ignorante, com dificuldade de se abrir para novas ideias e de mudar eram frequentes. Eu já havia sentido um desconforto semelhante quando ouvia sobre o grupo dos supostos “nordestinos”, uma vez que a nomenclatura não encontra alteridades – não existem, por exemplo, os termos sudestinos ou sulinos – e tem o objetivo de dar conta de uma quantidade enorme de pessoas e culturas muito diversas, a ponto de incluir até alguns estados do Norte do Brasil. Nesses momentos, me perguntava se se tratava de simples ignorância com relação a figuras como o Pastor Henrique Vieira, o político Wesley Teixeira, a Ministra Marina Silva;<sup>1</sup> se era desconhecimento de grupos como a Teologia da Missão Integral;<sup>2</sup> ou se poderia haver algo mais. Uma coisa que também me ocorria era: será que essas pessoas que me falam desconfiam que eu mesma um dia já fui evangélica? Logo eu concluía que era improvável, uma vez que eu comentava pouco sobre essa parte do meu passado. Eu me percebia atravessada pelos mesmos preconceitos e havia desenvolvido o hábito de não mencionar essa característica que não parecia ser muito condizente com o restante da minha “personalidade intelectual de psicanalista”. Comecei a me perguntar se não haveria outros “ex-crentes” como eu, cujas vidas atuais não combinavam com esse estereótipo de pessoas limitadas aos ternos baratos, às saias longas e cabelos compridos, uma das imagens mais características dos evangélicos brasileiros que levam a Bíblia embaixo do braço.

O apagamento dessas partes de nossas histórias também contribui para o estereótipo e não ajuda a construir um diálogo, pois reforça a imagem do evangélico como algo sem maior profundidade.

---

<sup>1</sup> Pastor Henrique Vieira é um homem negro evangélico e deputado federal pelo PSOL. Wesley Teixeira também é um homem negro evangélico de Duque de Caxias, político, ele é primeiro suplente pelo PSB/RJ. Marina Silva é uma mulher negra evangélica do Norte do Brasil e Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil no atual governo Lula.

<sup>2</sup> Missão Holística ou Missão Integral – em espanhol, *misión integral* – foi cunhada nos anos 1970 por membros da Fraternidade Teológica Latino-Americana para referir a uma percepção da missão cristã que abrange tanto o evangelismo quanto a responsabilidade social.

É fácil suspeitar que não é possível que os evangélicos sejam todos iguais ou que defendam os mesmos valores se pensarmos que o grupo autodeclarado e composto por mais de 42 milhões de pessoas<sup>3</sup> não me inclui, tampouco os entrevistados nesta pesquisa e muitos outros amigos e conhecidos.

Apostei que seria interessante apresentar essas outras histórias e, como eu disse antes, logo fui surpreendida pela possibilidade de conhecer pessoas como eu, que tiveram suas relações com a espiritualidade e com a sexualidade atravessadas pela repressão de certa expressão da religião cristã. Aos poucos, a pesquisa se transformou. Fiquei sensibilizada pelas histórias de pessoas que também tiveram que lidar com os imaginários excludentes e binários que não reconhecem as formas do amor que diferem minimamente da heterossexual.

Diferente de outras religiões, no evangelismo e em grande parte do cristianismo a homossexualidade é considerada pecado. Normalmente, são usados como argumentos um trecho do vigésimo capítulo de “Levítico”, do Velho Testamento, que trata sobre “as penas de diversos crimes”. O versículo diz: “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse uma mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles” (Levíticos. 20:13). Assim como outro trecho das cartas de Paulo aos Coríntios<sup>4</sup>. No Novo Testamento, inclusive, a condenação cita também os relacionamentos lésbicos:

“Por causa disso (da transformação da verdade de Deus em mentira), os entregou Deus paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sexualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro” (Romanos. 1: 26-27).

Apesar de haver comunidades evangélicas que se consideram inclusivas, elas ainda são minorias. Há alguns exemplos, como os citados por Moisés Costa Neto, na tese “Sexo, gênero, devoção: Dramas da sexualidade em comunidades evangélicas inclusivas” (2013). Neto cita o caso da Igreja Presbiteriana Unida de Copacabana, conduzida pelo Pastor Nehmias Marien até 2006. O pastor se destacou na década de 1990 por defender abertamente a inclusão de homossexuais dentro do evangelismo cristão. Ele fazia bênçãos matrimoniais e acompanhava um diverso grupo de fiéis, formado por gays, lésbicas e transexuais à celebrações do orgulho

<sup>3</sup> Os dados são segundo o censo de 2010 do IBGE. A estimativa é que em 2024 o número seja de quase 70 milhões de brasileiros. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao> . Acesso em 26 de dezembro de 2024.

<sup>4</sup> O trecho se encontra em 1 Coríntios 6:9-11 e diz: “Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus”. Disponível em: [https://www.bibliaon.com/versiculo/1\\_corintios\\_6\\_9-11/](https://www.bibliaon.com/versiculo/1_corintios_6_9-11/) . Acesso em 26 de dezembro de 2024.

gay. Contudo, após a morte do Pastor, a igreja perdeu apoio popular e voltou a ser composta majoritariamente por crentes heterossexuais. Há ainda outros exemplos, como o citado por Carlos Chagas Vilela Lima (2013), da Comunidade Cristã Nova Esperança, em Natal. Contudo, apesar da abertura, Carlos relata alguns casos de fiéis dessa denominação que sofriram repressões fora da igreja, em outras comunidades evangélicas e até ameaças de processos judiciais, uma vez que suas sexualidades eram reveladas. Diante da suposição de que todo cristão era forçosamente heterossexual, a descoberta da homossexualidade era tratada como uma ofensa, ou até um crime.

Dessa forma, a realidade é que a vida do cristão homossexual é vivida normalmente dentro do armário, ou sob forte repressão de sua livre expressão. Rapidamente, descobri que não estava sozinha com o trabalho de cuidar dessas marcas de sofrimento. Assim como eu, muitas outras pessoas tratavam de seus traumas relacionados ao assunto e achei que poderia ser interessante compilar e divulgar essas experiências. Em certo ponto, eu pensei: pode ser que saber que há pessoas como nós ajude possíveis outras a saber que também não estão sozinhas e que já há saídas para esses lugares de dor, muitas vezes, contudo, com a saída e até expulsão dessas comunidades.

Escolhi também entrevistar artistas, pessoas públicas que aceitaram compartilhar suas experiências juntamente com seus nomes próprios e opiniões pessoais. Do grupo de seis, são uma mulher trans, duas mulheres cis, uma heterossexual e uma lésbica. Dois homens gays e um homem heterossexual. Entre todos, somente o homem heterossexual segue na fé e na congregação. A entrevista dele foi a penúltima, o que proporcionou à pesquisa um retorno circular à proposta inicial.

O resultado da tese é um texto variado em estilos, há desde diários meus, a partir dos quais é possível observar o próprio processo de descoberta ou invenção da minha sexualidade lésbica e também as idas e vindas espirituais que a experiência me trouxe; até comentários sobre a obra literária de James Baldwin, que foi um dos autores que mais me marcaram ao longo da preparação deste texto. Me dou conta de que para ser capaz de repensar minha sexualidade, foi necessário um resgate das experiências da infância e da adolescência que foram vividas com o atravessamento da experiência com a igreja. Ler as memórias, as cartas de Baldwin e sua ficção me ajudou a compreender em parte o emaranhado que se faz com Eros e Theos.

Outros dois norteadores da tese são Paul Preciado e Michel Foucault. O primeiro é Paul Preciado, cujo estilo de escrita que alterna literatura e teoria foi uma influência forte na última fase da pesquisa. Em 2024, chegou ao Brasil *Dysphoria Mundi*, livro que contém textos muito diversos, desde análises e memórias, inclusive do período da pandemia do Covid-19, a análises

teóricas críticas de como os últimos anos formaram as subjetividades atuais. Para ele, a *dysphoria*, conceito que costuma ser usado para nomear o desconforto de pessoas trans com seu gênero, tornou-se uma constante e é experimentada por várias pessoas que sentem o mal estar climático, social e sanitário que marca nosso momento histórico. Nessa expansão, Paul nos ajuda a pensar essas questões de forma coletiva e não somente como problemas que supostas minorias deveriam se ocupar em resolver de maneira independente. Ler esse livro me ajudou a considerar também que um pensamento teórico pode ser dar em muitos formatos, como a poesia e também a prece. Segundo, e talvez mais importante, Michel Foucault. Desde a dissertação de mestrado, ele me possibilitou refletir que cada um de nós é responsável por pensar desde o seu próprio mal-estar. Em seus estudos sobre o cuidado de si, sobre os *hypomnemata* (as cartas, notas, lembretes, comentários) e sobre a sexualidade, ele nos traz a dimensão de trabalho sobre o próprio ser como uma dimensão ética e inescapável ao pensamento sobre saúde.

Por fim, além de contar com a ajuda dos colegas da pós-graduação nos nossos encontros quinzenais de orientação coletiva às quartas-feiras, também tive a ajuda de Francisco Augusto Freitas, confidente, interlocutor, amigo e ex-crente. Além de ser alguém com quem pude conversar sobre a pesquisa desde o projeto, também participou da entrevista com Karlla Giroto e, por sugestão da banca de qualificação, ele me entrevistou com o questionário criado para esta tese<sup>5</sup>. Na penúltima entrevista, realizada no Rio de Janeiro em 2024, contei também com Mariana Guimarães, artista, pesquisadora, professora e esquizoanalista. Ela me apresentou Caio Pacela, artista paulista que trabalha em São Gonçalo, me acompanhou na entrevista e fez algumas perguntas importantes sobre a necessidade de ocupar o imaginário cristão com ideias menos óbvias que contribuam para oferecer caminhos de liberdade a pessoas que podem estar contidas em restrições morais.

---

<sup>5</sup> A banca de qualificação comentou o caráter biográfico do questionário desenvolvido, formulado a partir de memórias minhas e de leituras que influenciaram o desenrolar da tese. Ambos os membros sugeriram que consideravam adequado que eu também respondesse a essas perguntas e assim foi feito com ajuda de Francisco.

## 2 TESTEMUNHO DE FÉ

Quinta é dia de feira livre no meu bairro, geralmente vou até lá comprar um pastel para o almoço e uma tapioca com coco para a semana, pelo menos. Naquela oportunidade, quando me aproximei da costumeira barraca de tapioca, encontrei dois dos feirantes se queixando e apontando na direção de dois passantes. Eles diziam: “olha lá, cara!”, “você viu ali a safadeza?”. Logo me dei conta de que eles se referiam a um casal de homens que se distanciava sem dar ouvidos. Quem reparasse na cena perceberia que os dois se engajavam nas mais baixas vibrações. Acima de suas cabeças, deviam pairar nuvens pesadas de energias bastante negativas. Claramente, um deles estava mais dedicado ao julgamento, enquanto o outro ouvia, mas parecia suscetível às ideias que o seu parceiro lhe apresentava. Observei a cena por alguns segundos, enquanto me perguntava se valia a pena entrar em algum tipo de discussão. Mas acometida pela paixão redescoberta recentemente pela história e ensinamentos de Jesus, eu me prontifiquei: “Em nome de Jesus, eu vou convidá-los a esse debate”. Me aproximei dos feirantes e interpelei: “Deixa a galera ser feliz, cara!”. Falei com alguma seriedade.

O feirante mais aferrado ficou um pouco surpreso e me respondeu: “Você acha certo isso daí?” Eu respondi: “Não acho só certo, não, acho bonito também”. Ele repetiu incrédulo: “Você acha certo isso daí?” Eu novamente: “Eu não acho só certo, não, eu acho bonito também”. Ele se enfureceu e me convocou: “Venha aqui!” Eu me intimidei por um momento, mas lembrei o compromisso: “Em nome de Jesus!” Fui até ele. Ele assumiu um tom muito sério, como se quisesse me “ensinar algumas coisas” e me interrogou: “Você acha que Deus permite isso aí?” Eu olhei para os homens que se afastavam, virei de volta e respondi: “Acho que sim, né? Se Deus não permitisse, não existiria”. Ele ficou um pouco mais irritado e me deu uma pequena palestra sobre o homem e a mulher, sobre as leis de Deus, sobre Adão e Ivo<sup>6</sup> e sobre outras teorias de religiosismo. Eu ouvi toda aquela velha ladainha e quando ele terminou a “pregação”, lhe respondi somente: “Olha só, eu sou crente, eu sou evangélica, e eu vou orar para Jesus tocar o seu coração para você conseguir se sensibilizar pela alegria das pessoas”. Ele ficou completamente sem reação. Mudo. Não conseguia sequer formular uma frase. Ele me olhava em silêncio, incrédulo por eu lhe ter respondido que oraria por ele e para que Jesus tocasse o seu coração. Ainda boquiaberto, ele foi interpelado pelo outro feirante, o ouvinte, que

---

<sup>6</sup> Alguns fundamentalistas religiosos utilizam a expressão para afirmar a heterossexualidade como natural e como “desejo divino”. Dizem coisas como: “Deus criou Adão e Eva, não Adão e Ivo”.

lhe disse: “É, cara, deixa a galera ser feliz”. Eu aproveitei a minha deixa e retornei ao fluxo dos pedestres da feira.

### 3 A DOCTRINA DO AMOR OU DO JULGAMENTO?

A cena que eu vivi na feira naquela semana me lembrou o texto “Nietzsche e São Paulo, D. H. Lawrence e João de Patmos” (2011). Nele, Deleuze nos fala de “duas regiões da alma” (2011, p. 51) completamente distintas. Essas duas regiões são divididas de forma a colocar de um lado Nietzsche e D. H. Lawrence e do outro, São Paulo e João de Patmos. Muitas diferenças marcam essas regiões da alma, mas há uma nesse texto que é muito interessante para refletir sobre a cena descrita acima, a que enfatiza a mensagem de Jesus – na forma como ela é compreendida no *Anticristo* de Nietzsche e na leitura de D. H. Lawrence – como marcada pela mensagem do amor e de sua potência criativa, enquanto a mensagem de São Paulo e de João de Patmos é fortemente influenciada por uma preocupação com o poder e pelo julgamento.

Sob o pretexto de defender algum tipo de cristianismo, de evangelismo, ou moral cristã, os feirantes estavam ocupados principalmente com o julgamento. É claro, eles também estavam ali trabalhando em um bairro de classe média, o que acrescentava camadas de classe à cena. Enquanto os passantes e eu éramos consumidores. Talvez algo do desconforto relacionado a essa assimetria estivesse presente. Eles apontavam dedos, criticavam e discriminavam o casal. Nessa atitude, os feirantes entravam em conflito com importantes ensinamentos de Jesus, reproduzidos em alguns evangelhos, como Mateus e Tiago: “Não julguem, para que vocês não sejam julgados. Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e à medida que usarem, também será usada para medir vocês” (Mateus, 7: 1-2).

“Irmãos, não falem mal uns dos outros. Quem fala contra o seu irmão ou julga o seu irmão fala contra a Lei e a julga. Quando você julga a Lei, não a está cumprindo, mas está agindo como juiz. Há apenas um Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Mas quem é você para julgar o seu próximo?” (Tiago, 4:11-12).

Como é possível que a clara mensagem sobre o julgamento presente nos evangelhos tenha sido tão fortemente distorcida a ponto de gerar uma compreensão desse tipo de atitude dos feirantes como algo aprazível a Deus? Deleuze (2011) destaca São Paulo e João de Patmos como alguns dos responsáveis pela guinada na religião, que permite eles se considerem defensores da fé cristã. Ele também apresenta o profeta como alguém com um discurso mais popular, mais apoiado em imagens e menos exigente individualmente. Ecoando o pensamento de Nietzsche e D. H. Lawrence, Deleuze nos lembra dos ensinamentos de Cristo sobre a importância da busca pessoal, do amor e do perdão. Ele nos apresenta os efeitos nocivos da virada política representada por São Paulo: “manteve Cristo na cruz, reconduzindo-o a ela incessantemente, fazendo-o ressuscitar, deslocando todo o centro de gravidade para a vida

eterna, inventando um novo tipo de sacerdote ainda mais terrível do que os anteriores” (2011, p. 52). Em suma, reconhece que a Boa Nova de Cristo é capturada pela tirania sacerdotal de São Paulo em sua doutrina do juízo. Toda a prática de autodeterminação inaugurada por Jesus com o objetivo – entre outros – de agir sobre o poder dos sacerdotes fariseus é corrompida pelo surgimento desse outro tipo de sacerdote ainda mais tirano e absolutamente focado na antecipação do julgamento final. Ou seja, o dom de julgar, exclusivo de Deus, é capturado por esses supostos representantes em função do exercício do controle sobre os corpos e mentes dos seguidores da mensagem de Jesus.

Não é difícil projetar sobre os feirantes a figura de São Paulo. Ocupados em julgar e discriminar sobre a existência de terceiros, dificilmente contribuem para materializar o reino de Deus no presente, na realidade. Pelo contrário: ali, naquela quinta-feira, somente disseminavam ódio e preconceito. Dessa forma, eles ajudavam a produzir tão somente um purgatório terreno aos moldes da visão de São Paulo sobre como deveria ser a vida dos seguidores de Cristo.

A argumentação parece simples até este ponto. Certamente, o correto é assumir para si uma postura ativa e desimplicada com as questões terrenas tal como o Buda descrito por Hermann Hesse em *Sidarta* (2003). Contudo, é nesse ponto que ele nos apresenta o desafio colocado à escolha de Jesus pela salvação da alma individual: “Pensava que uma cultura da alma individual bastaria para expulsar os monstros escondidos na alma coletiva. Erro político” (Deleuze, 2011, p. 53).

Efetivamente, Jesus não apresentou aos seus discípulos alternativas para o relacionamento com a autoridade a não ser o martírio. Ao sucumbir ao Estado, ele certamente salva sua alma, à medida em que escreve em seus atos a história da resistência e da insubmissão. Mas ao preço de perder a vida. Jesus também não se ofereceu como líder aos seus apóstolos e discípulos, no que se diferenciou profundamente de Moisés. Recusava homenagens, reverências, mas, igualmente “Deixava que nos virássemos com a alma coletiva, com o César fora de nós ou em nós, com o Poder em nós ou fora de nós” (2011, p. 53). A essa postura, Deleuze atribui à reação dos seguidores: “renegação, traição, torção, falsificação descarada de sua Nova” (2011, p. 53).

Dessa forma, é possível ver um outro lado da sedução da mensagem dos falsos profetas que os feirantes devem seguir. Sim, eles julgam. Mas também decidem, opinam, conduzem seus seguidores em questões difíceis e angustiantes. Oferecem-lhe respostas às perguntas que Jesus nos pedia que respondêssemos individualmente. Com isso, prometem saídas coletivas ao desafiador trabalho de governar a si.

O problema todo é o modelo de governo de si que cada uma dessas alternativas oferece. A solução parece ser tornar-se também um julgador, também um intolerante; às vezes, também um autoritário, aos moldes das lideranças que se oferecem como orientações de conduta.

#### 4 DESGOVERNAR-SE

O texto acima foi um dos primeiros escritos desta tese. Nesse ponto, ainda trabalhava o exercício de pensar uma fé cristã que não fosse baseada em julgar ou reprimir o outro. Não demorou muito para que eu mesma compreendesse que a pior repressão que eu precisava trabalhar estava em mim mesma. Pouco depois, tive as minhas primeiras experiências sexuais com outras mulheres. A coisa começou nos sonhos. Iniciei um projeto de escrita com uma amiga que seria um desdobramento do método de diários que havia começado na dissertação. Faríamos um diário coletivo. A partir do compartilhamento de nossas memórias, escreveríamos uma personagem para um roteiro de cinema. Intuitivamente, decidi chamar a personagem Ana. Era uma maneira de ajudar minha amiga com a inibição e também uma homenagem ao conto “Amor” de Clarice Lispector (2009).

Eu já havia publicado na minha dissertação de mestrado um diário bastante íntimo. Já entendia que o risco imaginado de exposição era muito maior do que o risco real. Por isso, sugeri à minha amiga que chamar a personagem de Ana faria com que as pessoas pensassem que, outra vez, se tratava das minhas memórias. Assim, ela poderia ficar tranquila e ceder suas experiências à construção da personagem. Nos encontrávamos semanalmente por vídeochamada, falávamos sobre nossas buscas por autoconhecimento, nossas experiências amorosas, nossos desejos, memórias, mágoas, rancores, medos. O objetivo era usar a escrita como uma forma de transmutar o passado. Deixá-lo registrado para que pudéssemos esquecê-lo. Além disso, compartilhávamos nossos sonhos. Não demorou para que eu sonhasse com ela. O primeiro sonho já foi de amor. Não dá para brincar com Clarice Lispector.

Havíamos nos encontrado em Fortaleza, onde passamos juntas o *réveillon* com alguns outros amigos. Antes de ir embora, ela fez um jantar em sua casa. Nos despedimos carinhosamente e ela me deu um beijo no rosto. No sonho, voltei à mesma cena e ao invés de um beijo no rosto, nos beijávamos na boca. O que me chamou atenção foi o afeto. Acordei em seguida e me senti apaixonada. Minha reação ao sentimento foi de uma enorme alegria. Nesse momento, estava no mesmo relacionamento há 15 anos. Apesar da parceria e das muitas transformações vividas juntos, algo parecia estar errado. Me sentia em crise e brigávamos mais do que eu gostaria. Quando vi aquela cena, eu pensei: essa é uma boa saída. Um amor pode me dar a energia necessária para mover as estruturas que já pareciam concreto armado. Depois de tanto tempo em um relacionamento, a vida parece não poder assumir nenhuma outra forma.

Pouco antes de começar o projeto, eu havia tirado um tarô para o meu momento de vida. Saiu um cavaleiro de copas. É uma carta que pode ter muitas interpretações, mas muitas delas serão em torno da ideia de tornar-se atraente e desejável, além de ser um convite à experiência da sexualidade através do corpo em encontros amorosos. Fiquei com aquela imagem, mas nunca me ocorreu me apaixonar por uma mulher. A experiência religiosa na infância e na adolescência, como também a repressão vivida na família seguida do início de um relacionamento heterossexual muito precoce me impediram de viver outras experiências e, com isso, eu não imaginava amar uma mulher.

A princípio, guardei o sonho em um diário. Mas algumas semanas depois, eu compartilhei com ela. Foi curioso porque era uma confissão de amor. Ela reagiu bem, mas falou que não era recíproco. Contudo, a conversa seguiu de forma muito afetuosa e eu não consegui retirar o investimento romântico até muito mais tarde. Seguimos nos encontrando na mesma frequência e trabalhando. O sentimento em mim crescia de maneira muito intensa. Na minha perspectiva, o que estava acontecendo era óbvio para todos, inclusive o meu namorado na época. Eu não chegava a mencionar literalmente, inclusive porque naquele momento não passava de fantasia, mas acreditava que estava claro para todos que eu estava completamente apaixonada.

O amor é uma experiência muito curiosa porque tem um efeito disruptivo muito potente. Meses depois, essa amiga e eu fizemos uma viagem de imersão para avançar na escrita. A metodologia não era muito distinta. No encontro presencial, começávamos a conversa após cada uma tirar uma carta do tarô para cada outra. Além de nós duas, foram para essa viagem os dois filhos dessa amiga que também tiravam cartas para si e participavam da conversa à sua maneira. O mais velho se tornou um amigo com quem mantenho uma relação independente. Naquele momento ele estava prestes a completar 13 anos. Um dia, ele tirou o Arcano da Morte. Falamos das intensas mudanças que significavam entrar na adolescência e de dar adeus à infância. Foi lindo e profundo. Alguns dias depois, foi a minha vez de tirar A Torre. Minha amiga seguia firme na posição de que o sentimento por mim não era recíproco; inclusive, algumas semanas antes, ela havia começado um namoro com um homem com quem estava envolvida. Eu, ao contrário dela, estava entregue à paixão. Quando veio essa carta, ela me provocou: “E agora? O que você diz sobre essa carta?” No tarô, o arcano d’A Torre fala sobre profundas transformações internas. Não são transformações exatamente visíveis como as do Arcano da Morte, mas são fortes mudanças que mexem antigas estruturas e derrubam antigas convicções e certezas do ego. Ao mesmo tempo, ela adverte: “Essas mudanças quase sempre significam sofrimento”. Eu respondi: “Se a gente se envolver, isso certamente vai significar a

destruição da minha vida”. Era uma frase de efeito com o principal objetivo de seduzir, mas não era falsa. Eu sabia que apesar de estar muito disposta a levar adiante o meu desejo, isso significaria um imenso trabalho emocional e mudanças incontornáveis na minha vida e nas minhas escolhas até aquele momento. Antes de um novo governo, muitas vezes é preciso haver uma revolução.

## 5 AS TORRES GÊMEAS

[05:24, 11/09/2021] Ana Cláudia Holanda: Maya Deren, muito obrigada por esses dias. Por tudo o que vivemos. Por cada cena que eu gravei na minha tela pessoal. Por cada pequeno gesto de quando você está na sua personagem: a lasanha de abobrinha, cada *lookinho* (com destaque pro vestido de canga) e, claro, pelo *skincare*. Mas também pelos momentos em que tudo isso se perdeu, em que eu consegui te ver através da máscara... sofrendo *bullying* dos seus filhos, com o biquíni caindo, esticando o pescoço pra colocar todo mundo em seu lugar. O olho muito aberto pra não deixar a mensagem se perder. Apesar do seu julgamento, não há um momento no qual sua graça natural e sua beleza não estejam em sua máxima potência. Linda de todos os jeitos, *Ponyo on the cliff*. Cupido ficou sem flechas a partir de hoje. Vai ser uma semana sem os suspiros, sem o coração poder conhecer novos limites. Tudo o que havia antes acabou. As torres gêmeas caíram de novo e eu comemoro cada tijolo arremessado pela força da destruição de tudo o que era velho e estava parado, atrasando o movimento da vida. Você é o meu sonho mais lindo. A maior emoção que eu já conheci. Amo tudo, todos os dias. Até o probleminha que eu dei ontem. *Bug!* Falha na matrix. Suspiro. Te amo demais.

[05:30, 11/09/2021] Ana Cláudia Holanda: Cada silêncio que eu vivi depois do dia 8 de setembro tinha um único sentido. Não houve um dia em que eu não me transporte para aquela rede, sob a constelação de escorpião. Onde eu conheci seus manejos. Uau, que habilidade! Pura vida! Fico lembrando dos cheiros, do toque, de tudo. Não esqueço nenhum detalhe. Meu coração não deixa.

[05:45, 11/09/2021] Ana Cláudia Holanda: A única coisa que eu te peço é que nosso amor viva. Se não entre a gente, pelo menos no nosso filme. Ele vai acontecer. Nele, nossa personagem se perdoa à medida em que esquece as injustas acusações que sofreu e se abre para um novo amor com uma mulher. Ela vai entender que não era esse o problema. O passado estava fadado a não ser, para que agora pudéssemos estar aqui e nos encontrar. Tudo o que eu pudesse imaginar não chegaria aos pés... me sinto recebendo um presente da natureza. Cada um dos animais que nos acompanhou nessa jornada me fala disso. E sobre o que você pensa que eu te dei, não é nada disso. Eu só dividi o que eu mesma recebi e que eu não poderia reter, acumular, parar. Me alegra poder fazer isso. Agradeço cada momento de coragem que me trouxe aqui. Agradeço a você, musa inspiradora, por cada pequeno excesso que você usa com maestria. Você é música. O simples manejo do ar que possibilita tanta beleza. Eu vou morrer,

dessa vez de saudade. Mas até isso eu agradeço, porque só quem está vivo pode morrer. Te amo, te amo, te amo!<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> HOLANDA, A. C. WhatsApp. As torres gêmeas. 11 set. 2021. Mensagem eletrônica.

## 6 A VIDA APÓS A MORTE

No Brasil, o livro de Lawrence (1997) em que se encontra o texto “Apocalipse” é um volume onde também está “O homem que morreu”<sup>8</sup>. No primeiro texto, Lawrence despeja sua fúria contra o último livro da Bíblia: “Talvez o mais detestável de todos os livros da Bíblia, encarado superficialmente, seja o Apocalipse” (1997, p. 15). Ele começa sua crítica na insatisfação pelo quão submetido foi à leitura e aos temas bíblicos, destacando que apesar de seu afastamento do livro, toda vez que volta a ter contato, reconhece o quanto os assuntos estão ainda muito bem gravados em sua mente.

Para além de uma crítica literária – muito pertinente, inclusive – ele avalia também os efeitos do cristianismo como uma religião para as massas. O ponto mais interessante da análise do texto é em torno da ideia de que a Bíblia é um livro revelado. Já naquela época, quase todas as alegorias, imagens e metáforas tinham uma interpretação conhecida e disseminada. Isso faz com que a leitura se torne maçante, desinteressante e doutrinária. Efetivamente, qual o sentido de ler um livro que não faça pensar? Que somente pise e repise os mesmos sermões e leve sempre a um destino moral? Por que ler um livro que não se revela? A força do texto, no entanto, está realmente no comentário que o autor faz sobre a apropriação do cristianismo como algo que deveria se tornar uma religião coletiva. No sentido do comentário de Deleuze (2011), ele apresenta essas duas regiões da alma, uma mais próxima da figura do Cristo, de sua maneira de viver a espiritualidade, e de alguns de seus seguidores como o apóstolo Lucas e o profeta João Batista. Aqui estão os ensinamentos sobre o amor e sobre a meditação individual. O caminho é pessoal, a busca se faz sozinha. Claro, é raro fazer esse tipo de busca de maneira completamente isolada. Mesmo a intervenção de seres não humanos é crucial para o desenvolvimento espiritual. Mas não há um destino marcado a priori. A iluminação é algo que se dá como na experiência do budismo. Cada um faz as suas perguntas e a coisa se revela a cada vez. Contudo, é uma dimensão que Lawrence considerava mais aristocrática do cristianismo. Não há arquétipos, não há imagens, é algo bastante filosófico, meditativo e sem apelo popular. Toda a riqueza imaginativa do politeísmo é recalcada em função de outra ordem de conexão com os temas espirituais. A ascese do corpo e do espírito são vias importantes para essa busca e as festividades coletivas não fazem parte desse ritual.

---

<sup>8</sup> Além disso, a edição conta com um prefácio muito interessante de Laymert Garcia dos Santos, de título: “Lawrence e a ‘religião para os jovens’” (1997).

A outra região da alma é a que se encontra majoritariamente no Apocalipse bíblico e que também podemos ler nas cartas de São Paulo. Aqui, a preocupação é com o poder. São Paulo antecipa o Juízo Final e determina a conduta do “verdadeiro” cristão. A busca individual e a possibilidade de revelação da espiritualidade se perdem. A religião passa a ser conduzida a partir de critérios morais e o cristão passa a ser submetido à exigência de uma vida transformada. O perdão dos pecados torna-se algo de importância secundária, válido somente mediante a disposição de corrigir as condutas em função de uma vida sob certos valores pré-estabelecidos. Dessa forma, abre-se um enorme precedente para que a Igreja comece a se ocupar de controlar a vida íntima das pessoas. O amor, a liberdade, a elevação espiritual perdem espaço para o projeto de expansão da Igreja. Regras claras às quais se deve obedecer são mais adequadas à coesão coletiva necessária para transformar uma religiosidade dissidente, rebelde e minoritária em um projeto de poder universal. Nessa perspectiva também são recuperados muitos elementos do paganismo romano daquele período. Na interpretação de Lawrence, com o objetivo de acessar de maneira direta essas memórias nas pessoas e, com isso, garantir um alcance e um apelo popular.

Quando comecei a viver meu desgoverno, me vi muitas vezes diante dessa polaridade. Por um lado, o afeto surgia como uma saída. Uma alternativa para uma vida já resolvida, mas que não satisfazia. Por outro lado, não demorou para que começassem a surgir os medos, as inseguranças. A vida, às vezes, parece um lugar arriscado. Foi nessa hora que eu me vi novamente invadida pelos velhos medos do passado. O medo do infortúnio, o medo do sofrimento, o medo do julgamento das pessoas. Mesmo depois de tantas mudanças que eu já havia passado e de conquistar uma vida em harmonia com os meus valores e desejos, temia que a destruição convidada pela libido causasse danos que eu não fosse capaz de remediar. De forma inconsciente, passei a sentir uma ameaça muito forte. Nesse momento, a memória das repressões vividas no contexto da religião se apresentou. Quando você cresce em um ambiente religioso onde essas ideias morais são repetidas semanalmente, pelo menos, é difícil se desvencilhar das promessas de paraíso. O discurso moral que é apresentado para as massas como “o caminho correto”, a via única para a salvação da alma se instala no pensamento e qualquer tentativa de desobediência é um convite para o conflito interno. Apesar de parecer a melhor escolha, viver o próprio desejo não é algo que seja possível fazer de maneira sempre suave ou segura. É aí que o discurso moral ganha força. Cada experiência que produza sofrimento se torna a prova negativa de que a pregação estava correta. Dentro das perspectivas espirituais mais meditativas, a relação com o sofrimento se dá de maneira natural. Afirma-se que a perda, o luto, a dor são também dimensões da vida e que não é saudável rechaçá-las como

incorretas, inadequadas ou indesejáveis. Isso causa mais sofrimento e dissociação da realidade, senão pela vida do delírio, por muitos outros caminhos de escapismo. Já na perspectiva moral e massificada do cristianismo, o sofrimento é índice do pecado. Faz-se necessária, nesse caso, a repressão.

Nos anos subsequentes a essas primeiras experiências, desenvolvi também um forte hábito com o tarô. Tiro muitas cartas para mim, com diversas perguntas. Às vezes, até sem muitas perguntas, mas com alguma curiosidade sobre as energias em questão no momento. Nesse contexto, saiu algumas vezes uma carta que aborda essas questões, um 9 de Espadas. Uma das representações dessa carta, no baralho Pamela-Rider-Waite<sup>9</sup>, traz uma pessoa sentada na cama e acima de sua cabeça estão nove espadas apontadas para a frente. Em outro baralho que jogo tem uma figura feminina no meio de uma espiral que representa o mundo dos sonhos e a paranoia. O tarô que eu jogava mais frequentemente àquela época, o Crowley, tem a imagem de nove espadas que pingam sangue. Em um dos meus livros de estudo para esse último baralho, *Tarot: mirror of the soul* (Ziegler, 1988), há um texto muito interessante que fala da relação da carta com experiências de repressão vividas com figuras de autoridade na infância e na adolescência. Enquanto muitas vezes as cartas têm mensagens mais abertas, que se referem a situações mais genéricas, esse Nove, junto com o livro, me chamava atenção por ser tão direto. Para além de apontar para a repressão e o autoritarismo vivido na juventude, ele adverte sobre o risco de a própria pessoa internalizar a repressão e tomar para si, de forma inconsciente, o papel do acusador.

---

<sup>9</sup> Os baralhos de tarô podem ser encontrados em diversas versões. Cada versão conta com um número específico de cartas e tem uma interpretação própria dos arcanos a partir de outras imagens. No caso do tarô citado aqui, as ilustrações são de Pamela Colman Smith. Durante muitos anos, o tarô foi conhecido por Rider-Waite, em referência aos dois homens que organizaram o baralho, com a supressão do nome de Pamela. O erro foi corrigido e agora ela é citada também como autora.



Figura 2 - 9 de Espadas no tarô de Aleister Crowley

Essa é uma parte muito dura da experiência da repressão. O momento em que os acusadores se ausentam e restam seus fantasmas. Diante de momentos de dúvida e incerteza, acontece de a imaginação das vozes ressurgir e a pessoa ficar refém do sofrimento autoimposto. O alívio que a carta oferece vem dela propor uma saída. Apresentar um pouco de luz diante da experiência de auto julgamento. Ela ensina que é possível parar a repetição ao perdoar as pessoas que causaram o sofrimento inicial. Apesar de direta, a mensagem não é nada simples. Afinal, o que significa efetivamente perdoar?



Figura 3 - 9 de Espadas no tarô Pamela-Rider-Waite

Me fiz essa pergunta ao longo dos anos, mas o convite da carta aumentou o interesse na resposta. Afinal, ela apresentava o perdão como um caminho para uma conquista interessante. Depois de vários anos convivendo com as memórias da repressão, é tentador quando aparece uma possível solução. Fiz diversas tentativas, inclusive uma que me diverte muito pelo potencial lúdico. Uma amiga me apresentou uma bruxaria ensinada pela Márcia Sensitiva, uma conhecida médium brasileira que se tornou célebre por suas previsões e conselhos em um programa de rádio e na Internet. Seu método consiste em acordar às três da manhã e repetir dezesseis vezes: “Eu te perdoo, eu me perdoo”, enquanto você mentaliza a pessoa. Supostamente, serve para solucionar qualquer situação afetiva mal resolvida. Repeti o método algumas vezes e senti que fez bastante efeito. Não sei exatamente por quê, mas talvez a associação entre perdoar o outro enquanto se perdoa a si mesmo sensibilize pelo poder de libertação em que o ato pode resultar.

Algum tempo depois, em visita a Fortaleza, almocei com a minha mãe. Ela me pediu perdão pelos erros que cometeu e disse que se pudesse, faria tudo diferente. Eu interrompi antes

que ela pudesse terminar e disse: “Você faria tudo igual”. Foi curioso porque da maneira que eu fiz, ela deu risada. Na hora, eu não tinha um pensamento muito claro sobre isso, mas depois concluí que não faz sentido querer mudar o passado, que isso causa também um efeito de dissociação da realidade. O passado é sempre melhor quando aceito como foi, uma vez que não existe a possibilidade de mudá-lo, somente de transmutar seu sentido. Depois, disse a ela que eu já a havia perdoado e que também havia me perdoado por não ser a filha que eles esperavam que eu fosse. O amor é uma coisa complicada porque apesar de eu saber que seria muito infeliz se aceitasse as expectativas que meus pais tinham sobre mim, tive que processar o luto de decepcioná-los de tantas maneiras.

O texto seguinte no livro de Lawrence é bem interessante. É uma ficção, uma imaginação sobre a vida de Jesus após o calvário. É um Cristo singular. Após o sepultamento, ele se levanta, mas ao invés de subir aos céus como na história tradicional, ele se retira da vida política, do cuidado e da liderança sobre um certo coletivo que se formava em seu entorno. Madalena ainda o procura e clama que retorne às suas atividades, mas ele se nega. Jesus lhe solicita recursos e segue seu próprio caminho como um andarilho. Ao que lhe oferece Madalena, ele soma à boa vontade das pessoas para seguir adiante e recuperar-se das violências a que foi submetido. Há um momento bonito em que ele conclui: “Como é bom ter cumprido minha missão e estar além dela. Agora posso ficar só e deixar que todas as coisas sejam o que são, que a figueira seja estéril se quiser, e os ricos sejam ricos. Meu caminho é só meu” (Lawrence, 1997, p. 142).

O caminho do homem que morreu começa na recuperação do próprio desejo de viver, mas também no luto pelo que efetivamente morre quando se passa por uma experiência paradigmática. É claro que o exemplo de Lawrence é exagerado, afinal não se costumava sair vivo do tipo de experiência a que Jesus foi submetido. A explicação para a sobrevivência é banal: “me enterraram cedo demais” (Lawrence, 1997, p. 130). Simples assim, ele abre os olhos no sepulcro escuro, desvencilha-se das ataduras perfumadas e caminha até se deparar com um camponês e seu galo fugitivo. Ao ajudar na captura do galo, ele conquista a simpatia do jovem homem e recebe alguma ajuda: um lugar para dormir, um pouco de comida.

O Cristo de Lawrence me interessou muito em minha pesquisa sobre o perdão. Afinal, esse era o seu maior ensinamento e a ele coube exercitar sua própria lição diante do maior desafio: a morte. Jesus foi condenado, torturado e (na ficção de Lawrence, quase) morto. Como encarar a dor dessas memórias e o trauma? Como seguir vivendo? Ou melhor, como começar a viver depois de algo tão sério e ameaçador? Como voltar a confiar nas pessoas? Essa era uma das minhas perguntas fundamentais. Como saber em quem confiar e como? Quando dentro do

meu círculo mais íntimo de relações a repressão era uma das realidades mais marcantes. Ao longo de uma parte muito significativa da minha vida, a infância e a adolescência, o que recebi de meus pais e parentes mais próximos foi o constrangimento de minha expressão pessoal, de minhas escolhas e, hoje eu sei, da minha sexualidade.

O mais bonito da saída de Lawrence é que ela é muito simples. O mesmo galo que Jesus ajuda a recuperar lhe oferece a epifania:

“Quando ele saiu para o quintal, o galo cantou. Foi um som tímido, contido, mas havia na voz do galo algo mais forte do que a mortificação. Era a necessidade de viver, e até de proclamar o triunfo da vida. O homem que havia morrido ficou parado, olhando para o galo que fugira e fora apanhado a eriçar suas penas, pôr-se na ponta dos pés, jogar a cabeça para trás e a abrir o bico, a vida mais uma vez desafiando a morte. [...] O homem que morrera encarou a vida com um olhar nu e viu por toda parte uma resolução enorme a se lançar em cristas de ondas, tempestuosas e sutis, orlas de espuma a emergir do invisível azul, um galo negro e laranja ou verdes línguas de fogo a brotar dos ramos da figueira. Elas surgiam, essas coisas e criaturas da primavera, brilhando de desejo e afirmação. (Lawrence, 1997, p. 133).

É preciso perdoar para que a vida siga. O ponto de partida é simples. O perdão é condição de possibilidade da vida e é melhor viver do que evitar o sofrimento. Ou seja, o Cristo de Lawrence, a partir da visão que lhe oferece o pequeno animal, se conecta com o fato de que o sofrimento, a injustiça e a repressão vividas não foram suficientes para liquidar a existência. Dessa forma, Jesus rapidamente se dá conta de que sua condição de sobrevivência lhe havia sido apresentada. Ele sobrevivera à sua missão, o lugar que lhe fora atribuído. Havia morrido para toda essa história coletiva de poder, agora poderia finalmente retirar-se dessa vida pública e da responsabilidade de salvação da humanidade. A partir desse ponto, somente sua salvação importava. Curiosamente, essa era de outra natureza. Uma vida de retiro e de reconexão com uma relação mais íntima com o mundo e com as outras existências para além da humana. É curiosa essa torção que Lawrence apresenta para a história de Jesus enquanto até o momento da crucificação, a preocupação era com a mensagem de Deus para os homens, sobre uma lição que pudesse oferecer maior sentido à vida na Terra. A partir do levantar-se do sepulcro, o Cristo parece desconectar-se de sua humanidade.

No meu caso e dos entrevistados para esta pesquisa não houve morte para uma missão tão importante quanto a de Jesus, não se tratava de posições de poder, mas quase sempre de posições dentro de comunidades evangélicas, ou ainda de famílias. Frequentemente, na verdade, se tratava de posições de impotência diante da dificuldade de conciliar a expressão pessoal, o próprio livre-arbítrio e os dogmas e as normas morais daquelas comunidades. As cinco pessoas que se abriram para compartilhar suas experiências pregressas com a religião relataram que seus afastamentos dessas comunidades tiveram relação com a decepção de não poder viver seus desejos e suas sexualidades como lhes parecia mais adequado. Nesse sentido,

a possibilidade de suas existências ficou marcada por uma certa morte para a experiência religiosa.

A saída desses lugares deixou marcas. Em quase todos os casos, ficou uma certa repulsa a esses ambientes e a seus preconceituosos valores morais. Nos casos mais complexos, deixou a necessidade de um trabalho pessoal muito forte para se desvencilhar da culpa e dos fantasmas, com ajuda de psicanálise, terapia e experiências religiosas não cristãs, onde a repressão da sexualidade não é um assunto tão importante quanto nesses lugares.

## 7 A VOZ DO CORPO

Para as entrevistas nesta pesquisa foram selecionadas cinco pessoas cujas experiências na religião continham ressonâncias com a minha. Dessa forma, é interessante dizer que o coletivo não representa o universo das pessoas que evadem práticas religiosas evangélicas, muito menos que esgotam as possíveis marcas traumáticas dessa experiência. Os entrevistados foram selecionados por afinidade, por suas histórias pessoais e expressões artísticas, por serem pessoas cujas experiências possam apresentar saídas às repressões de uma vida em comunidades evangélicas conservadoras. Assim, conhecer e conversar com essas pessoas me possibilitou sair de uma experiência de isolamento com relação à minha história pessoal e expandir o imaginário de possibilidades vitais para pessoas que têm em seu passado esse tipo de vivência.

Inicialmente, entrevistei Karlla Giroto, artista visual e pesquisadora. Junto com sua família, Karlla frequentou a Congregação Cristã no Brasil durante vários anos. A família permanece, mas ela saiu ainda jovem. Sua experiência foi uma das que não foi atravessada pela questão da homossexualidade entre os entrevistados. Ainda assim, decidi sair da igreja quando começou a perceber a hipocrisia com relação às condutas dos membros homens da congregação. Ela foi impactada por alguns episódios nos quais encontrou desonestidade na atitude dos rapazes e essas situações eram justificadas, acobertadas e protegidas por outros homens e também mulheres. Também foi testemunha de histórias de agressão vividas por irmãs na comunidade, igualmente impunes.

Em seguida, entrevistei Isadora Ravena, mulher trans, artista visual e pesquisadora. A conheci em uma residência artística no Uruguai. Logo ficamos amigas porque ela também é do Ceará. Descobrimos pessoas em comum e lá mesmo eu lhe fiz pré-entrevista informalmente enquanto conversávamos em um dos momentos de pausa das atividades da residência. Nos adicionamos no Instagram depois que nos conhecemos e, passados alguns dias, ela me abordou com a seguinte intervenção: “Li na sua descrição que você é cristã não-monoteísta, o que é isso?” Expliquei para ela que desde o começo da pesquisa eu tinha me deparado com esse termo em uma fala do Nêgo Bispo,<sup>10</sup> pesquisador e ativista quilombola que faleceu no final de 2023. Ele dizia que nos quilombos a vivência da religião cristã não era excludente da fé em outras religiões politeístas, como as religiões de matriz africana, ou descendente dos povos originários brasileiros. De fato, depois dessa fala dele, me dei conta de que no Brasil, em quase todos os

---

<sup>10</sup> Cf. SANTOS, A. B. dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

terreiros de umbanda, por exemplo, a fé em Jesus Cristo convive harmoniosamente com a fé nos orixás, entidades e santos católicos, sem qualquer preconceito. Falamos disso, e depois eu lhe coloquei algumas questões. Fiquei com uma de suas respostas na memória. Quando lhe perguntei se ela tinha vivido homofobia dentro da igreja evangélica, ela me disse: “Não só vivi, como também pratiquei”. E me contou que antes de transicionar, fora um homem cis hétero e que seu irmão mais velho, que saiu do armário cedo, foi vítima da homofobia dela e de sua mãe, que se juntavam para discriminá-lo.

Depois entrevistei Leandro Souza, artista da dança e pesquisador. Conheci Leandro depois de assistir um de seus espetáculos. Em “Eles fazem dança contemporânea”, ele dança sozinho. Enquanto manipula uma enorme pilha de cabelo crespo sintético, ele pergunta: “*am I black enough for you?*”.<sup>11</sup> Aos poucos, ele também se despe. É uma peça bonita e forte. Com poucos elementos, ele apresenta a complexidade da experiência de pessoas negras em espaços da arte contemporânea. Ver a peça me provocou uma sensação de desconforto similar ao de quando li *Peles negras, máscaras brancas*, de Frantz Fanon (2020). O texto sintético da peça que se transforma ao longo da apresentação – aos poucos, Leandro começa a aliterar com as palavras ditas e a introduzir outras palavras em português – convoca as pessoas presentes a se perguntar o que elas consideram preto, o que é a insuficiência e sobre a condição que se cria para alguns artistas quando sua inserção nos meios da arte é mediada por critérios de raça e classe. Leandro é um homem muito sério que se apresentou como alguém reservado para mim. Aos poucos, em outros encontros, pudemos conversar um pouco mais e foi aí que ele me contou que também vinha de um passado evangélico. Um dia, nos encontramos na apresentação de um outro amigo e no final eu lhe contei um pouco sobre as minhas experiências com outras mulheres. Nesse dia, ele compartilhou comigo que muito jovem se deu conta de que era homossexual e que isso era incompatível com a religião evangélica. Eu lhe disse que somente alguns meses depois que comecei a pesquisa me dei conta de que o retorno aos traumas da religião me fez olhar para a repressão da minha sexualidade. A princípio, eu comecei a pensar como a minha expressão pessoal havia sido moldada pela ideia de pecado e por um ideal de feminino muito submetido às ideias do patriarcado. Não demorou para que eu me desse conta de que eu também queria viver essas outras experiências. No mundo fechado em que eu vivia não era possível nem sequer pensar na possibilidade de amar uma mulher.

Depois, entrevistei Wagner Schwartz, também artista da dança e escritor. Karlla Giroto me contou que ele era seu amigo e que eles haviam conversado sobre a necessidade fazer algo

---

<sup>11</sup> Em português, “Eu sou preto o suficiente para você?” Tradução livre. SOUZA, L. *Eles fazem dança contemporânea*. In: MITsp - 8ª Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, 8., 2022, São Paulo.

com esse passado evangélico em comum. Quando ela se referiu a esse algo, seria no sentido de uma palestra, uma apresentação, um escrito, algo assim. Ela nos colocou em contato e, no final de 2023, conseguimos nos encontrar para conversar. Wagner mora na Europa há muitos anos e andava econômico em suas vindas ao Brasil desde o episódio que viveu no Museu de Arte Moderna (MAM-SP) em 2017. Ele estava em São Paulo e depois viajou para outras cidades do Brasil para lançar seu livro no qual relata o episódio em que foi chamado de pedófilo em uma rede de *Fake News* após uma de suas apresentações da peça *La Bête*. No livro, ele conta sobre as violências, sobre as ameaças, mas também contextualiza sua relação com a religião e conta um pouco sobre o seu passado de repressão da sexualidade motivada pelo conservadorismo cristão na comunidade em que vivia sua família, em Volta Redonda.

Vi Wagner pela primeira vez pessoalmente em seu lançamento em São Paulo. O evento foi muito emocionante. Ao que parecia, pelo menos metade da plateia era composta de amigos pessoais dele. No final, na hora das perguntas, mais algumas informações sobre o episódio de 2017. Os amigos relembavam detalhes daqueles dias e o cumprimentavam pela escrita e pela coragem de abordar o tema que lhe trouxe tantos desafios e sofrimento. Wagner comentou que havia sido muito aconselhado a deixar o assunto de lado e se concentrar na dança e em sua carreira, ao que ele respondia que não via possibilidade de simplesmente deixar essa história virar um recalque. Quando fui me apresentar, lhe disse que via muito valor no trabalho que ele fazia com aquele livro. Penso que o silêncio sempre protege o agressor. Ele me recebeu de forma atenciosa e dali combinamos de voltar a nos encontrar para fazer a entrevista pessoalmente. Alguns dias depois, voltamos à mesma livraria, no andar térreo do Edifício Copan.

Wagner é uma pessoa muito doce, apesar de também saber ser incisivo. Começamos a entrevista com uma conversa sobre um episódio bastante trágico que havia acontecido naquela semana. Uma jovem militante de direita, Karol Eller, havia tirado a própria vida após retornar de um tratamento de “cura-gay”. Compartilhamos nossa indignação com o caso, falamos de outros relatos de ideações suicidas relacionados ao tema, mas depois enveredamos pelos mais diversos assuntos: desde memórias dele sobre sua saída do armário, até suas experiências com outras religiões. Passamos também pela importância do trabalho artístico e da terapia para lidar com as memórias e marcas do passado.

Em seguida, entrevistei Caio Pacela. Mariana Guimarães me sugeriu a conversa com ele depois de tê-lo conhecido em uma exposição coletiva onde os dois apresentaram trabalhos. Caio formou-se como pintor na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e durante a pandemia mudou seu ateliê para a Comunidade Cristã Água Viva, em São Gonçalo. Ele precisou sair do

lugar em que estava e pensou em recorrer ao espaço da antiga creche comunitária da igreja que havia sido fechada durante o isolamento social pela Covid-19. Caio é membro dessa comunidade desde os anos 2000, quando os pais se mudaram para a cidade. Lá fez muitos amigos e também conheceu sua esposa, Carol, com quem tem duas filhas.

Fui para o Rio de Janeiro e depois para São Gonçalo para entrevistá-lo pessoalmente acompanhada de Mariana. A encontrei em sua casa em Botafogo e seguimos de balsa até Niterói para, em seguida, pegarmos um carro de aplicativo até o ateliê de Caio. No caminho, paramos para almoçar em Niterói e, na saída, não sei como, uma garrafa de água que eu havia comprado para levar comigo no caminho simplesmente explodiu em cima de mim. Água viva. Mariana e eu aproveitamos para nos atualizarmos de nossos assuntos pessoais, nossas mudanças de casa, a morte do pai dela e a doença do meu. Além de muitos outros assuntos, como os últimos desenvolvimentos da minha vida amorosa.

A entrevista com o Caio foi interessante, finalmente encontrei alguém ainda crente. Ele contou de sua trajetória e do desafio de conciliar o trabalho com arte e a vida na religião. Em alguns momentos da conversa, ele disse da distância entre os mundos que ele habita atualmente.

Por fim, por sugestão da banca de qualificação, pedi ajuda novamente ao Francisco para ser entrevistada por ele com o questionário desenvolvido. Segundo os membros, as perguntas eram tão singulares e diziam tanto do meu próprio percurso que talvez eu fosse a pessoa mais indicada para responder a essas questões. Com isso, o resultado foi uma pequena amostra de experiências de pessoas com essa questão em comum no seu passado e, no caso do Caio, no seu presente.

## 8 AMOR E CASAS EM CHAMAS

Para conversar com as pessoas acima, desenvolvi um questionário.<sup>12</sup> Eu tinha muitas perguntas sobre maneiras de lidar com a repressão, sobre o efeito dos traumas nas memórias e no relacionamento com a espiritualidade. Meu interesse sobre a forma como a experiência religiosa evangélica impacta na sexualidade já havia aparecido na pesquisa. Naquela época, eu me deparei com alguns escritos de James A. Baldwin. Principalmente, o texto “Carta de um lugar na minha mente”, publicado pela primeira vez como um ensaio na revista *The New Yorker*, em 1972,<sup>13</sup> e com seu primeiro romance, *Se o disseres na montanha* (1953). Baldwin, um escritor homem negro homossexual norte-americano, tratou nos dois textos sobre sua complexa trajetória em igrejas evangélicas no Harlem nova-iorquino.

Na ficção do livro ele nos apresenta John, um garoto adolescente às voltas com seus conflitos familiares, sociais e religiosos, como também outras histórias, sempre sobre o tema de ser negro, evangélico e pobre nos Estados Unidos nos anos 1950 e 1960. Já no primeiro texto, ele aborda sua própria experiência nesse universo. As memórias de sua adolescência, da relação com o pai – uma liderança religiosa local – e do curioso encontro com Elijah Muhammad, líder da Nação do Islã (*Nation of Islam*, NOI), um grupo religioso norte americano, islâmico e separatista negro. Em um momento bonito do texto ele conta de quando decidiu passar a frequentar a igreja de um amigo da escola em vez da igreja da qual seu pai fazia parte e na qual era pregador. Na primeira visita, ele conheceu a pastora. Em suas palavras: “Ela estava sentada ali, em seus trajes, com um sorriso, uma mulher muito bonita e altiva, com traços Africanos, Europeus e Indígenas Americanos em seu rosto”.<sup>14</sup> A primeira coisa que ela lhe falou foi: “De quem é esse garotinho?”<sup>15</sup> Ao que ele respondeu amorosamente: “Sou seu”.<sup>16</sup> Anos depois, ao encontrar o Honorável Elijah Muhammad, ele relembra o episódio. O líder religioso o convida para um jantar em sua casa, em Chicago. Na ocasião, ele pretendia apresentar ao escritor uma parte de sua comunidade, falar-lhe de seus pensamentos sobre a branquitude, o cristianismo e convidar-lhe para converter-se e juntar-se ao movimento. Baldwin

<sup>12</sup> O questionário na íntegra consta no Anexo 1.

<sup>13</sup> BALDWIN, J. A. Letter from a Region in My Mind. *The New Yorker*. Nova York. 9 nov. 1962. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/1962/11/17/letter-from-a-region-in-my-mind>. Acesso em 25 mai. 2024. Um trecho do ensaio foi traduzido e está disponível online no site da Editora N-1, na seção Pandemia Crítica: <https://n-1edicoes.myportfolio.com/116>.

<sup>14</sup> “There she sat, in her robes, smiling, an extremely proud and handsome woman, with Africa, Europe, and the America of the American Indian blended in her face”. Tradução minha. Ibid.

<sup>15</sup> “Whose little boy are you?” Tradução minha. Ibid.

<sup>16</sup> *Why, yours*. Tradução minha. Ibid.

partilha suas reflexões sobre uma certa concordância em relação ao pensamento antirracista professado por ele, mas discorda de um certo radicalismo que escuta no discurso de Elijah: na condenação, por exemplo, de relacionamentos inter-raciais e também na fantasia de um estado negro separado do restante dos Estados Unidos.

Ele recupera memórias da casa do seu pai, dos momentos em que sofreu duras repressões por sua aproximação de colegas judeus na escola. Na perspectiva evangélica mais extrema, a convivência não é recomendada devido a discordância em torno da fé em Jesus Cristo. Nessa visão, os judeus são considerados descrentes e, por isso, não serão dignos da salvação quando for a hora do Juízo Final. Baldwin conta que da mesma forma que reagiu ao pai quando foi confrontado com essa arbitrariedade, ele também recusou o convite de Elijah Muhammad e disse-lhe que não se importava se pessoas brancas e pretas se relacionavam. Ele ressalta a diferença entre esse convite e o que ele havia recebido anteriormente da pastora. Compara a reação infantil de acolhimento do sorriso simpático com a resposta adulta do segundo episódio. Enquanto no primeiro ele havia encontrado o acesso a uma comunidade, nesse último, já identificava demandas que comprometeriam suas escolhas afetivas. Ele relembra pensar em silêncio: “Eu amo poucas pessoas e elas me amam, algumas delas são brancas. O amor não é mais importante que a cor?”<sup>17</sup>

As reflexões de James A. Baldwin me sensibilizaram profundamente. Lembro de pensar nas diversas camadas que esse texto atravessava com a necessidade de conciliar questões por vezes contraditórias. Por um lado, ele via nos discípulos de Elijah uma força de politização muito importante no contexto estadunidense, por outro lado, era evidente que não havia qualquer possibilidade de negociar escolhas afetivas em torno de nenhum ideal, seja ele político ou religioso. De qualquer forma, a Nação do Islã prometia algum tipo de paraíso para a população preta americana, tão marcada pelo racismo. A proposta era sedutora, mas Baldwin já não era capaz de acreditar nesse tipo de fantasia infantil. Parecia mais verossímil a perspectiva de uma convivência jamais inteiramente pacífica entre um grupo de pessoas heterogêneas, mas dispostas a sensibilizar uns aos outros da necessidade de acolhimento da beleza e da diversidade. Ele conclui o artigo da *The New Yorker* em torno da pergunta: “O que iria acontecer com tanta beleza?” Diz que ao mesmo tempo em que via muita legitimidade na demanda por vingança de Elijah, também deduzia que a vitória desse intento destruiria coisas muito belas, que ele comparava a uma memória adolescente: a imagem de seu grupo de amigos ainda jovens. Desse ponto, ele suplicava que fosse possível imaginar o fim do pesadelo racial,

---

<sup>17</sup> *I love a few people and they love me and some of them are white, and isn't love more important than color?*  
Tradução minha. Ibid.

não com um tom de esperança, muito pelo contrário, como advertência da inevitabilidade de uma tragédia diante da incapacidade da branquitude de superar sua ignorância e intransigência.

Na perspectiva de Baldwin, a branquitude americana se sentia portadora de algum valor intrínseco, herdado da Europa, e tentava a todo custo oferecer isso aos pretos a partir da projeção de uma necessidade. Ele via além. Na cultura preta ele reconhecia a chave para uma efetiva transformação social nos Estados Unidos do ponto de partida de seu reconhecimento como uma nação inter-racial, no mínimo. Não-branca. Uma coalisão de mudança de valores ao invés da demanda de integração a uma casa em chamas. Assim ele se referia à proposta a que se sentia constantemente convidado:<sup>18</sup> a de assimilar uma cultura branca estrangeira como único caminho de “evolução”. O que é bastante curioso, afinal qualquer retorno a uma suposta origem assemelha-se muito mais a uma involução.

Dessas reflexões me ocorreu a ideia de fazer um questionário que pudesse acessar uma dimensão menos óbvia do trauma da repressão de uma experiência evangélica com tendências radicais e preconceituosas. A trajetória de Baldwin continha essas passagens. A princípio, para ele, o encontro ainda na juventude com uma comunidade religiosa inter-racial o permitiu uma experiência de acolhimento necessária ao seu desenvolvimento pessoal, intelectual e social. Posteriormente, porém, a necessidade de um caminho mais original o colocou diante da necessidade de uma espiritualidade mais livre, política e poética. Para responder a Elijah que ele não tinha interesse de integrar-se ao seu movimento tanto quanto não lhe interessava ser assimilado à casa em chamas da branquitude estadunidense, ele disse somente: “Eu saí da igreja há 20 anos e não me juntei a mais nada desde então”.<sup>19</sup>

Em resposta aos questionários, consegui entrevistas surpreendentes, que me puseram em contato com muitas saídas para o tipo de problema que partilhávamos os 5. Enquanto alguns de nós ainda portavam a marca de uma postura mais introspectiva e contida, outros já não sentiam qualquer dívida com uma certa correção paulina das condutas sociais. Uma parte havia desenvolvido outras práticas religiosas, outra mantinha uma certa distância dos temas da espiritualidade com memória da importância do cuidado diante de tecnologias de alienação coletiva. Para mim, o efeito foi de construção de vínculo e de fortalecimento do desejo de partilhar as minhas e essas outras histórias como incentivo a todos que duvidem da possibilidade de transformar suas experiências de dor e medo do passado.

---

<sup>18</sup> “*Hence the question: Do I really want to be integrated into a burning house?*” Daí a questão: Eu realmente quero ser integrado a uma casa em chamas? Tradução minha. Ibidem.

<sup>19</sup> “*I left the church twenty years ago and I haven’t joined anything since.*” Tradução minha. Ibidem.

## 9 QUESTIONÁRIO

Roteiro entrevista:

Pergunta: O que é Deus para você?

Resposta:

Pergunta: Você pode contar um pouco de como foi a sua trajetória nessa fé? Quando você se tornou evangélico(a), que igrejas você frequentou e com que idade você decidiu se afastar da igreja e da religião?

Resposta:

Pergunta: Eu lembro exatamente do dia em que decidi não frequentar mais a igreja. Meus irmãos e eu já havíamos transitado em muitas e sempre saíamos quando percebíamos alguma dificuldade de nos adaptar. Por fim, chegamos a uma nova congregação e lá ouvimos do pastor na época que era responsabilidade dos pais rasgar os ingressos do Ceará Music (festival de música que acontecia anualmente em Fortaleza) de seus filhos. Na mesma hora, a menção da violência e repressão que nós também vivíamos em casa tornou insustentável a nossa permanência ali. Olhamos uns para os outros e concluímos: vamos embora agora? Saímos no meio do culto e nunca mais voltamos. Você pode contar um pouco sobre como foi a sua decisão de deixar a religião?

Resposta:

Pergunta: Minha experiência na religião foi muito marcada por medos e repressão, muitas vezes da minha sexualidade. Você reconhece algum medo que a experiência da religião evangélica deixou em você? Quais desses medos você considera superados? Quais ainda estão presentes na sua vida?

Resposta:

Pergunta: James Baldwin foi um romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico social estadunidense. Seu primeiro romance, *Se o disseres na montanha* (1953), conta a história de John, um garoto negro que lida com a experiência ambígua de repressão e embranquecimento ao viver uma religião baseada no cristianismo e, ao mesmo tempo, de encontrar apoio, ferramentas sociais e intelectuais nessa comunidade cristã negra. Ele também aborda o

assunto em “Uma carta de um lugar de minha mente”, de 1962, onde relata sua experiência com a fé. Eventualmente, Baldwin também abandonou a religião, que era incompatível com muitas de suas escolhas pessoais, entre elas, a de viver de maneira aberta sua sexualidade. Quando você olha para a sua experiência na religião, você reconhece lugares de aprendizado? Você levou algum ensinamento daquela época para a sua vida posterior?

Resposta:

Pergunta: Assim como Baldwin, sua saída da religião teve alguma relação com a impossibilidade de conciliar essas contradições?

Resposta:

Pergunta: Você ainda se relaciona com algum ícone da religião ou elemento simbólico? O que significam para você a figura de Jesus, a Bíblia, a Cruz?

Resposta:

Pergunta: Na minha experiência com a religião, vivi também repressões com relação a elementos de outras fés, principalmente a fé negra. Havia proibições relacionadas a falar com os mortos que escondiam elementos de racismo religioso. Cresci também com medo de falar com pessoas, ou frequentar espaços de outras religiões. Como foi isso para você? Você também viveu experiências semelhantes?

Resposta:

Pergunta: Qual a sua religiosidade hoje? Você tem alguma fé? Pratica alguma religião? Vive alguma experiência espiritual?

Resposta:

Pergunta: Você sentiu a necessidade de um afastamento mais radical, como um ateísmo, por exemplo?

Resposta:

Pergunta: Você tem a prática de orar? Rezar?

Resposta:

Pergunta: Você gostaria de mandar alguma mensagem para quem vive ou pratica religiões onde a dimensão do medo e da repressão são uma via prioritária? Religiões onde as práticas morais são mais importantes que as práticas espirituais?

Resposta:

Pergunta: Por fim, gostaria de te pedir para você abençoar esta pesquisa e os seus desenvolvimentos.

Resposta:

Agradeço a sua participação. Te informo dos desenvolvimentos da pesquisa para o seu conhecimento.

## 10 KARLLA GIROTTTO

Aqui estamos no dia 7 de abril de 2023, Sexta-feira da Paixão, para entrevistar Karlla Girotto.<sup>20</sup>

Karlla Girotto nasceu em São Paulo, é artista, professora, pesquisadora e escritora. A sua prática artística tem sido marcada por uma pluralidade de ações e efeitos como performance, texto, objeto, instalação, vídeo, fotografia e, especialmente, pela criação e abertura de processos de experimentação e produção. Agindo sozinha ou em coletivos, trabalha pelas relações que se instauram nos processos de invenção e de produção de subjetividade, políticas imaginativas, mágicas, artísticas, filosóficas e curatoriais.<sup>21</sup> Move-se na busca constante de restituição de potências a fim de liberar a vida lá onde ela se encontra prisioneira. Mantém uma prática sistemática de acompanhamento de processos artísticos de outros artistas e conduz o G>E\_grupo maior que eu\_ pesquisa e estudos em arte, que além de estimular práticas de trabalho, tem sido cosmo de sua atuação como artista. Organiza também o G>E de Peito Aberto, mini festival que reúne os trabalhos das(os) participantes do grupo e convidadas(os). Como artista e curadora, participou de diversas residências e exposições, entre as quais destaco: a Residência Artística Museumsquartier, em Viena, na Áustria; a residência artística Comunitária em Buenos Aires, na Argentina; o 9º Salão de Arte da Bahia no Solar do Unhão; exposições na Pinacoteca do Estado de São Paulo e no Valongo Festival Internacional da Imagem. Mestre e Doutoranda pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade PUC/SP no curso de Psicologia Clínica, bolsista CAPES (2013-2015) e CNPq (2019-2020). Ministrou palestras em cursos de graduação e pós-graduação em instituições tais como a Universidade San Martin, em Buenos Aires, Royal College e London College of Fashion, em Londres, Fundação Armando Álvares Penteado-FAAP/SP, IED/SP, SENAC/São Paulo, entre outras. Coordenou o grupo de estudos em moda e performance Mutantes na Sala de Jantar (2008/2010) e o Como Clube do Desenho (2011), ambos no Como Clube.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> GIROTTTO, K. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. São Paulo, 7 abr. 2023.

<sup>21</sup> Cf. GIROTTTO, K. Karlla Girotto, c2019. Página inicial. Disponível em <https://karllagirotto.com/> Acesso em jul. 2024.

<sup>22</sup> GIROTTTO, K. Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Currículo Lattes. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/9568812419625475> Acesso em ag. 2024.

**Ana Cláudia Holanda:** Karlla, eu agradeço o seu aceite para fazer esta entrevista e contar um pouco dessas memórias, dos efeitos de ter participado da Igreja Evangélica em um momento da sua vida. Eu gostaria de começar a entrevista com a pergunta: quem é Deus para você?

**Karlla Giroto:** Primeiro que eu nunca imaginei na minha vida que daria entrevista pelo fato de ter sido evangélica. Isso é inédito para mim. Eu nunca me preparei muito para isso. Depois dessa experiência na minha vida... não existe muito bem um depois, não é? Porque é um depois que continua. Pois minha família inteira continua nessa igreja, minha família inteira continua evangélica. A família da parte da minha mãe. Eu nasci nessa igreja, conheço muito profundamente como as coisas se movimentam, como os afetos se dão, como as relações se dão. Até hoje eu sou muito implicada, imbricada nessas relações porque são as relações familiares. São as relações que eu tenho. Então, quando eu chego nos lugares, sou cumprimentada com o cumprimento típico dessa igreja, que é: “Paz e Deus, tudo bem?” Ou quando eu vou embora é: “Deus abençoe”. Quando me despeço, ou quando alguém me manda um áudio é assim. Ou seja, ainda está muito na minha vida. Ou seja, há um distanciamento, mas hoje depois que a gente conversou e pensou junto, dá para perceber que é uma coisa que não é tão distante assim. Na verdade, é tudo ainda muito próximo, muito familiar. Agora, para te responder: Deus para mim é algo com que nunca rompi. Eu nunca rompi com a sensação que eu tenho do que significa Deus. Eu não rompi, mas eu movimenteí essa estrutura, essa figura, esse significado. Em um primeiro momento, havia ainda muitos atravessamentos, o corpo ainda estava muito muito perto daquelas repressões, daquelas proibições. Era muito mais difícil, mas tem muitas coisas que eu vivenciei lá, não necessariamente coisas que eu aprendi lá, mas que certamente eu vivenciei e que ainda são fortes para mim até hoje. Seguramente, são experiências de que eu não abro mão e essa experiência eu compreendo como relacionada a esse Deus que eu aprendi também a mudar de gênero. Para mim, trata-se de A Deus. É fundamental essa mudança. Quando eu consegui fazer isso, quando eu consegui me comunicar com ela, porque Deus para mim é uma força e é uma mistério. É tudo que de alguma maneira não se explica, algo com o que a gente se comunica [sic] mesmo sem a gente querer, sem saber, tem uma comunicação do indizível e que a gente não controla. Essa comunicação é com essa Deus. Quando eu mudo esse gênero, eu consigo mudar as relações que eu tenho com essa igreja, com essa doutrina, com essas pessoas, com as quais eu mantenho até hoje relações de carinho. Estou me referindo, claro, ao núcleo mais próximo da minha família com quem ainda mantenho vínculos, especialmente minha mãe. Minha mãe, por exemplo, continua sendo uma integrante dessa igreja, meu pai também continuou até morrer. Todo o funeral do meu pai foi feito de

acordo com o ritual próprio dessa igreja. Além disso, ainda mantenho relações de carinho com pessoas importantes da minha infância e da minha adolescência, ainda que não as encontre mais. Ainda assim, foi importante tirar essa coisa do gênero, porque esse gênero é muito impositivo, o gênero masculino e masculinizante de toda a construção patriarcal do velho testamento que é característica do gênero com a qual essa igreja mais se relaciona. Foi libertador. Pode parecer bobo. Você pode falar: "Ah, mas você transformou tudo em feminino, você feminizou tudo?" Em um certo sentido, sim. E isso, de alguma maneira, me permitiu acessar um afeto que estava lá e que, daquela maneira, eu não conseguia acessar porque ainda era muito duro. Ainda é muito difícil, muitas coisas ainda são muito desafiadoras de compreender que aconteceram, de dar um lugar para elas. Um lugar que seja menos penoso. Tem muita coisa que ainda é penosa, muita coisa que ainda é muito dolorida, mas eu consigo hoje lidar. Eu consegui me movimentar em muitas coisas e eu consigo ter relação com algumas coisas, com as experiências, inclusive, e colocar em um lugar melhor. Portanto, A Deus, essa força que é uma vibração feminina para mim. Inclusive, não a coloco no gênero mulher, não é isso. A coloco no gênero vibração. É uma força. É uma força do Mistério, da vida que a gente fica tentando colocar em palavras, construir uma linguagem, mas nunca vamos conseguir.

**Ana Cláudia Holanda:** O que muda quando vai para o feminino? Dribla, talvez, essas violências patriarcais?

**Karlla Giroto:** A linguagem muda tudo. Essa igreja tem uma questão de gênero muito marcada. Os homens sentam-se de um lado. As mulheres sentam-se de outro. Quem conduz toda a liturgia são os homens. As mulheres são acompanhantes desses homens. Todo protagonismo da igreja é masculino. Inclusive, na orquestra, somente os homens podem tocar os instrumentos. O único instrumento que as mulheres podem tocar é o órgão. O gênero é muito marcado e as mulheres não podem nada. O homem é o cabeça da casa. O homem é o cabeça da igreja e as mulheres seguem esses caras. Quando eu começo a entender que o patriarcado que me formou, [sic] coreografou meu corpo desde a minha mais tenra idade, pois eu nasci nessa igreja, era tão marcante nessa experiência, eu preciso fazer algo com isso.

**Ana Cláudia Holanda:** Como começa essa história com a Congregação Cristã no Brasil?

**Karlla Giroto:** Não sei falar muito sobre isso. O que eu sei é que as minhas tias-avós por parte da minha mãe eram da Presbiteriana. Não sei quem foi para a Congregação Cristã no Brasil e

começou a levar todas elas. A congregação é mais radical que a Presbiteriana. Na congregação tem a coisa dos costumes. A presbiteriana não. Uma pessoa da presbiteriana andando na rua é só uma pessoa andando na rua. Ou melhor, até mesmo um homem da congregação andando na rua é só um homem andando na rua. Já uma mulher crente, de saião e cabelão andando na rua, não é só uma pessoa andando na rua. Então os costumes são mais pesados para as mulheres. Elas não podem usar maquiagem, não podem cortar o cabelo, não podem usar uma saia acima do joelho, não podem usar uma calça. Os costumes são muito severos. Eu não sei dizer como minha família foi parar nessa igreja, o que eu sei é que "desde que eu me conheço por gente", toda a família da minha mãe é dessa igreja. Já a família do meu pai, com quem eu tive muito menos contato na vida, tinha uma parte que era Testemunha de Jeová, que já é outro transe, outra loucura.

**Ana Cláudia Holanda:** Também é muito radical. Igualmente muito severa com relação aos costumes.

**Karlla Giroto:** Também é muito radical. Eu não podia frequentar muito lá porque minha mãe não gostava. Essa coisa de bater na porta das pessoas, sabe? Voltando à sua questão: o que muda quando muda o gênero? Muda uma determinada aproximação que eu posso ter com a experiência. Me permite me aproximar da experiência de ter participado de vários rituais que foram importantes para mim. O que me fazia mal e a coisa com que eu cortei radicalmente foi com essa experiência patriarcal, com essa interdição absoluta do corpo que é a interdição da própria vida de alguma maneira. Pois é nele que você elabora a vida, no seu próprio corpo. Então esse pensamento mira radicalmente uma transcendência e te coloca nela. Enquanto essa voz masculina está o tempo inteiro te pautando, está pautando a sua vida. Quando eu mudo esse gênero, tento me dar uma chance de me aproximar de uma coisa que havia sido, de alguma forma, boa. O que eu quero dizer aqui é que eu não joguei tudo no lixo.

**Ana Cláudia Holanda:** Tem uma dimensão aí de formação e caráter muito importante, não é? Você contou que ficou até os 20 anos muito presente na religião. Até os 16 dentro da igreja e depois até os 20 anos ainda frequentando bastante, mas já com algumas questões. Conta um pouco como foi esse momento. Afinal, esse período é muito importante. Dos 0 aos 20 anos de idade é praticamente toda a infância, ou melhor, é toda a infância, toda a adolescência e o começo da vida adulta. Se você jogar tudo fora, o que sobra?

**Karlla Giroto:** Eu sempre fui muito rebelde, não é? Se vocês pensam nessa pessoa que vocês conhecem hoje, vocês imaginam que eu não era muito diferente. Eu fui me encontrando nessa diferença. Isso vai ficando mais claro pra mim. Eu virei adolescente e essa diferença ficou muito evidente. Porque eu não me conformava ao papelzinho da mulherzinha feita para casar, para sustentar aquela tradição, para aumentar a vida familiar naqueles moldes. Essa diferença ficou muito gritante na minha adolescência porque eu fiquei inconformada com aquilo tudo, me rebelei contra o meu pai. Me rebelei com a minha família, com essa coisa de que todo domingo eu tinha que estar na igreja, Eu morava numa vila da Zona Leste de São Paulo, que é uma vilinha de interior. Era praticamente uma cidade do interior. Eu morava em frente ao ponto final do ônibus e todo domingo, umas duas da tarde, que era o horário que a gente ia para o culto de jovens, a gente via a galerinha esperando para pegar o ônibus para ir para a boate mais perto, para a matinê. Era onde eu queria estar. Eu me identificava com a galerinha. Além disso, tinha a coisa da roupa porque eu ia para escola de uniforme, então não usava o saião de crente na escola. Ali eu estava meio disfarçada. Mas eu nunca conseguia me disfarçar completamente porque aos domingos todo mundo me via de saião a caminho do culto de jovens para o qual eu era, praticamente, obrigada a ir. Nisso eu vou descobrindo que aquilo não fazia sentido. Me sentia em uma prisão e era realmente uma prisão mesmo. Minha casa tinha um portão pequeno assim de um metro e meio. Eram umas grades de ferro. Às vezes eu sentava ali naquele portão e ficava olhando o mundo lá fora. Eu pensava: quando que eu vou estar lá? Porque até agora eu só tô aqui dentro. Nesses pensamentos, nessas reflexões eu vou vendo que eu não tinha nada a ver com nada daquilo. Nesse momento, eu me apaixono por um rapaz. Ele era de uma igreja do bairro vizinho e eu movia céus e terra para encontrar com ele. Eu ia nos cultos que eu sabia que ele iria estar, eu ficava rodando nos bairros atrás dele. Ele era muito sedutor e sabia que eu era meio apaixonada por ele. Não tinha como disfarçar. E ele fazia uma corte, mas ele nunca se aproximava de fato. E a história fica mais louca porque os anos se passam e eu permaneci apaixonada por ele uns 3 anos. Eu deveria ter uns 16 anos. Agora, já não lembro exatamente. Talvez 15. Um dia, recebo a notícia de que a mãe dele morreu. Eu pensei: “Minha oportunidade! Minha chance de me aproximar”. Velório de crente, minha gente. Vocês já foram? É uma cena. Aquela despedida. É um ritual muito importante. Todo mundo vai. A igreja inteira vai prestar as últimas homenagens ao morto e acolher a família. Essa coisa muito forte da comunidade. É um grande momento. Talvez casamento e funeral na igreja sejam os momentos mais importantes. Vem todo mundo da região. Eu já percebia que tinha dias que ele sumia. Naquele dia, eu descobri que ele era noivo de uma mulher do interior. Ele tirava a aliança para me paquerar. Quando eu soube, me senti traída. Ali eu entendi tudo. Esse cara me fez entender que

era tudo uma grande mentira. Que era uma orquestração, uma coreografia de coisas para manter alguma coisa que naquela época não sabia o que era. Mas, ao olhar aquela cena toda, eu entendi. Ao me ver ali, parte daquela cena, percebi que era hora de escapar. Comecei a usar outras roupas, usar maquiagem. Inventar outras coisas para mim. Eu já inventava muito desde pequena, já contei muitas vezes a história da minha avó que me ensinou a fazer uma minissaia porque ela não podia fazer para mim porque era crente. Eu aprendi a costurar com essa avó para fazer minha minissaia. Eu já inventava minhas roupas e isso também era um problema na igreja. Eu ia com as roupas do tamanho da roupa de crente mas nunca era uma roupa de crente de verdade porque o que eu fazia, o que eu inventava, minhas bolsas com fundo de Tupperware, meus sapatos pintados com tinta de porta porque eu queria as cores mais extravagantes. A minha presença já era um ruído muito grande na igreja. Isso foi ficando mais evidente até esse episódio com esse cara. Aí eu pensei que era hora de eu tentar outras frequências. Aí eu começo a ir embora.

**Ana Cláudia Holanda:** Tem um corte aí de Eros, não é? Ao mesmo tempo, o corte de uma ética. Nesse momento parece que cai uma certa moral. De repente, essas pessoas puras, escolhidas e melhores do que todo mundo mostram quem são verdadeiramente. Esse discurso de superioridade moral e espiritual não se sustenta.

**Karlla Giroto:** E aí eu vou percebendo que não é bem assim.

**Francisco Freitas:** Você pulou o portão de casa e foi para a boate?

**Karlla Giroto:** Demorou um pouquinho, mas eu fiz. Eu fui. Demorou porque nessa época eu tinha mais ou menos 16 anos. Eu comecei a vislumbrar essa possibilidade, mas não via como sair porque meu pai era uma pessoa muito violenta. Era uma violência expressa. Não era uma coisa comedida. Eu tinha medo dele. Ele teve quatro filhas mulheres. Eu sou a segunda. A minha irmã mais velha foi quem se rebelou primeiro. Mas, pouco depois, ela começa a ficar muito conformada com essa coreografia. Ela vai se ajustando. A diferença que eu expressava naquela época, ela fazia em dobro. Ela namorou um metalheiro, ele ia na porta de casa e, quando meu pai chegava do culto com os amigos, ele estava lá. Meu pai não gostava porque achava que tinha que se explicar para os amigos. A gente ia para o cemitério com esse namorado dela. Antes mesmo de eu me apaixonar pelo cara, eu ia para o cemitério com a minha irmã. Um dia, meu pai expulsa esse cara de casa e ele não aparece nunca mais. Depois disso, minha irmã cai

em uma depressão. Logo depois, ela começa a conciliar o mundo dela com o dos meus pais. Ela começa a ficar muito parecida com as meninas da igreja e, eventualmente, casa com o cara da igreja. É nessa época que eu falo que nunca, jamais, vou ser assim. Quando eu vejo tudo isso e vejo a minha irmã, que era essa mulher rebelde, entrar nisso, eu falo: “Nunca, jamais!” Eu começo a confrontar meu pai mais radicalmente. Começo a ir para as festas, voltar de manhã. Passam-se os anos, minha mãe tenta fazer alguma coisa. A me aconselhar a não fazer isso. Minha avó também. Elas dizem: “Você vai se ferrar”. Nessa época, eu sentia muita culpa. Não era uma coisa fácil. Eu ia para a festa mas não ficava liberta lá. Era o mais desafiador. Alguns ensinamentos da Bíblia e esse ambiente religioso trabalham muito bem com a culpa, é um lugar onde há um vínculo que demora a ser elaborado.

**Ana Cláudia Holanda:** Você acha que isso já passou?

**Karlla Giroto:** Sim, já passou. Posso te falar tranquilamente que sim. Estou falando disso aqui, não é? Se não tivesse passado, eu não me sentiria à vontade de estar expondo esse mecanismo de poder, de violência. Eu sentiria muita culpa. Se eu estou falando, então, é porque eu acho que já passou. Eu acho não. Eu sinto que já passou. Ou melhor, eu sei o que tem de experiência e que foi bom e que eu guardo comigo. Mas eu sei que o que eu não quero mais. Obviamente, já tentaram me convencer a voltar. Me mandam vídeos de cultos, convites. Eu agradeço por eles terem se lembrado de mim e explico que não vou voltar.

**Ana Cláudia Holanda:** Tem uma não aceitação da sua escolha?

**Karlla Giroto:** É velada, mas tem. Não vem da minha mãe. Durante muito tempo, sim, pois ela considerava que nossa distância da igreja era um fracasso dela. Não era só do meu pai, ela também sentia muita culpa porque acreditava que tinha errado em não passar para as filhas o exemplo correto. Sentia-se mal de nenhuma das filhas ter continuado na igreja. Minha mãe precisou lidar com isso.

**Ana Cláudia Holanda:** A dona Dudu. A Macabéa dessa história. Ela tinha um papel duplo, não é? Por um lado, havia essa obediência ao patriarcado, mas por outro, toda uma fabulação romântica junto com essas filhas. Também queria te perguntar o que era essa violência do seu pai.

**Karlla Giroto:** Ele batia mesmo.

**Ana Cláudia Holanda:** Ele batia em você, nas suas irmãs e na sua mãe?

**Karlla Giroto:** Sim. Você aprende amor e carinho na igreja, mas também aprende a violência. O velho testamento é super violento. É guerra, é ira, é povo contra povo. É Deus do lado de um povo só. Tem muita violência. Quando eu chegava em casa, eu tinha essa violência lá também. Meu pai ia para a igreja e orava, ao mesmo tempo ele voltava para casa e fazia aquilo com a gente. Claro, antes do meu pai morrer, ele sofreu um AVC e ficou 5 anos doente. Com isso, ele mudou de personalidade. Foi a minha sorte e a dele porque quando ele mudou de personalidade, ele conseguiu se afastar dessa captura do patriarcado e pôde amar. Nessa época, ele falava coisas que ele nunca tinha dito a vida inteira. Por exemplo: “Filha, eu te amo”. “Filha, eu tenho saudades”. Assim, eu me aproximei do meu pai. Eu pude descobrir ali naquela doença, ou melhor, naquela saúde. Naquela saúde amorosa afetiva, eu descobri um pai que eu nunca tinha tido. Meu pai era muito encorajado nesse patriarcado evangélico e dizia: "Minha filha tem que ser da igreja!" "Minha filha não vai desviar!" Que objetivo é esse que você desvia? Enfim, essa era a violência. Era um ambiente muito violento, de muita opressão repressiva. Não podia dançar. É uma interdição do corpo muito radical. Imagina, se meu pai me visse dançando, eu poderia apanhar. Era assim. Era muito violento.

**Francisco Freitas:** Teve algum ponto de ruptura para vocês? Ou foi um processo mais dilatado?

**Ana Cláudia Holanda:** Vou juntar a minha pergunta na sua. Eu lembro exatamente o dia em que decidi não frequentar mais a igreja. Meus irmãos e eu já havíamos transitado em muitas igrejas e sempre saíamos quando percebíamos alguma dificuldade de nos adaptar. Por fim, chegamos a uma nova congregação e lá ouvimos do pastor, na época, que era responsabilidade dos pais rasgar os ingressos do Ceará Music (festival de música que acontecia anualmente em Fortaleza) de seus filhos. Na mesma hora, a menção da violência e repressão que nós também vivíamos em casa tornou insustentável a nossa permanência ali. Olhamos uns para os outros e concluímos: “Vamos embora agora!” Saímos no meio do culto e nunca mais voltamos. Você pode contar um pouco sobre como foi a sua decisão de deixar a religião? Houve um marco?

**Karlla Giroto:** Não. Como em toda relação abusiva, você fica se perguntando se você vai embora mesmo. Se você vai ter vida fora dali. Se a vida fora dali é melhor mesmo. Eu sentia muita culpa. Eu misturava a coisa do vínculo familiar com esse abuso do poder da religião. Eu me perguntava muito. Tinha também a relação muito forte que eu tinha com a minha avó. A mãe da minha mãe. Ela era uma pessoa muito religiosa e eu ficava muito pensativa. Achava que ela ia ficar triste comigo. Por isso, eu fiquei em uma coisa mais indecisa. Não conseguia fazer uma ruptura: daqui para frente, nunca mais! Eu não ia, depois eu ia. Ia mais um pouco, depois eu não ia mais. Ia a uns três cultos consecutivos, via a minha avó. Deixava ela perceber que eu estava ali. Depois ficava mais um tempo sem ir. Em algum momento, minha avó perguntou: “Você nunca mais vai?” Foram uns anos de trânsito mesmo. Mas hoje eu sei quais marcas ainda estão em mim. Quais eu ainda carrego comigo até hoje. Com o tempo, eu fui me tornando consciente de que não era mesmo possível continuar. Eu não podia mais me submeter a esse tipo de situação, que isso era abusivo e que tinha alguma coisa que era muito difícil para mim. Mas não teve uma ruptura real nem com as pessoas da minha família, nem com ninguém. Eu nunca fiz isso. A única pessoa que eu acho que eu enfrentei foi um tio. Esse tio é um ancião da igreja. E eu enfrentei ele em uma questão sobre o criacionismo. Ele não me respondeu. Falou algum sofisma que dizia algo tipo: “Há mistérios de Deus com os quais a gente não lida”. Foi evasivo.

**Ana Cláudia Holanda:** Foi uma saída mais diluída?

**Karlla Giroto:** A mesma coisa que eu fiz quando eu saí da casa dos meus pais. Eu levava minhas coisas embora em sacolinhas de supermercado. Eu falava que ia dormir na casa de uma amiga. Eles perguntavam e eu negava. Mas eu acho que teve um dia que meu pai e minha mãe sacaram. Perceberam que eu não estava mais morando lá. Teve esse dia e, esse dia, meu pai chorou. Acho que foi uma das poucas vezes que vi meu pai chorando. Foi no dia que eu falei, ou que ele percebeu, que eu estava indo embora. Que eu não ia mais morar lá.

**Ana Cláudia Holanda:** Como que ele percebeu?

**Karlla Giroto:** Eu não lembro. Só sei que teve esse dia. Eu tenho muitas questões com as memórias dessa época. É uma memória muito difusa. Não é uma memória muito clara, são nuances. Eu sei coisas, mas se você pedir para eu detalhar, não consigo.

**Francisco Freitas:** Eu achei muito bonita essa imagem. Você foi levando suas coisas na sacolinha do supermercado. Foi saindo aos poucos. Levando o que era seu e deixando o que não era. O que não fazia mais sentido para você dessa relação com a família que era imbricada com a relação com a igreja também.

**Karlla Giroto:** Isso mesmo.

**Ana Cláudia Holanda:** Muito bom perceber essas diferentes estratégias. A minha tendência é pensar na confrontação, que foi a minha estratégia. Mas é bom perceber que há outras formas que são igualmente eficazes. Vou seguir para minha próxima pergunta. Minha experiência na religião foi muito marcada por medos e repressão, muitas vezes da minha sexualidade. Você reconhece algum medo que a experiência da religião evangélica deixou em você? Quais desses medos você considera superados? Quais ainda estão presentes na sua vida?

**Karlla Giroto:** Nossa, se você me fizesse essa mesma pergunta há três anos atrás, eu saberia nomear até o elenco. Mas a terapeuta fez o trabalho dela direitinho.

**Ana Cláudia Holanda:** Quem era essa Karlla de três anos atrás? O que ela sentia?

**Karlla Giroto:** Medo. Medo e culpa. Tinha também tudo o que se cria em torno dessa ideia de pecado. O pecado é tudo o que diz respeito ao prazer terreno. A vida não está aqui. O que eu aprendi nessa experiência religiosa, nesse tipo de religião na qual eu cresci, é que a vida na Terra é algo contra o que é preciso combater. Você precisa conseguir atravessar essa vida para estar na outra. Onde será possível ser feliz, no céu. Então essa vida na Terra ela é uma provação, ela não possui prazer. O perigo e o pecado estão ligados ao prazer. Então o medo de pecar é o medo de sentir prazer. Se eu tiver prazer, estou, simplesmente, ignorando e jogando no lixo aquilo que eu aprendi. Que estou fazendo algo que não é para ser feito. Essa experiência de prazer foi uma grande conquista na minha vida. Uma conquista radical. Quando eu me dei conta de que esse corpo era meu. É dele que saem as experiências e é a ele que elas retornam. Isso foi uma conquista muito importante para mim. Foi um trabalho de anos. Porque esse medo, essa culpa estava ligada a experiência do corpo. Não é para você ter um corpo porque ele é só um veículo que te ajuda a atravessar essa experiência terrena. Tudo o que acontece é fora dele e ele é somente um empecilho. O medo do pecado está de alguma maneira relacionado ao medo de constituir um corpo para si.

**Ana Cláudia Holanda:** Na minha experiência de separação do cristianismo, outras religiões fizeram parte dessa tentativa de acesso ao prazer do corpo. Essa mediação entre o espiritual e o físico não é marcada pelo desprazer em todas as religiões. Elas me ajudaram a desfazer essa obrigatoriedade. Você também teve experiências assim?

**Karlla Giroto:** Tive sim. Mas eu fujo de qualquer experiência que tenha essa conotação religiosa. Ou melhor, a forma como eu entendo religião hoje é muito diferente. Por exemplo, eu considero a experiência com a ayahuasca uma conexão espiritual. Mas de qualquer grupo que remeta minimamente à experiência religiosa que eu vivi no passado, eu fujo. Eu tenho uma concepção mais dilatada hoje do que é religião. Acender um incenso, queimar umas ervas em casa, conversar com esses seres invisíveis que passam, que estão por aí e que eu sei. Isso é religião para mim. Mas isso não está delimitado por nenhuma regra humana, nenhuma doutrina. Eu não consigo mais. Eu não tenho mais como lidar com isso. Estourou o meu limite para esse tipo de coisa. Não dá para mim. Embora eu saiba o que é, qual a função, não consigo mais.

**Ana Cláudia Holanda:** Você conversa com Deus? Ou melhor, você conversa com A Deus?

**Karlla Giroto:** Não da mesma forma que antes. A conversa e a comunicação mudaram. Mas eu converso, sim.

**Ana Cláudia Holanda:** Na minha experiência religiosa havia essa coisa da oração. Tinha uma falação: “Querido Deus, todo poderoso” e por aí vai. Era uma coisa muito mental.

**Francisco Freitas:** Que sempre terminava com "Em nome de Jesus, amém".

**Ana Cláudia Holanda:** Isso mesmo. Mas essa coisa da palavra. Você não conversa mais assim, é isso?

**Karlla Giroto:** Isso mesmo.

**Francisco Freitas:** Gostaria de retomar um pouco sobre a sua avó. Como era a relação dela com a religião?

**Karlla Giroto:** Ela tinha uma concepção completamente diferente de tudo isso. Mas isso é muito recente para mim. É quando eu vou para o sertão, quando eu conheço tudo isso que eu entro em contato com essa dimensão da minha família. Inclusive, não é preciso romantizar. Porque lá tem tudo o que tem aqui. Carro, moto, Internet. Mas há algo ancestral que está muito melhor escrito lá do que aqui. É nesse momento que eu começo a me perguntar o que todas essas mulheres estavam fazendo dentro dessa igreja. Minha mãe, minha avó, minha bisavó. Como todas elas foram parar ali? Eu ainda tenho comigo as imagens delas todas juntas na igreja, sentadas no mesmo banco, cantando aqueles hinos. Eu lembro de eu ir com a minha bisavó para igreja, ainda no colo dela. Mas eu não conheci a minha bisavó no Sertão. Eu fui na casa dela lá, fiquei hospedada, mas eu vi ela na igreja aqui em São Paulo. Então eu começo a lembrar que ao mesmo tempo que havia a igreja, havia tudo isso. Havia elas de manhã, no telefone umas com as outras. Mas isso do telefone veio depois, antes era o encontro delas para contar sonho umas para as outras. Havia as plantas de cura, minha avó conhecia todas as plantas e nos curava com elas. Primeiro, porque os recursos eram poucos e ela conhecia essas outras tecnologias. Ela fazia mamadeira de mastruz para as netas. Eu cheguei a tomar e foi aí que fui vendo que é um cruzamento muito louco. Tem um apagamento muito radical da sua origem que vai sendo tentado, mas ele não é efetivo. Há coisas muito sutis e delicadas, que são de uma outra natureza de comunicação. Com isso, algumas coisas vão sobrevivendo. Por exemplo, contar e interpretar sonhos não é pecado. Vidência é pecado, mas sonhar, não. Nesse momento, eu começo a entender melhor a importância da minha mãe. Ao mesmo tempo em que ela muitas vezes se sentia fracassada por não ter levado as filhas para a igreja, não tê-las ensinado no caminho de Deus, há regozijo dela em nos jogar para fora disso. Havia um gozo dela de que nós não fôssemos limitadas somente àquilo. Ela nos estimulava como podia, comprava o melhor material que conseguia, incentivava as aulas de artes. Com isso, eu consigo pensar nessas linhas de escape e perceber que eu pude escapar um tanto mais ainda do que elas. Eu não sei o que manteve elas o tempo inteiro ali.

**Ana Cláudia Holanda:** Há um mistério aí, não é? Porque enquanto há uma profecia de fé por parte delas, há um discurso manifesto de apoio à religião. Elas não são obrigadas a estar aí, elas escolhem estar aí. Ao mesmo tempo, há essas redes sub-reptícias de resistência. A partir do sonho, dessas redes de cuidado femininas, esse conhecimento sobre essas ervas de poder, a costura. Enfim, há um caminho que vai se delineando por aí. Vou encaixar aqui minha outra pergunta.

James Baldwin foi um romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico social estadunidense. Seu primeiro romance, *Se o disseres na montanha* (1953), conta a história de John, um garoto negro que lida com a experiência ambígua de repressão e embranquecimento ao viver uma religião baseada no cristianismo e, ao mesmo tempo, de encontrar apoio, ferramentas sociais e intelectuais nessa comunidade cristã negra. Ele também aborda o assunto em “Uma carta de um lugar de minha mente”, de 1962, onde relata sua experiência com a fé. Eventualmente, Baldwin também abandonou a religião, que era incompatível com muitas de suas escolhas pessoais, entre elas a de viver de maneira aberta sua sexualidade. Quando você olha para a sua experiência na religião, você reconhece lugares de aprendizado? Você levou algum ensinamento daquela época para a sua vida posterior?

**Karlla Giroto:** Boa pergunta. Muito provavelmente. Talvez os ensinamentos dessas mulheres. Essa é uma dimensão muito difícil de circunscrever. Porque atravessa algo da ordem de uma formação de personalidade, de caráter, de valores. Eu não sei dizer o que foi formado de valor em mim lá e o que já era meu. Eu sei os valores que eu questionei depois. Aqueles que não me serviam, mas eu nunca olhei para os que me serviram. Que me parecem similares e que eu não desmoronei. O que eu não rejeitei, eu não meditei muito tempo. Provavelmente havia coisas boas, mas como eu não rejeitei, não precisei olhar para eles [os valores] por muito tempo e eles estão aqui de uma maneira mais sutil, mas me formaram com certeza, eu só não sei te dizer agora como. Ou também “Isso aqui veio de lá, isso aqui, sim, com certeza, foi a religião”. Não sei, gente. Imagina o que é estar dos zero aos 16 anos, todo domingo. Talvez duas a três vezes por semana numa igreja, num lugar. É muita coisa. É mais do que eu já fui em qualquer lugar, mas do que isso eu só fui na escola. Porque a escola é todo dia. Atualmente, vou trabalhar. Mas é muita coisa, todo esse tempo falando do mesmo assunto. É uma formação.

**Ana Cláudia Holanda:** Interessante a sua resposta a essa pergunta, Karlla. Porque revela uma dimensão interessante dessa questão. Como você estava nesse intensivo, tem muita coisa aí que não é necessariamente da religião, mas que está circunscrita pela temporalidade da sua experiência na religião. Você revela, assim, uma dimensão da pergunta que pode deixar a coisa um pouco confusa. Porque tem algumas experiências que você estava tendo ali com a sua mãe, com as suas avós, mas que falam muito mais da sua ancestralidade feminina junto com essas mulheres, que está entremeada nesse tecido religioso, mas que é necessariamente da religião. As coisas eram reveladas ali naquela experiência, mas não significa que a origem era essa.

**Karlla Giroto:** Uma coisa que me ocorre é que talvez eu tenha encontrado bastante essas mulheres por conta da convivência proporcionada pela igreja. Minhas tias, minhas avós principalmente. Eu ia tanto na igreja que me pergunto se teria encontrado tanto com elas se não fosse toda semana na igreja que elas também iam. É uma coisa muito costurada, que acontece de maneira muito próxima. A vida, ao mesmo tempo, o aprendizado, esses anos de formação. Tudo isso ali acontecendo nesse tempo compartilhado na igreja. Eu não saberia separar hoje para você uma coisa da outra. O que eu aprendi do que eu aprendi fora de lá. Foi tudo meio junto, minhas primeiras amizades foram lá, uma primeira ideia de confiança foi lá que eu aprendi. Tive algumas amigas lá naquela época.

**Ana Cláudia Holanda:** Tem uma parte B dessa pergunta que tem a ver com a experiência da sexualidade, sobre a qual você já contou um pouco. A diferença na experiência do Baldwin é que a condenação da homossexualidade dele, o veto sobre a vivência da sexualidade dele tornou sua vida incompatível com a religião muito prematuramente. Você contou sobre o seu encontro com o "falso varão".

**Karlla Giroto:** Com o noivo!

**Ana Cláudia Holanda:** Essa experiência parece ter sido decisiva para esse corte com a religião. Quando esse erotismo atravessa de maneira muito radical essas regras impostas ao corpo.

**Karlla Giroto:** Foi muito decisivo. Imagina só. Eu estava apaixonada por um cara exemplar. Ele era um desses homens modelo da igreja. Sabe? O moço casadouro que vai constituir família e eu estava me preparando para ser a esposa dele. Repara como essa performance estava entranhada. Atualmente, meu trabalho fala muito sobre isso. Sobre as performatizações dos papéis de gênero que são dadas para você quando você nasce. Quando eu entrei na adolescência, eu entendi o quanto esses papéis de gênero já estavam lá colocados. Eu nem me perguntava sobre essa narrativa e eu projetava nesse cara a pessoa que ia me fazer a esposinha dele. Ainda bem que eu fui nesse velório e vi essa aliança. Quando eu vi a noiva dele, que era muito mais esposinha do que eu, percebi o meu papel ali naquela cena. Porque eu era a esposinha da diferença, de coturno branco. De saião de crente, mas com o coturno cheio de taxa. Ela não, era exatamente essa mulher com cabelo até o joelho. Vi muitas vezes essas cenas. Foi aí que comecei a jogar algumas coisas no lixo. A essa época eu já estudava à noite. Trabalhava como recepcionista em uma fábrica de peças de ônibus. Então, eu começo a ir para a escola de

miniblusha e batom. Um dia, estava exatamente assim no boteco em frente à escola e passa ele lá. Estava lá com as minhas amigas e ele passa do outro lado com os amigos dele, todos de terno a caminho da igreja. Ele cruza a rua e vem me afrontar. Eu ainda me escondi para não ter que falar com ele, mas ele foi lá dentro me procurar e fala em alto e bom som no meio do boteco: "Paz e Deus, irmã". Eu pensei: "Aqui você quer me constranger, mas você não ficou constrangido de esconder sua aliança, não é?" Ali as coisas começam a mudar para mim. Foi o limite que eu me dei para deixar de performar esse papel. Não dava mais. Dali para a frente, foi miniblusha e batom. Larguei essa coisa da garota crente de saia e meia fina e comecei a chamar atenção, ficar exuberante.

**Ana Cláudia Holanda:** É curioso como essa coisa da vestimenta tem um papel importante. Te ouvir hoje me fez lembrar de uma experiência que eu tive no começo da adolescência. Eu deveria ter próximo dos 14 anos quando meu pai começou uma campanha para migrar para a igreja Assembleia de Deus. Ele considerava a igreja que nós frequentávamos muito moderada. Na Assembleia de Deus essa coisa da "manifestação do Espírito Santo" era mais forte. As pessoas gritavam, choravam, pulavam no meio da igreja. Enquanto na igreja Batista isso era muito diferente. Era um culto muito mais tranquilo, com os cânticos, depois uma pregação, no máximo uma choradinha se alguém se convertesse. Então começamos a frequentar em domingos alternados, até que ele chegou com a proposta para a minha mãe e eu lembro que eu fui uma peça importante para impedir esse movimento. A coisa que eu coloquei para ela era que não ia ser possível para mim mais aquela outra camada de repressão. Que iria tornar muito sofrida a minha vivência da mulheridade. Disse para ela que não ia ser possível. Até hoje eu acho muito curioso lembrar disso porque eu consegui traduzir muito precocemente para a minha mãe uma dimensão de sofrimento psicológico que isso me acarretaria. Não sei o quanto ela entendeu, mas não fomos para a Assembleia de Deus.

**Karlla Giroto:** Na Congregação, os primeiros sinais de que uma pessoa está desviando se dão na vestimenta. Principalmente quando são mulheres. Alguém corta o cabelo, começa a pintar o cabelo. Aparece na igreja de maquiagem, com uma saia mais curta. As pessoas começam a comentar: "Está desviando! Nessas horas, as irmãs começam a ficar preocupadas, se propõem a fazer uma visita. Suspeitam que não está tudo bem. Mas a roupa é normalmente o primeiro indício.

**Francisco Freitas:** Às vezes, não passa de um detalhe. Uma maquiagem quase imperceptível. Pode ser só um lápis. Isso já ativa tudo o que no corpo estava limitado.

**Karlla Giroto:** A regra era muito rígida. Muitas vezes milimétrica. Quando eu era criança, antes dos 10 anos, convivi com um senhor mais velho da igreja. Um ancião. Um cara que já estava lá nos primórdios. Já era velho quando começou. Ele era responsável por proibir as pessoas de entrarem na igreja se estivessem com uma saia 2 centímetros acima da medida permitida.

**Ana Cláudia Holanda:** As pessoas, no caso, as mulheres.

**Karlla Giroto:** Claro, as mulheres. Mas para os homens também havia muita repressão. Era o final dos anos 1970, mas não podia usar o cabelo um pouco mais comprido. Não podia usar barba. Mas para as mulheres era essa coisa da saia, da manga da camiseta. Uma prima já voltou para casa por conta do comprimento da manga. Não podia. Não podia usar decote. Era essa coisa da régua. Tudo milimetricamente determinado. Então era um corpo todo reprimido. Então imagina os efeitos disso na subjetividade.

**Ana Cláudia Holanda:** De fato, na minha época eu vi essa repressão também sendo imposta aos homens dessa congregação da Assembleia de Deus. Eles não podiam usar shorts. Somente as crianças. Então havia um irmão que era marceneiro e ele morava do lado da igreja. Trabalhava no interior do Ceará, com os termômetros marcando 30° todos os dias e ele usava calça.

**Francisco Freitas:** É importante lembrar dessa dimensão de captura do patriarcado. Porque também é uma prisão para os homens, principalmente a partir de uma promessa de poder. Vamos pensar que esse jovem que te seduzia também estava preso nesse mito da donzela. O quanto ele também não escolhia ela por achar que era isso o esperado dele dentro desse pacto. Mesmo que ele estivesse apaixonado por você.

**Karlla Giroto:** Claro. Eu era a differentona.

**Ana Cláudia Holanda:** Você, não é Karlla? Como uma boa filha de Eva, ia fazer o seu papel muito bem. Ia desviar Adão muito rápido.

**Karlla Giroto:** Eu só fui entender essa coreografia para os homens dentro do patriarcado muito anos depois, quando meu pai ficou doente. Não tiro a responsabilidade dele sobre a própria agência, mas havia muito repertório também. Havia um papel que ele achava que tinha que desempenhar. Não havia alternativas ali, ele não teve condições de entender que podia fazer de outro jeito, que podia ser outra pessoa com as filhas, com a esposa. Esse patriarcado maluco era o único recurso que ele tinha de assistência. Qualquer problema familiar que ele tinha, era com esses irmãos que ele queria conversar. Com esses caras que sustentavam essa doutrina, essa interpretação da Bíblia. Por exemplo, essa minha irmã que casou com um cara da igreja. A minha irmã mais velha. No primeiro ano do casamento, o cara meteu a mão na cara dela. Simplesmente, meteu a mão na cara dela. Logicamente, quando isso aconteceu, ela foi falar com um ancião da igreja. Era assim que as coisas eram conduzidas. Esse mesmo tio que eu confrontei, ele falou para ela que isso era normal. Era porque eles eram recém-casados. É normal. A sobrinha dele apanhou e ele defendeu o cara. Felizmente, minha irmã pulou fora do casamento. Foi então que ela começou a vida dela. Ela veio atrás de mim, morou comigo. Mas primeiro ela passou por isso. Enquanto ele foi protegido pela igreja.

**Ana Cláudia Holanda:** Ela ainda permaneceu na igreja depois disso?

**Karlla Giroto:** Não. Nenhuma das filhas ficou lá.

**Francisco Freitas:** No caso dela, uma ruptura mais delimitada.

**Karlla Giroto:** Aliás, tenho uma irmã que ainda vai na igreja até hoje. Mas ela não comenta com as outras. Ela vai escondida.

**Ana Cláudia Holanda:** Você ainda se relaciona com algum ícone da religião ou elemento simbólico? O que significa para você, por exemplo, a figura de Jesus, a Bíblia, a Cruz? Uma vez que a Congregação Cristã no Brasil é uma dessas igrejas que condena a representação de Deus. Ou seja, que trabalha com um certo apagamento da imagem. Eu vivi uma experiência semelhante nesse sentido. Também havia esse discurso de condenação da religião a partir das imagens e uma aposta da relação com a palavra de Deus. Havia essa proibição do culto das imagens porque isso era idolatria. Você pode contar um pouco sobre essa experiência e como foi para você viver todo esse esvaziamento imaginário?

**Karlla Giroto:** Hoje não tenho muita relação com esse repertório. Para começar, a cruz nunca teve. Na Congregação nunca teve a cruz. Assim como não havia comemoração de Natal, de Páscoa. Havia a Santa Ceia uma vez por ano, mas que não era relacionada à Páscoa Cristã, ou mesmo Judaica. Eles consideram todas essas datas pagãs. Por exemplo, eles consideram o Natal uma data capitalista. Uma coisa de consumo desnecessário. Não há comprovação de que Jesus nasceu no dia 25 de dezembro, então para eles não faz sentido comemorar isso dessa maneira. Por isso, não havia festa ou troca de presentes. Uma coisa que ainda tenho é o meu véu. Ainda tenho também o meu hinário. As minhas coisas eu tenho guardadas em uma gaveta. Mas isso da imagem sempre me intrigou. Porque não era simplesmente proibido representar Deus, era uma falta de acesso a qualquer tipo de imagem. Não era somente isso da idolatria. Condenava-se o Gibi. Não era bom oferecer isso aos filhos. A televisão era considerada um instrumento do diabo. Era a voz do diabo que você levava para dentro da sua casa. Havia vários cultos sobre o perigo da televisão. Por isso, eu não tinha acesso a nada. Não assisti novela, série. Não sabia quem era a Xuxa. Ou os Menudos. Não tinha acesso a essas coisas e isso me estimulou a possibilidade de criar o meu próprio repertório de imagens. Eu lembro de ficar muitos cultos ouvindo sobre a Bíblia e imaginando aquelas coisas na minha cabeça. Eu fazia filmes com aquilo.

**Ana Cláudia Holanda:** A partir de quê? Da tua experiência mais imediata?

**Karlla Giroto:** Eu não sei. Não sei o que eu pensava tanto, mas eu lembro de criar imagens eu mesma. Sabe a parte do Apocalipse? Tinha uma parte que dizia sobre sete portas decoradas com pedras preciosas. Eram coisas lindas. Imagina só um céu com portas de pedras preciosas e pérolas. Para mim, era tudo muito real. Eu não achava que era um mundo abstrato, eu fazia essas imagens na minha cabeça. Elas existiam. Também tinha a história de Ester, que eu adorava.

**Ana Cláudia Holanda:** Qual era a história de Ester?

**Karlla Giroto:** Ester seduzia um rei. Era uma história de amor que eu imaginava. Até hoje eu tenho Crush com Deserto. Com aquelas paisagens. Mas a imagem mesmo não tinha, nem símbolo, nem nada do tipo.

**Ana Cláudia Holanda:** Ester era a sua Sherazade?

**Karlla Giroto:** Isso mesmo. Eu a imaginava lá passando óleos perfumados. Hoje, quando compro esses óleos essenciais, muitas vezes essas imagens voltam na minha cabeça.

**Ana Cláudia Holanda:** Nessa época da infância e adolescência você morava na periferia de São Paulo, certo? Mas você já conhecia o sertão naquele momento?

**Karlla Giroto:** Não, eu conheci o sertão recentemente. A minha família continua em São Paulo. Ninguém volta lá. Minha avó, acredito, nunca voltou.

**Francisco Freitas:** Que sertão é?

**Karlla Giroto:** É no Rio Grande do Norte. Havia uma única irmã da minha mãe que voltava mais regularmente. Ela era o vínculo entre as pessoas daqui e as de lá. Eu fui a primeira vez para o sertão com 42 anos. Isso diz muito sobre essa experiência de migração. É a junção desse patriarcado evangélico com uma colonização muito radical. Havia o desejo de pertencer a uma colônia Branca Paulistana. Eu me reconheço muito aí, nessa captura. Quando eu fui a primeira vez para o sertão, já tinha ido para a Europa algumas vezes. Então na minha infância e adolescência esse imaginário também não existia. A primeira vez que eu fui lá foi como um transe. Eu fiquei quase louca lá. Eu cresci ouvindo meu avô falar da Fazenda. Mas para quem mora em São Paulo, é outra coisa. É um lugar verde, com árvores, com vacas. Quando eu cheguei lá, fui conhecer a fazenda e era muito diferente.

**Ana Cláudia Holanda:** Era um deserto.

**Karlla Giroto:** Que fazenda é essa? É um bicho aqui, outro lá longe. Um céu laranja flúor que deixa tudo cinza-rato, é muito lindo e muito diferente do que eu conhecia. Para mim, essa estranheza foi radical, mas eu só vivi isso aos 42 anos. Eu morava com a minha avó, então eu sabia que tudo isso existia. Mas era uma coisa distante porque eu também estava muito atravessada por outras coisas. É importante lembrar que quando eles chegaram aqui, sentiram a necessidade de apagar muitas memórias por sobrevivência. Então muita coisa ficou para trás, não era transmitida para as novas gerações.

**Ana Cláudia Holanda:** Quando você fala desse veto às imagens, eu fico bastante intrigada e curiosa. Porque sem televisão, sem gibi, sem filme, o que você consegue imaginar?

**Karlla Giroto:** A imaginação é muito poderosa. Ela não precisa de imagens para fazer imagens. Eu acho isso o mais bonito. As imagens vêm de um repertório ancestral, elas trabalham através de uma morfogenética. É possível acessar imagens sem nunca tê-las visto. Não é à toa que minha pesquisa hoje é em torno do estatuto da imagem no Ocidente. Essa outra imagem a qual estou me referindo não precisa ser acessada através da representação. Isso é algo muito poderoso que ainda carrego dessa experiência religiosa. Televisão era proibido, mas tinha um programa na rádio que se chamava *A turma da maré mansa* e antes desse programinha infantil com vários personagens, tinha um outro com o Luiz da Câmara Cascudo. Ele narrava a história do folclore brasileiro e minha mãe colocava para gente ouvir toda noite. Aquilo também me ajudava a imaginar aqueles seres. Havia todo um mundo e um repertório de imagens que não eram imagens de livro, essas coisas. Aliás, livro podia ter. A gente não tinha porque era caro. Mas alguns livros eram permitidos, sim.

**Francisco Freitas:** Isso que você comenta lembra muito essa iconoclastia que era uma marca muito forte do calvinismo, da Reforma Protestante de um modo geral. Muitos ali lutavam contra uma imagem que era o principal veículo de transmissão da religião. Imagina que certa altura, as missas eram em latim. Havia todo um monopólio da imagem e da imaginação. Ou seja, você já vivia os efeitos dessa inversão de narrativa. A partir daquele momento, a relação entre narrativa e imagem se inverte. Isso conta a história do apagamento da imagem, o que passa a valer é a palavra. Logo, o que você diz é um passo adiante. A partir dessa experiência religiosa de abertura da imaginação a partir do discurso, você começa a construir outra estética para além da Reforma e dos efeitos que ela produz no corpo.

**Karlla Giroto:** De fato, Francisco. Me escuto aqui quase dizendo que essa relação com a ausência de imagens foi o que me tornou artista. Mas talvez não seja exatamente isso. Não é? Você me fez pensar que, na verdade, a performatização da imagem era igualmente controlada. Assim como o corpo. Então minha liberdade com relação à imagem era mais oriunda da minha rebeldia contra essa austeridade. Há algo ali que me faz escapar e delirar em outros campos. Porque isso não era permitido exatamente. Aquilo era muito circunscrito a uma austeridade daquilo que era narrado como palavra.

**Francisco Freitas:** Principalmente com relação à imagem de Deus. Eu lembro na minha infância da enorme dificuldade. No começo, Deus era aquele homem barbudo mais velho. Na igreja, por outro lado, diziam que Deus não era isso. Então diziam: “Deus é pai”. Daí você colocava ali a imagem do seu pai, mas tampouco era isso. Era uma coisa de apagar imagens o tempo todo. Uma coisa iconoclasta. Nada disso representava exatamente a verdade, a realidade.

**Ana Cláudia Holanda:** É interessante essa perspectiva que o Francisco apresenta. Porque não dá para desconsiderar esse efeito de apagamento. Porque, ao que parece, isso também produz um certo vazio. Mas não um vazio cheio de potência. Um vazio aniquilante, onde outras possibilidades de existência, outros modos de vida rapidamente se tornam incompatíveis, inadequados. Muito forte e interessante sua posição aí. Porque, por um lado, é possível dizer que a restrição incentivou a independência com relação à imaginação. Mas por outro lado, é possível imaginar que essa independência sempre esteve aí, mas não tinha como se manifestar. Não tinha ferramentas para se desenvolver.

**Karlla Giroto:** Realmente, hoje eu não saberia dizer.

**Ana Cláudia Holanda:** Na minha experiência, por conta da marca de corte que houve no meu afastamento, eu vivi uma fase ateia. Você viveu algum período de vácuo com relação à religião?

**Karlla Giroto:** Para mim, não. Eu até pensei que aconteceria, que eu viveria um momento no qual eu diria: “nossa, eu não quero mais nada”. Nunca consegui achar que Deus não existia. Deus sempre foi uma experiência muito forte para mim, mas não era fora de mim. Era no meu corpo. Como havia essa relação muito íntima, eu não tinha como dizer que não existia. Até hoje é difícil eu explicar essa dimensão para outras pessoas que se dizem ateias. O André,<sup>23</sup> por exemplo, ele tem muita dificuldade em acreditar em qualquer ideia religiosa, ou em Deus. Ele talvez não seja inteiramente ateu, mas muitas vezes eu me pego pensando que eu estou com um cara que talvez não saiba exatamente do que eu estou falando. Muitas vezes eu tento estimular para ver se vem alguma coisa. Se essa experiência no meu corpo é capaz de sensibilizar o corpo dele também. Nesses momentos, eu falo para ele: “Isso é Deus. Não é essa coisa que inventaram e falaram para gente”. Então, por isso eu nunca consegui falar que não. Que Deus não existia ou que dava para rejeitá-lo porque era uma coisa que estava no meu corpo. Com a qual eu

---

<sup>23</sup> André Penteadó é o companheiro de Karlla Giroto.

sempre manteve uma comunicação viva. De fazer perguntas, reclamações. É um tipo de virtual que me constitui.

**Francisco Freitas:** Eu venho me perguntando e buscando compreender a partir das experiências das outras pessoas algo sobre a crítica de Foucault a Freud sobre a hipótese repressiva. Procuro justamente onde estão as experiências positivas no meio disso tudo. Afinal, já falamos de patriarcado, capitalismo. Agora, o que há no corpo do gozo, do prazer religioso. Me apego muito a uma expressão que ouvia muito na igreja: “Vamos nos regozijar no Senhor”. Me pergunto qual a importância da igreja também na formação de comunidade, de corpo coletivo. Mesmo que ele seja um corpo docilizado, ainda há recompensas. Você traz algumas memórias nesse sentido, na relação com os amores, com a família, com as mulheres, com sua avó. Queria perguntar, então, que experiência positiva de produção de corpo está presente na sua experiência?

**Karlla Giroto:** Tudo isso que você falou. Essa coisa da comunidade é muito importante. É muito real. Nesse lugar, no qual eu vim de uma família pobre. Onde havia dificuldade financeiras inclusive para comer, essa comunidade comparecia. A gente não sabia como se dava a articulação, mas chegava feira na minha casa, eles compareciam materialmente. Se faziam presença. Alguém passava para saber se estava tudo bem. Eles se comunicavam entre si para avisar das necessidades dos membros. Avisavam se havia alguém doente. É muito real. Meu pai ficou doente em 2012 e eles eram muito presentes. Por mais que eu tenha me afastado da igreja, eu nunca deixei de reconhecer. Não poderia dizer que essas pessoas não tinham um senso de comunidade e de solidariedade. Quando meu pai precisou de uma cama de hospital, foi a igreja que providenciou isso. Eles também conseguiram uma cadeira de rodas. É uma rede paralela a rede do Estado. Vai para além das políticas públicas. É uma suplementação produzida entre essas pessoas e que funciona. Eu vi tudo isso acontecer. Desde a ajuda com o material escolar para uma família com quatro crianças. Até um irmão que dava um emprego para o meu pai, mesmo que ele já estivesse aposentado por invalidez. Não tenho como colocar todo mundo em um único lugar e dizer que são pessoas horróricas, essas pessoas da religião. Não me sinto nesse direito. Se há uma afirmação, é de que esse cuidado coletivo, mesmo que ele seja dedicado a Deus, ele envolve o outro. A minha avó morava na rua de baixo e lá perto morava a irmã Conceição. Todos os dias eu levava o almoço dela, que era preparado na minha casa. Eu passava pela arara vermelha da irmã Conceição até chegar com o pratinho dela lá. São lindas memórias sobre essas pessoas, sobre como elas viviam. Sobre como as coisas se agenciavam de forma

coletiva para que ninguém ficasse sem o que comer, sem o que vestir, ou sem lugar para morar. Isso era muito presente. Essa coisa da nutrição da comunidade. Isso vincula muito as pessoas. Mas tinha outro lugar que era o do canto coletivo. Isso tinha um poder. Cantar junto com outras trezentas pessoas tinha um efeito no corpo. Também considero isso um lugar divino.

**Ana Cláudia Holanda:** Para concluir, queria te pedir para abençoar essa pesquisa e os seus desenvolvimentos.

**Karlla Giroto:** Deus de abençoe, minha filha! (risadas) Vá com Deus, tenha fé! Confiança! Deus está com você! Deus está no seu caminho! Te desejo só coisas lindas! É isso aí! Adorei.

**Ana Cláudia Holanda:** Karlla, te agradeço enormemente por topar essa entrevista de estreia.

## 11 WAGNER SCHWARTZ

Entrevista no dia 19 de outubro de 2023<sup>24</sup>

*“Estátuas e cofres  
E paredes pintadas  
Ninguém sabe o que aconteceu  
Ela se jogou da janela do quinto andar  
Nada é fácil de entender  
Dorme agora  
É só o vento lá fora  
Quero colo, vou fugir de casa  
Posso dormir aqui com vocês?  
Estou com medo tive um pesadelo  
Só vou voltar depois das três  
Meu filho vai ter nome de santo  
Quero o nome mais bonito  
É preciso amar as pessoas  
Como se não houvesse amanhã  
Por que se você parar pra pensar  
Na verdade não há”*

*(Legião Urbana, Pais e Filhos, 1989)*

Wagner Schwartz é coreógrafo, escritor e performer brasileiro. Autor de 13 performances desde 2003, recebeu, entre outros, o prêmio APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte 2012 de Melhor Projeto Artístico por *Piranha*, e foi selecionado pelo programa Rumos Itaú Cultural Dança em 2000, 2003, 2009 e 2014. Foi curador da 10ª Bienal Sesc de Dança, colaborador internacional do Festival Contemporâneo de São Paulo e artista residente em 2016, 2017 e 2018 do Festival Internacional de Teatro de Curitiba. Além disso, trabalhou como intérprete com diversos diretores e artistas. Em 2018, publicou seu primeiro livro de ficção, *Nunca juntos mas*

---

<sup>24</sup> SCHWARTZ, W. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. São Paulo, 19 out. 2023.

ao mesmo tempo, e, também pela Editora Nós, *A nudez da cópia imperfeita*, finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2024 na categoria Romance.

**Ana Cláudia Holanda:** Hoje é dia 19 de outubro de 2023. Vou conversar com o Wagner Schwartz sobre nossas memórias da época em que éramos evangélicos, ou melhor, de quando frequentávamos igrejas e participávamos mais ativamente de certas comunidades religiosas. No meu caso, era a Igreja Batista, no caso do Wagner, a Igreja Presbiteriana. Antes de começar a entrevista de hoje, falávamos sobre ideações suicidas relacionadas a repressão da sexualidade. Tenho uma memória, uma das minhas primeiras memórias dessa natureza, da época da adolescência. Eu devia ter uns 13 ou 14 anos, ainda morava no interior com os meus pais. Já tinha ido morar em Fortaleza e voltado e houve um problema familiar que foi preciso resolver. Meus pais me chamaram para ir até a casa do meu tio porque era preciso “ajudar” uma prima. Fomos até lá para conversar com ela. Eu não sei dizer muito bem como eu fui parar ali porque eu acabei indo junto nessa visita. O caso era justamente que essa prima tinha começado a se relacionar com mulheres. Os meus pais, que são crentes até hoje, foram lá fazer algum tipo de intervenção. Convencê-la a ir passar um tempo na casa de uma tia para sair de perto do problema. No fundo, havia uma ideia de que ela pudesse desistir da sua sexualidade em nome da fé. Eu lembro dela torturada.<sup>25</sup> Ela repetia: “Por que que eu sou assim?” É um sentimento assim que vemos no vídeo da Milla,<sup>26</sup> que você me mandou e também nessa situação da Karol Eller, não é?

**Wagner Schwartz:** A gente é assim e tem gente que teve o direito de não se perguntar por quê. Nós vivemos em um mundo que a gente precisou perguntar “por quê?”. Não sei se foi a nossa época que precisou perguntar “por quê?”<sup>27</sup>. Acredito que houve em algum momento aí antes de Cristo que as pessoas perguntavam “Por que que elas são?” “Porque que elas sentem”. Acho

---

<sup>25</sup> Poucos dias depois da conversa com Wagner, por consequência da morte da militante bolsonarista Karol Eller, a Deputada Federal Erika Hilton apresentou um projeto de lei com o objetivo de equiparar as terapias de conversão sexual (as chamadas “curas gays”) ao crime de tortura.

<sup>26</sup> Na véspera da nossa conversa, Wagner havia me enviado pelo Whatsapp um vídeo de uma *influencer* (@magalhaesmilla) do Instagram sobre as experiências de repressão da sexualidade que ela relata ter vivido na época em que frequentava a Igreja Evangélica. MAGALHÃES, M. Eu espero que essa seja a primeira e a última vez... Salvador. 17 out. 2023. Instagram: @magalhaesmilla Disponível em [https://www.instagram.com/reel/CygdC4OOM3e/?utm\\_source=ig\\_web\\_button\\_share\\_sheet](https://www.instagram.com/reel/CygdC4OOM3e/?utm_source=ig_web_button_share_sheet) Acesso em 18 out. 2023.

<sup>27</sup> Há poucos dias, a cantora Flora Gil, filha da cozinheira Bela Gil e neta de Gilberto Gil foi ao Instagram declarar sua preferência por se relacionar com pessoas do mesmo sexo: “Sou uma menina que gosta de meninas”. Ainda no *post*, ela diz que não precisou sair do armário, pois nunca esteve nele. Sair do armário é expressão utilizada para se referir à necessidade de nomear e declarar a própria sexualidade. Raramente a necessidade se dá em torno da heterossexualidade. GIL, F. sou uma menina que gosta de meninas... Salvador, 27 out. 2023. Instagram: @florgildemasi Disponível em [https://www.instagram.com/florgildemasi/p/Cy6p5u9Jzoi/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/florgildemasi/p/Cy6p5u9Jzoi/?img_index=1) Acesso em out. 2023.

que os “porquês” eram mais “Por que que a noite existe? Por que a noite cai? Por que é que o dia amanhece? Por que é que eu sinto fome, hein? Por que ele sente frio?” Acho que eram coisas voltadas para as sensações, até que a moral se criou através de uma figura. Uma figura que, de repente, começou a decidir o que é certo e o que é errado. Mas sem levar em consideração a subjetividade, senão a ordem. Ou um método que também foi criado por alguém, que dizia que o corpo deveria servir a ele. Se não, ele não seria adequado: ao mundo dele, ao bairro dele, a família dele, ou até mesmo ao planeta. O cristianismo para mim é o maior erro que já existiu. Claro, existem outros, mas os outros eu não conheço tão bem quanto esse. Os evangélicos de hoje pegaram o resto do que já foi o cristianismo. Hoje virou qualquer coisa. Antigamente, a Igreja ainda buscava algum tipo de espiritualidade. Hoje é uma instituição como um banco, uma casa, um hospital, mas que sequer segue a própria fórmula, não é? Não é uma coisa científica ou estratégica. Talvez tenha a mesma estratégia de um banco, ou de um hospital, não é? Eles querem dar a ideia de que eles curam. Mas sem métodos comprovados, fica difícil.

**Ana Cláudia Holanda:** não é sequer empírico, não é?

**Wagner Schwartz:** Não é empírico. Muitos que entram ali são carentes. É da natureza humana, não é? Eu também sou muito carente de vez em quando, só que hoje eu vou para lugares diferentes. Mas tem pessoas que precisam dessa coisa sobrenatural porque o natural já não está dando conta. E aí, claro, né, não é só isso, não é? Entre isso, outras questões, que mesmo dentro das igrejas são problematizadas, como as questões em torno do poder. Além disso, tem o Sr. João e a D. Maria que ninguém conhece fora da igreja, mas lá dentro eles têm uma oração que cura, que converte, que intercede pelas pessoas. Disso eles tiram uma sensação, um *status*. A igreja dá isso. Como também, a igreja muitas vezes tira fome das pessoas, então são muitas camadas.

**Ana Cláudia Holanda:** Certamente...

**Wagner Schwartz:** Desculpa, é muita coisa.

**Ana Cláudia Holanda:** Vamos com calma.

**Wagner Schwartz:** É só você começar a falar da Igreja que eu vou embora.

**Ana Cláudia Holanda:** São duas questões diferentes nesse caso. Uma coisa é a espiritualidade, outra a religião. Quando você fala do Sr. João e da D. Maria, está falando da espiritualidade, me parece.

**Wagner Schwartz:** É, também. Dentro da igreja, eles recebem o poder da oração. Talvez esteja mais relacionado à espiritualidade, mas lá eles ganham um nome, eles ganham *status*. Então não importa o que eles são fora da igreja, mas o que eles são dentro da igreja. Se você é homossexual e se converteu, vai ter o seu *status* na igreja de homossexual convertido. Vai ser responsável pelos outros, vai ter um poder, um *status*. Do lado de fora, pode ser apedrejada, mas do lado de dentro, você já tem o galardão. Já tem o seu prêmio e ele te distingue. Essa distinção faz muito bem para aquilo que a gente chama de ego e faz muito bem também para sua autoestima, para você. Só que até certo ponto, não é? Porque você não consegue viver o seu prazer.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu acho que é isso.

**Wagner Schwartz:** Você não consegue viver o seu prazer, você não consegue viver o seu corpo, você vive o corpo do outro.

**Ana Cláudia Holanda:** Essa palavra, uma condição diferente para algumas pessoas dentro da religião, a homossexualidade. Não sei como foi para você, mas na minha experiência religiosa, acredito que seja a mais comum, a homossexualidade e a fé evangélica não são compatíveis.

**Wagner Schwartz:** É, na minha época também não eram.

**Ana Cláudia Holanda:** Isso traz um preço para esse galardão que é impagável. Você só acessa esse galardão se você mata essa dimensão da experiência, não é? Disso se decorre todo tipo de sofrimento que, na minha avaliação, é inconciliável. Simplesmente, não dá.

**Wagner Schwartz:** É o preço da Mona Lisa<sup>28</sup> hoje, um preço que ninguém pode pagar. Porque não é nem a Mona Lisa que é cara, é o seguro dela, que é ainda mais caro que ela. Não dá, não

---

<sup>28</sup> Em 2017, junto a Elisabete Finger, Maikon K e Renata Carvalho, Wagner criou a peça *Domínio Público*. Na apresentação, os quatro artistas que foram alvo de ameaças e linchamento virtual refletem sobre os eventos que

tem como, não dá para sair dali, não. Você vai viver numa redoma de vidro protegida e ainda vão duvidar se é você que está ali dentro. Se é o original, ou se é uma cópia. É inegociável, o problema é esse, o sofrimento é muito grande. Porque você acredita, e nesse caso é crente, se você é crente, crê. O dia a dia é um dia a dia de autotortura, é um dia a dia de autocrítica. Para que aquilo que é esperado de você seja palpável, mas nunca vai ser. É o que eu acredito. No livro (*A nudez da cópia imperfeita*, Schwartz, 2023), eu conto de um amigo que decidiu viver com uma mulher e hoje ele tem três filhos. Não consigo saber o que se passa na cabeça dele. Eu consigo projetar o meu sofrimento nele e dizer: “Uma pena que você fez isso com você”.

**Ana Cláudia Holanda:** No livro, eu li que você só via como alternativa o celibato. Não existia essa possibilidade de conciliação, como o seu amigo, por exemplo, parece ter criado.

**Wagner Schwartz:** Impossível. Porque o corpo feminino não me atrai sexualmente, é claro. Mas porque eu teria que me atrair sexualmente ao corpo feminino, enquanto o corpo feminino não me atrai? É como comer uma comida que você não gosta, é tomar café sendo que você não gosta de café. É muito simples. Eu procurei muitas soluções, está no livro. Sempre busquei alternativas porque o drama, a tragédia já estava dada. A sensação era um questionamento constante sobre como eu poderia ficar dentro da igreja, ser amado por Deus, estar com os meus amigos, e não ser julgado por eles? A solução era ser solteiro para a vida inteira. Porque aí eu estaria trabalhando o problema em mim. Porque como não tem... Eu ia dizer, não existe cura, mas essa é a cura. Ela é sempre esperada. Se você crê, a cura é divina.

**Ana Cláudia Holanda:** Não existe cura para uma coisa que não é uma doença.

**Wagner Schwartz:** Exatamente, mas lá, não, lá era uma doença. Quando eu estava na igreja, era um problema sério. Algo que te impede de acender aos níveis desejados de espiritualidade. Você nem se conecta com Deus. Inclusive eu já entendia isso desde criança. A garota que falamos antes, a Milla, ela comenta que se reconheceu como lésbica aos 5 anos. Eu me dei conta aos 9 anos. Logo que comecei a reconhecer a imagem dos homens próximos. Eu me sentia atraído por eles. Consequentemente, desde os 9 anos, eu já tinha a sensação da dúvida se eu iria para o céu ou não. Eu nunca soube dentro da igreja, se eu morresse, se eu iria para o céu ou se iria para o inferno.

---

eles viveram a partir de ícones da arte como o quadro de Leonardo Da Vinci, Monalisa. SCHWARTZ, W et. al. *Domínio público*. In: Museu Nacional da República, 1., 2023, Brasília.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu lembro dessa experiência, dessa dúvida.

**Wagner Schwartz:** Lembro dessa experiência. A minha mãe tem certeza de que ela vai pro céu, a minha tia também, meu pai também, o meu irmão também, meu pastor tem certeza. Eu não tinha. É muito triste para uma criança entender isso, que mesmo indo à igreja num sol, em uma temperatura de 40° de manhã, ou 50° de sensação térmica, você ainda assim [sic] não vai para o céu. Não é o bastante. Enquanto essa imagem, enquanto esse desejo do corpo masculino não desaparecer da sua cabeça, você não vai ser aceito. Não é nem por Deus, nem pela comunidade porque a comunidade te ama, você ama, a gente troca o amor...

**Ana Cláudia Holanda:** Um amor fraterno.

**Wagner Schwartz:** A gente troca esse amor fraterno, mas a comunidade sabe que falta alguma coisa em você para que você seja igual a eles porque eles não têm nenhum problema psíquico da magnitude do ser. As meninas estão preparadas para casar-se, os rapazes estão preparados para casar-se com as meninas. O que pode dar problema é uma preguiça. Preguiça a gente resolve fácil. Pode ter mentira. Mentira você conversa, pede perdão e para de mentir. Tem coisas assim que são simples de encontrar uma solução dentro da igreja. Agora a homossexualidade é diferente. É uma sensação de problema infinito, não tem saída... Tudo que eu fazia era para me livrar dela, escutar música, ler um livro, não sair na rua, não conversar com os meus pais sobre isso, ficar em silêncio. Tudo era para me livrar dela. Nada era um prazer para o meu corpo, motivado por uma emoção, por uma conexão com algum movimento, com algo vivo. Na realidade, tudo ficava voltado para essa sensação de que eu deveria fazer alguma coisa para melhorar isso. Não sei se isso vem ao caso, mas o que me ajudou muito foi a arte. Fora da igreja, eu frequentava aulas de música, teatro, e isso minha mãe deixava porque ela era a voz divina. Era a gestora, uma ótima gestora. Então com ela tudo bem, ela deixava. Então, de alguma forma, nesses lugares, eu não pensava nisso, eu tinha momentos de desconexão com esse eu pecador. Quando eu ia para a igreja, tinha noção de que eu tinha que morrer para que eu pudesse ser alguém, eu não seria alguém enquanto eu estivesse vivo. Eu não teria, eu não seria um santo enquanto estivesse vivo. Mesmo se eu tentasse, e eu tentava todos os dias.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu queria retornar a questão das ideações suicidas. Você fala dessa sensação muito diretamente. Que você teria que morrer para poder acessar essa identidade ou essa espiritualidade mais elevada. Eu lembro que pra mim a minha sexualidade era uma questão

totalmente inconsciente porque eu demorei muito para realmente entender isso de forma mais direta. É muito curioso, algo que ainda preciso desenvolver melhor, mas eu não tinha essa coisa relação com as imagens, era mais ao nível da enunciação. Eu falava assim: “Ainda bem que não desejo mulheres”.

**Wagner Schwartz:** Ah...

**Ana Cláudia Holanda:** Era algo que eu dizia pela via da negação<sup>29</sup>. Ainda bem que eu não desejo mulheres. Ou seja, a coisa vai se apresentando em alguma dimensão. Hoje, eu reconheço que evitava imagens, mas naquela época era uma coisa muito distante. Lembro de uma conversa que tive com meus irmãos, onde falamos sobre repressão que vivíamos na minha família. Passamos por muita coisa, os três juntos. Mas eu lembro que falava: “A nossa sorte é que pelo menos nenhum de nós três é gay porque senão ia ter morte nessa família”. Eu usava exatamente essa palavra: “morte”. eu falava assim: “Alguém vai morrer”, ou a pessoa que é gay ou alguém da família que não vai suportar lidar com essa dimensão. Me chamou muita atenção você trazer o desejo de morrer tão explicitamente. É nesse momento em que você percebe o quão inconciliável que aparece a morte, não é?

**Wagner Schwartz:** A gente falou agora há pouco dessa menina bolsonarista, a *influencer* (Karol Eller) que morreu. Ala se suicidou, não foi? Ela se jogou da janela?

**Ana Cláudia Holanda:** Do quinto andar.

**Wagner Schwartz:** Do quinto andar, então é estranho porque... o que me dói nessa morte dela é pensar que ela pensava hoje como eu pensava naquela época. Se eu me colocar no lugar dela, ela frequentava a mesma igreja que eu, nessa perspectiva, ela está no inferno agora. Ela não vai ter a chance de ir para o céu. Ela teria que ter morrido, não se matado... na cabeça dessas pessoas, ela deve estar no inferno. Deve não, ela está no inferno agora. Essa é a ideia porque se ela se matou a consequência é essa. O suicídio na igreja na evangélica, digamos, ou pelo menos na igreja que eu frequentei, é a passagem direta, é o seu *ticket* para o inferno...

---

<sup>29</sup> Para Freud (1925/2011), um dos recursos de enunciação do inconsciente é dizer o que se deseja, mas com o uso da negativa. Ou seja, dizer: “Eu não tenho desejo por mulheres” e “Eu tenho desejo por mulheres” tem o mesmo efeito para o sujeito que escuta a própria fala e é uma forma de dizer o desejo em voz alta sem chamar atenção das outras instâncias psíquicas, como a consciência que tem relação mais direta com a norma social e a moral.

**Ana Cláudia Holanda:** É pecado mortal.

**Wagner Schwartz:** É pecado mortal. Por isso, o que eu poderia fazer enquanto criança, enquanto adolescente, era desejar a morte. Lembro que eu me programei para morrer ao vinte e um anos, eu não sei por quê, mas eu pedia muitas vezes para deus me matasse quando tivesse 21. Talvez eu imaginasse o que iria acontecer depois dali. Se ele me matasse, pedi muitas vezes em oração que ele me matasse, porque aí eu não me mataria e não iria para o inferno. Assim, eu poderia ter a chance da redenção. Essa menina não teve a chance, e aí a coisa fica mais complexa. Ela não conseguiu viver com a culpa de ser lésbica, de estar em pecado, mas ela conseguiu se matar para arder pela eternidade. Isso quer dizer que ela se puniu mais ainda morrendo do que vivendo. Você tem ideia do quão sério é isso que essas pessoas fizeram com ela? Simbolicamente, na cabeça dessas pessoas, porque isso existe para elas, essa menina construiu a sua própria morte eterna, ela está eternamente morta, e o pior disso é que isso é um alívio para muitas pessoas.

**Ana Cláudia Holanda:** Para as pessoas da religião.

**Wagner Schwartz:** O que pra mim também é um alívio é que do lado de fora, um monte de gente da esquerda se solidarizou com essa morte, com essa perda que a gente viu. Era uma vida de uma pessoa que poderia ter a chance de ser feliz, ou de buscar a felicidade. Tentar construir isso, não é? Não sei muito bem o que é ser feliz. Feliz, feliz, mesmo. Mas ela poderia viver. Me consola ver que as pessoas entenderam o tamanho desse mal e não se partidarizaram nessa hora. Porque nessa hora o partido perde o sentido.

**Ana Cláudia Holanda:** É a possibilidade de empatia com esse sofrimento.

**Wagner Schwartz:** A empatia é muito grande porque a gente reconhece o sofrimento.

**Ana Cláudia Holanda:** E é muito forte o que você fala, Wagner. Se trata de uma pessoa que não viveu porque nunca viveu uma vida, a sexualidade dela, então ela morreu sem viver, e se condenou à morte eterna.

**Wagner Schwartz:** Ela está morta eternamente.

**Ana Cláudia Holanda:** É muito maluco tudo isso. A condição de sofrimento, essas proibições, esses constrangimentos, essa doutrina, onde isso coloca as pessoas.

**Wagner Schwartz:** Roland Barthes disse uma vez que fascismo não é impedir de dizer, mas obrigar a dizer. Assim, a gente entende como funcionam essas religiões. Onde Jesus Cristo foi um fascista porque ele te obriga a dizer, ele te obriga até mesmo a amar. Eu não sou obrigado a te amar. Não, eu posso te odiar. Se eu quiser te odiar, eu te odeio, isso não deve ser um limite. Não deve ser uma obrigação amar ou odiar. Ninguém me diz o que fazer, meu corpo sabe por si. Ele deve saber por si, pelo o que lê, pela sua curiosidade, pelo encontro com os amigos, pela criatividade, eu sei o que fazer. Você pode me apresentar parábolas, essas que entraram na bíblia, suas interpretações. Mas em uma perspectiva mais distante das coisas, porque a gente precisa se afastar para perceber certas coisas, essas obrigações não fazem nenhum sentido.

**Ana Cláudia Holanda:** Wagner, eu preparei um questionário, vou seguir para ele. Fiz essas mesmas perguntas para outras pessoas. Vamos lá? O que é deus para você? Algo me diz que você vai dar a resposta mais diferente que eu tive até agora.

**Wagner Schwartz:** (risos) O que é deus para mim? Deus não é, essa é a questão, deus não é.

**Ana Cláudia Holanda:** A figura de deus ainda está muito vinculada a essa tradição cristã para você? Ou já virou outra coisa?

**Wagner Schwartz:** Deus deixou de ser para mim.

**Ana Cláudia Holanda:** Está fora do teu pensamento?

**Wagner Schwartz:** Está fora da minha conversa, eu não sei o que que é, está no meu livro, inclusive: “deus com letra maiúscula só no início da frase”, é isso.

**Ana Cláudia Holanda:** Minha próxima pergunta é sobre a trajetória na fé, mas como já li bastante no seu livro, talvez você possa falar um pouquinho de como foi esse seu momento de saída. Pelo que você conta, de certa maneira, você “foi saído”. É isso mesmo?

**Wagner Schwartz:** É.

**Ana Cláudia Holanda:** As pessoas entenderam que tinha uma coisa que não ia encaixar, que não ia dar certo, mesmo. Disso veio essa estratégia “vai pra Uberlândia?” Foi um movimento muito comum, principalmente na sua geração. Conheço várias pessoas que foram saídas de suas sociedades de origem, de suas igrejas, quando foi ficando evidente que não ia ter cura.

**Wagner Schwartz:** Ao chegar em Uberlândia, eu me sentia culpado. Por isso, ainda procurei a igreja. Fui à Igreja Presbiteriana Central de Uberlândia. Havia mais espaço, era mais rica, e as pessoas cuidavam um pouco mais da vida delas. Era diferente da igreja de bairro. Mas como eu sou artista e sempre procurei estar na frente das coisas, então se eu estou na igreja eu estou ativo lá dentro, seja no grupo de teatro, ou na música. Eu vou estar sempre envolvido em algum movimento que me coloque de frente para as pessoas. Logicamente, não deu também, eu fui saído outra vez.

**Ana Cláudia Holanda:** Outra vez.

**Wagner Schwartz:** Eu tinha o grupo de amigos muito próximos. Quando eu disse que era gay, quando decidi dizer “eu sou gay”, foi de um dia para outro...

**Ana Cláudia Holanda:** Sumiram.

**Wagner Schwartz:** Sumiram, acabou, não vamos mais conversar. Um desses amigos era o amigo que também era gay. Mas ele se casou com uma mulher. Segundo minha amiga que também é cristã, os dois oraram, ele conseguiu elaborar esse sentimento junto com ela e se aproximar dessa outra amiga. Ela já não gostava de mim no grupo, me olhava diferente porque tinha medo de mim. Atualmente, ela é psicóloga.

**Ana Cláudia Holanda:** Que problema.

**Wagner Schwartz:** Lembro dela me dizer uma vez que “uma vez que você é gay na fase adulta, não há volta atrás”.

**Ana Cláudia Holanda:** Olha os 21 anos aí...

**Wagner Schwartz:** Olha os 21 anos aqui. Meu amigo era adulto também naquela época. A gente já era adulto, éramos jovens, mas éramos adultos. Ela conseguiu fazê-lo se separar de

mim pra que ela tivesse autonomia sobre ele. Antes disso, ele sempre ia na minha casa. Às vezes, quando saía do trabalho, ele ia pra lá, se jogava na cama do meu irmão e dormia. Eu adorava cuidar dele porque era um amigo muito querido, mesmo, não tinha nenhum desejo sexual nele, mas ele era muito amigo meu, eu gostava muito dele. Acredito que eu gostava muito dele porque eu o entendia. A gente se entendia. No silêncio, a gente se entendia, a gente sabia as nossas dores. Às vezes, ele chegava mudo, comia lá em casa porque lá em casa minha mãe sempre fez isso. Havia muita comida. Talvez ela achasse que podia chegar algum amigo meu em casa. A gente comia, falava, a companhia dele era boa. Depois ele entrava no meu quarto e dormia na cama do meu irmão, ou a gente assistia um filme e não falava nada. Ele nunca falou disso comigo, mas ele falou disso com a nossa melhor amiga, está no meu livro.

**Ana Cláudia Holanda:** Ele chegou a assumir a homossexualidade em algum momento?

**Wagner Schwartz:** Não, talvez ele tenha conversado com ela sobre esse “problema”, e ela e ele oraram juntos, eu conto isso no livro. Oraram juntos e ele criou essa família com essa minha amiga.

**Ana Cláudia Holanda:** Então você falou para eles? Foi um evento, uma experiência, algo assim?

**Wagner Schwartz:** Eu fiz um espetáculo. Não disse para eles, eu disse logo para a cidade inteira. Fiquei apaixonado por um rapaz e esse rapaz não ficou apaixonado por mim, e aquilo foi um acontecimento... eu já era artista na cidade, eu já fazia dança. Já era difícil para eles entenderem que eu dançava, mas eu continuava passeando na igreja, não frequentando como eu frequentava em Volta Redonda, mas eu ia lá. Em algum momento, eu me apaixonei por um rapaz e fiz uma peça. Era um experimento e quando eu fazia alguma coisa, vinha muita gente, sempre. Um público gigante. Eu adorava Uberlândia por isso. Eu fazia qualquer coisa e logo juntava um monte de gente. Gente da universidade, o pessoal da cultura. Eu tinha visto uma peça que um artista fez para amigo dele que era homossexual. Para o marido, namorado, algo assim. Decidi fazer a mesma coisa em Uberlândia, do meu jeito. Foi onde eu disse: “Eu sou homossexual”. Fiz uma peça na qual o título era o nome do rapaz. E o convidei para assistir.

**Ana Cláudia Holanda:** O que você tem em Leão? (risos)

**Wagner Schwartz:** (risos) Nada, mas eu sou um Sagitário da porra!

**Ana Cláudia Holanda:** Agora eu entendi.

**Wagner Schwartz:** Com ascendente em Capricórnio. Eu o chamei para ir, e ele foi. Não lembro se foi Mário Quitanda quem falou, mas “se for fazer um escândalo, faça bem-feito, o ridículo está nas pequenas coisas”. Então eu fiz bem-feito, espalhei cartazes na cidade inteira com o nome dele, fiz a peça, e rolou um romance depois. Ele voltou atrás, gostou de mim depois. Bom, com uma declaração desse tamanho... mas olha, eu não indico, não. Eu sofri muito depois e fiz ele sofrer também. Mais tarde descobri que ele estava com uma menina. Só que muito mais tarde. A gente pouco se comunica atualmente. Acredito também que tinha gente que estava confusa, ou se descobrindo com a sexualidade. Aquele momento era confuso, eu com ele, ele comigo. Mas quando eu disse isso, foi uma comoção geral porque aí os amigos que trabalhavam comigo na dança e estavam dentro do armário começaram a dizer também para suas famílias, foi um “climão” na cidade. Um grande show da Letrux<sup>30</sup> na cidade. Minha melhor amiga, que tocou o violão, falou depois: “entrei em depressão depois desse seu trabalho, a gente vai ficar sem se falar por um tempo”. Eu exigi muito dela, imagina, tínhamos 28 anos e eu a coloquei ali sem dizer nada.

**Ana Cláudia Holanda:** Sete depois do 21.

**Wagner Schwartz:** Sete depois dos 21. Aí não tinha mais espaço dentro da igreja. Eu lembro de uma das pessoas me contarem sobre outras pessoas da igreja que tinham visto a peça e dito que eu precisava de oração, aí foi ficando tão...

**Ana Cláudia Holanda:** Aí ferveu.

**Wagner Schwartz:** Ferveu. Ficou impossível conciliar deus, Jesus, espírito santo, homem, mulher, essas definições que eu fui convidado a sair, e eu saí.

**Ana Cláudia Holanda:** Minha outra pergunta é sobre essa decisão que, pelo visto – não é Wagner? – nunca aconteceu. Pelo que você conta, você não decidiu sair da igreja, você foi testando os limites da igreja mesmo.

---

<sup>30</sup> A cantora Letrux tem um disco chamado *Em noite de climão*. LETRUX. *Em noite de climão*. São Paulo: Joia Moderna, 2017 (45min19s).

**Wagner Schwartz:** É difícil falar disso e ver assim porque assim é a verdade, eu não sei por que fiz isso até hoje.

**Ana Cláudia Holanda:** Acho que tem uma coisa de fé.

**Wagner Schwartz:** É, meu irmão foi embora bem antes, chutou o barraco com 18/19 anos. Minha irmã? “Tchau”. Meu pai estava lá porque minha mãe mandava nele, mas eu estou trabalhando isso até hoje na minha terapia que agora posso fazer. Tento entender essa necessidade de estar ali, sabe? Por que que eles conseguiram e eu não? Que relação é essa de sentir que eu precisava estar lá dentro?

**Ana Cláudia Holanda:** Parece que isso transformou a sua relação com a religião em algo muito mais forte.

**Wagner Schwartz:** É como se eu não existisse sem, mas talvez eu não existisse sem porque eu não sei o que é viver sem a culpa, sem a tristeza, sem a melancolia, sem a dor. Porque foi com elas que eu cresci. Estar fora da igreja é ter direito ao prazer, ter direito a alegria, ter direito a sexualidade, ter direito ao dinheiro. Porque eu não precisava mais dar o meu dízimo, minha bolsa que eu recebi da universidade já era pouca, mas eu tinha que dar o dízimo. Não sabia viver com estudo, com alegria, eu só sabia viver com o contrário. Saiu da igreja, perdeu tudo; perdeu as relações que você fez, a adaptação à tristeza. Meu corpo ficou acostumado. É isso, meu corpo está acostumado...

**Ana Cláudia Holanda:** Tem um samba que diz: “se eu deixar de sofrer/como é que vai ser para eu me acostumar?”<sup>31</sup>

**Wagner Schwartz:** Exatamente, como é que vai ser para eu me acostumar? Eu não me acostumei, então, assim, pode ser uma das respostas.

**Ana Cláudia Holanda:** Minha próxima questão é justamente sobre as marcas de medo e repressão, que ficam na subjetividade a partir da experiência religiosa. Acredito que passamos por vários exemplos. Tem algum medo já superado? Tem algum medo ainda vivo?

---

<sup>31</sup> Hora da razão, de Caetano Velloso. VELOSO, C. Hora da razão. *Muitos Carnavais*. São Paulo: Polygram/Philips, 1977 (2min48s).

**Wagner Schwartz:** Acho que sim. O que já está superado é o medo de ir para o céu ou para o inferno. Esse já foi superado. Inclusive, eu tive uma amiga que foi muito importante nisso para mim. Se a gente encontra atualmente, ainda fala sobre isso. Acho que ela ainda é evangélica, mas entrou para uma igreja na Holanda, e lá os evangélicos, os presbiterianos são diferentes. Lembro dela indo visitar a gente em Volta Redonda, visitar a família e ser uma disciplinadora, sabe? Porque meu pai sempre fumou e ele sempre sofreu pela culpa de fumar. Mesmo que ele negasse porque ele não demonstrava. Ele ficava muito na dele. Fazia o tipo “vou fumar mesmo” e fumava, mas devia ter alguma coisa ali que a gente não acessava. Lembro dela chegar em casa com o marido dela, e o marido dela sentar-se do lado do meu pai e falar: “O senhor fuma?” Meu pai respondeu: “é, eu não consigo largar”. Então ele disse: “Não, lá na Holanda o pastor da minha igreja também fuma”. Foi bom para o meu pai ouvir isso. O marido dela também era pastor. Nessa mesma época, ele também me disse: “Se o céu e o inferno existem, se a bíblia foi interpretada dessa forma e é isso mesmo, então o céu é para todos”.

**Ana Cláudia Holanda:** Que bonito.

**Wagner Schwartz:** Ele disse: “Não existe o deus que não perdoa”.

**Ana Cláudia Holanda:** Há uma outra dimensão do medo notória na sua história, afinal, porque você enfrentou o deus *ex-machina* do medo da repressão religiosa midiaticizada a nível global. Quando eu li o seu livro, entendi melhor a sua experiência. Eu pensei: “Quem é o sádico que arma uma dessas?” Justo com você, com toda essa marca na crença na religião evangélica, com toda essa coragem de empurrar os limites da religião. Justo com você acontece toda essa loucura do episódio de 2017. Pensei: “Se você escrevesse um roteiro de ficção, as pessoas iam dizer ‘não, está muito foçado, ninguém vai acreditar nessa história’”.

**Wagner Schwartz:** Ninguém até então sabia que eu tinha um passado evangélico. Isso está no meu livro agora, ninguém da arte nunca soube. Todo mundo sempre acreditou que eu fosse um riquinho de classe média alta, que estudou na Sorbonne. Comentei isso outro dia no Rio de Janeiro. Devem achar que estudei na Sorbonne, que viajava para conhecer New York com a minha tia Fulana” (risos). Eu fabriquei esse corpo elitista, esse corpo que se veste bem, esse corpo que presta atenção no que o outro fala, que quando não sabe o que fazer, fica quieto. Fabriquei esse corpo, então assim, é uma fabricação de coisas que me tirou desse lugar.

**Ana Cláudia Holanda:** Essa experiência te reconectou com esse passado?

**Wagner Schwartz:** Até agora ninguém sabia. Agora que sabem, já podem jogar o roteiro no lixo porque é muito ruim. É muito “isso vai destruir a igreja”, esse filme não vende. Porque é quase didático, e mais didático ainda é que eu sei lidar com essa gramática porque eu já a conhecia, eu já a havia aprendido. Já sabia o que era ser violentando dentro da igreja. A Eliane Brum me contou durante entrevista que tinha grupos nas igrejas que estavam dizendo que eu era o anticristo, eu falava: “Eu já sei o que é o anticristo, Eliane”. Que quando ele vier, sei que ele vai chegar nas crianças primeiro porque elas são mais inocentes e isso vai perturbar as famílias. Enfim, eu conheço a história. É normal que essa história aconteça, mas as pessoas não sabiam que eu tinha essa relação direta com a igreja. Decidi colocar no livro justamente por essa pergunta que a Milla faz no vídeo: “O Ministério Público não vai analisar isso, não?”<sup>32</sup> Está na minha pergunta para o pastor que me mandou a carta perguntando se eu tinha ido contra a PL 122<sup>33</sup> e para aquele outro que perguntou se eu tinha feito isso pelo dinheiro. Eu respondo para ele e conto o quanto eu sofri dentro da igreja. Falo sobre o momento em que sofri lá dentro e não havia Ministério Público para ver o quanto uma criança sofre. Não precisa a Comissão CPI da pedofilia, mas a CPI dos maus-tratos precisava ter, sim.

**Ana Cláudia Holanda:** Na situação da Milla, por exemplo, é fácil perceber a violência que ela sofreu. No conselho de psicologia é considerada uma prática ilegal.

**Wagner Schwartz:** Qual conselho de psicologia?

**Ana Cláudia Holanda:** O conselho Federal de Psicologia.<sup>34</sup>

**Wagner Schwartz:** Mas existe o conselho de psicologia da terra plana. Esse ninguém sabe como atua. A minha primeira psicóloga foi cristã.

---

<sup>32</sup> Op. cit., MAGALHÃES, M. Eu espero que essa seja a primeira e a última vez... Salvador. 17 out. 2023.

Instagram: @magalhaesmilla Disponível em

[https://www.instagram.com/reel/CygdC4OOM3e/?utm\\_source=ig\\_web\\_button\\_share\\_sheet](https://www.instagram.com/reel/CygdC4OOM3e/?utm_source=ig_web_button_share_sheet) Acesso em 18 out. 2023.

<sup>33</sup> Projeto de lei da Câmara 122 de 2006, ou PL 122, também conhecida como lei anti-homofobia, foi um projeto de lei brasileiro apresentado pela então deputada Iara Bernardi. O projeto de lei tinha por objetivo criminalizar a homofobia no país e foi arquivado após passar oito anos no Senado sem obter aprovação.

<sup>34</sup> Em vigor há 18 anos, a Resolução nº 01/1999 veta que as(os) profissionais da Psicologia exerçam qualquer atividade que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas. Proíbe, ainda, adotarem ação coercitiva que busque orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

**Ana Cláudia Holanda.** Eu também tive essa experiência.

**Wagner Schwartz:** Eu vou te contar uma surpresa: foi ela que me disse que eu precisava experimentar minha sexualidade.

**Ana Cláudia Holanda:** Que bom.

**Wagner Schwartz:** Quando eu cheguei na sala, ela olhou para mim e eu não consegui dizer nada. Eu estava vivendo o maior tormento da minha vida, óbvio. Aquele era o lugar onde eu tinha as portas fechadas para dizer para alguém quem era eu e eu não sabia dizer porque era proibido, só deus sabia e em silêncio, porque se eu orasse em voz alta alguém poderia ouvir. Aí eu estava lá para dizer para alguém e não conseguia dizer. Então ela falou: “olha, ou é droga ou é sexo”.

**Ana Cláudia Holanda:** Já sabemos qual era.

**Wagner Schwartz:** Ela disse: “Esse silêncio provocado pelo seu corpo só tem esses dois motivos”. Eu falei para ela: “Acho que eu sou homossexual porque eu olho para os meninos da igreja”. Eu tentava falar: “Eu olho para meninas também, mas eu vejo os meninos e sinto interesse por eles”. Ela falou: “Se você acha, eu acredito que você tenha que entender o que é real ou não”. Ela falou: “Eu sou contra as meninas que casam virgens. Porque se elas casarem virgens, elas não vão ter noção do corpo que vai dormir com elas a vida inteira”. Depois descobri que ela era uma psicóloga que sofria maus-tratos na família pelo marido. Ela mesma me contou. Não é que ela era a fim de que os adolescentes trepassem. Não era essa a ideia, mas que conhecessem o corpo daqueles com quem estariam juntos. Talvez sem penetração, algo assim. Mas ela falava que era bom conhecer a pessoa com quem elas iam viver a vida inteira porque você sabe que o casamento é inseparável para essas pessoas. Sobre a homossexualidade, eu não consegui dizer que eu *era*, então ela disse que talvez eu devesse experimentar. Convivi um tempo com ela porque ela se tornou alguém que me observava dentro da igreja. Ela vinha e falava assim: “Não vejo você amando ninguém dentro da igreja”. Eu não amo ninguém, não sei o que é o amor, até hoje é difícil para mim esse assunto. Se eu pensar o que eu ainda não resolvi, foi essa questão dessas ligações mais profundas porque no momento que está ficando profunda demais, eu caio fora. Eu me protejo da visão externa. Eu vivo no meu mistério, hoje muito

menos. Vai, muito menos. Sou casado há 14 anos. Tenho uma cambada de gente que eu amo e discuto com eles, a vida andou uns cem anos para frente. Mas existem os pequenos traumas de quando eu me percebo sendo mais crente do que eu deveria ser, mais evangélico do que eu deveria ser.

**Ana Cláudia Holanda:** Ainda aparece?

**Wagner Schwartz:** No julgamento. Muitas vezes, me percebo julgando as pessoas. Ele pode até ser bom, em um lugar artístico. O artista adora julgar as pessoas, julgar uns aos outros, julgar é tipo um hobby, um trabalho. Também pode se tornar cruel, mas é menos direcionado à salvação. Então não é que é certo ou errado, às vezes é sobre o que é ridículo. Se é ridículo ou não é.

**Ana Cláudia Holanda:** Tem um julgamento, mas nessa dimensão da religião, a condenação é mais forte.

**Wagner Schwartz:** A religião é condenação, te julgo porque eu vou ter que orar por você. Porque você vai desaparecer.

**Ana Cláudia Holanda** Aqui no questionário, eu faço referência ao James Baldwin. Quando ele aborda a questão da ambivalência. O Baldwin também saiu da igreja por conta da sexualidade, da homossexualidade dele, que era incompatível com a religião. Mas nas falas dele, nos escritos dele, há essa dimensão de uma certa ambivalência porque ele acredita à igreja o senso de comunidade, a prática da oratória.

**Wagner Schwartz:** Aí é outro lugar que eu posso dizer também várias coisas sobre a igreja.

**Ana Cláudia Holanda:** Tem coisas que você traz ainda da igreja?

**Wagner Schwartz:** Claro, a responsabilidade com o horário, a responsabilidade com o que eu faço, com o trabalho que é diário. Vigiar e orar, não é? Vigiar para nós seria o trabalhar e orar seria o criar. Entrar em meditação, se conectar aos seus elementos, isso eu trago muito de lá, a fidelidade, a amizade, o poder da escuta. Eu li a bíblia duas vezes, e isso é maravilhoso para um adolescente. Quer dizer, enquanto literatura, é um livro que precisava ser lido. Um dia, eu

estava falando com um amigo cineasta sobre a parábola da mulher de Ló e ele não conhecia. Eu disse: “Pelo amor de deus, você é um cara do cinema, como é que você não conhece a história da estátua de sal?” É impossível. Várias parábolas que são boas histórias, a questão da mulher adúltera, onde Jesus diz: “Quem não tem pecado, que atire a primeira pedra”. Essa é maravilhosa. Põe todo mundo no próprio galho, cada macaquinho no lugar dele, está todo mundo na merda. Esse papo que eu sou mais santo que o outro. Faz você pensar antes de... Enfim, tem coisas interessantíssimas, acho que até essas coisas da... É que para mim é difícil falar hoje essa palavra “oração”, é difícil mesmo. Mas esse silêncio que você busca, esse momento silencioso que você conversa com... Sigo achando que você está falando com um terceiro que é superior, é interessante. Hoje o superior pode ser a sua imaginação, pode ser a sua aspiração. Esse eu que desaparece, que por vez você se conecta em silêncio. As palavras, o universo das palavras, são muito difíceis de acessar. Então, assim, tem o ritual, o *ir* sempre até algo. Essa ideia do corpo performativo que precisa de um treinamento, de uma busca. O treinamento físico e espiritual, se pensarmos que espírito em francês é mente. Sem falar que há diferenças entre as igrejas. A Igreja Presbiteriana é de uma maneira, os evangélicos da Pentecostal são outra coisa, já trazem essa marca da emoção. Com isso, já não sei lidar muito bem, mas os presbiterianos são muito organizados no coletivo, em viver em coletivo. Hoje posso morar com dez pessoas que as pessoas não vão me notar, eu desapareço entre elas. Lavar as vasilhas da pia, arrumar o quarto, deixar o espaço preparado para o seguinte, essas coisas são minhas, pensar no mundo, na relação com o mundo, olhar para os pretos, brancos e pardos como se fôssemos da mesma família e não através do racismo [sic]. Eu aprendi ali, eu tenho quem eu chamava de irmão, é meu irmão, um preto é meu irmão. Então hoje, fora da igreja, eu chamo um preto de meu irmão, eu posso correr o risco de ser taxado de oportunista. Na igreja é meu irmão, agora, na umbanda, também é minha família. Então assim, que lugar é esse que a religião permite que do lado de fora não existe? Eu fui criado em igreja de bairro, racismo eu fui entender na cidade grande, lá no bairro, não, principalmente na minha família. Por exemplo; minha vó era preta e evangélica, então, assim, não vivi racismo ali dentro. Monteiro Lobato estava do lado de fora. Do lado de dentro, nenhum pastor chegou na minha irmã preta e falou que a alma dela era branca... Claro, existiam hinos em que a gente cantava “alvo mais que a neve”, então a neve, o branco, sempre foi a imagem da pureza, do não pecado, mas isso existe do lado de fora também. Quantas músicas hoje a gente aprendeu que são absurdas. Quanta literatura, filmes que a gente diz que não fazem mais sentido hoje, mas que naquela época eram normais? Programas de humor dos trapalhões, meu deus do céu. Isso eu nunca vi o pastor falar para minha irmã, minha melhor amiga que é a Vitalina, que está no livro, que ela é preta porque

ela pecou, ou um ancestral dela pecou. Nunca teve na minha igreja, não sei nas outras, então assim, é uma comunidade. Isso também não sei se você viveu, mas todo mundo era sempre abraçado, dava as mãos. Vivia um do lado do outro, escutava o problema do outro. Ajudava a resolver. Claro, depois havia os problemas mais profundos que talvez um pastor deveria saber como resolver, mas não sabia. Porque ele já é taxado como um pecado estrutural.

**Ana Cláudia Holanda:** Você preserva alguma relação com a bíblia, com a cruz?

**Wagner Schwartz:** Não, a bíblia eu não consigo nem ter o livro perto de mim, é uma antipatia, é física a relação. Se tiver uma bíblia aqui eu vou pôr ela dentro da gaveta. Se entrar em hotel e tiver a bíblia lá, eu vou esconder. Não consigo nem ver. Hoje eu sou exatamente aquele endemoniado que não consegue ver a bíblia, nem a cruz, nada.

**Ana Cláudia Holanda:** Passei muitos anos assim, mas quando comecei a pesquisa, eu comprei uma bíblia por obrigação, mas ainda assim, contrariada.

**Wagner Schwartz:** É complicado porque a gente não se aproxima das coisas só pelo que elas significam, mas pelo contexto nas quais tivemos contato com elas. Você não ama a pessoa só pelo rosto dela, pela beleza, você ama o movimento da pessoa, o cheiro da pessoa, o que a pessoa não diz. É a mesma coisa com os livros. Agora, eu já reli Gênesis, achei muito bonito. Já reli o Eclesiastes e achei muito bonita a relação com o amor. A inscrição do amor. Ainda tem muitas parábolas que fazem sentido para mim, mas a figura de Jesus eu não dou conta mais.

**Ana Cláudia Holanda:** Li no seu livro que você teve experiências com o candomblé, com a Umbanda, com o Tarô. Para mim, isso foi um movimento de coragem enorme porque eu cresci em um lugar onde isso era condenação.

**Wagner Schwartz:** É um inferno, é o inferno.

**Ana Cláudia Holanda:** Eram mil maneiras de ir para o inferno, não é? Era ser homossexual, ir à umbanda, falar com os mortos. Jogar tarô. Tudo isso. Você vive com aquele cabeção. Ai, meu Deus, será que esse livro pode? Essa música aqui? Será que se eu ouvir, vou para o inferno? Você também viveu essas repressões assim?

**Wagner Schwartz:** Para mim foi um pouco diferente. Porque tinha esse meu movimento em direção às artes, que aconteceu na mesma época em que eu me descobri homossexual dentro da igreja. Eu tinha a arte como aliada, era uma sensação de amparo muito grande que eu sentia. Quando eu era criança, eu só lia, então eu me jogava nos contos de fadas. Na adolescência eu assistia filmes, muitos filmes. Então era uma relação com a arte muito grande, que ao mesmo tempo em que preparava esse colchão que vai queimar no inferno, não deixava de ser um colchão... esse colchão era macio. Eu já percebia alguma coisa ali. Mas estava construindo um eu operante e menos passivo. Mas tive, sim, medo de ouvir alguns músicos. O pastor na época nos apresentou os *backing words*.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu li no livro.

**Wagner Schwartz:** Sim, houve aquela moda de colocar as músicas de trás para frente. Na Xuxa, eu lembro que tinha, tinha uma pergunta: “Por que morremos?” Ou era “Super Fantástico”, d’O Balão Mágico? Quando o Jairzinho cantava “super fantástico” de trás para a frente soava: “Porque morremos?”

**Ana Cláudia Holanda:** Não deixa de ser uma pergunta filosófica importante, né? (risos)

**Wagner Schwartz:** Mas para um cristão, para uma criança, não, não é. Quer dizer, há subjetividade. Já estaria ligada à sensação da morte, mas em uma idade em que não se deveria pensar sobre isso. Isso era um sacrifício, não é? As crianças passavam essas coisas. Na Xuxa, tinha uma que ela falava do rei Exu. Hoje você até encontra esse vídeo no Youtube. Tem um vídeo com Exu, Xuxa de trás para frente, Xuxa já é Exu. Então assim...

**Ana Cláudia Holanda:** Fica fácil (risos).

**Wagner Schwartz:** Na Internet você encontra o vídeo com essas músicas de trás para a frente. Há uma em que ela fala do anjo, do anjo caído. Imagina isso quando você é adolescente, ouvir isso no culto? Na igreja de bairro, logo embaixo do morro, ou seja, a gente tinha um morro depois para subir para chegar em casa, eu morava no alto. Eu ouço isso numa igreja mal iluminada e vou subir um morro escuro durante 50 minutos para chegar na minha casa. Um terror.

**Ana Cláudia Holanda:** As entidades adoram o morro, inclusive.

**Wagner Schwartz:** Exatamente, eu não conseguia dormir. Era muito, o inferno já estava ali, não estava só na morte. Havia essa coisa, o paraíso a gente só vai ver quando morrer. Mas o inferno já está presente. Só que a gente vai sofrer quando a gente se encontrar. Sofrer mais, não é? Porque a gente já tem essa percepção do inferno. Ela já existe na vida.

**Ana Cláudia Holanda:** Você se considera uma pessoa religiosa atualmente?

**Wagner Schwartz:** Eu gosto da frase do baiano: “Eu sou ateu e vejo milagres”. É, acho que mais ou menos isso, “eu sou ateu e vejo milagres”. Eu vou lá na Mãe Irene conversar com ela. Ela firma os negócios lá. Eu acho tudo bonito.

**Ana Cláudia Holanda:** Ela é filha de qual orixá?

**Wagner Schwartz:** Ela é de Nanã.

**Ana Cláudia Holanda:** Uma Orixá muito poderosa. Das passagens, as danças são poderosíssimas.

**Wagner Schwartz:** Segundo ela, sou de Iemanjá, com Ogum nas costas.

**Ana Cláudia Holanda:** É uma dupla bem comum, porque Iemanjá anda muito junto de Ogum. Tem até o Ogum Beira-Mar.

**Wagner Schwartz:** Eu tenho Pombo Gira Beira-Mar. Ela é quem chuta esses infelizes aí. Ela está do meu lado.

**Ana Cláudia Holanda:** Uma turma potente.

**Wagner Schwartz:** Já conversei com os Exus, eles falam sempre: “O que você vem fazer aqui? Por que você está com essa cara de preocupado, você já sabe”, eles falam, “eu já estou com você, você já é, estou do seu lado, tomo conta de você. Vai embora”, e também: “Não precisa falar lá com esses velhos, isso não resolve nada”. Eles falam dos pretos velhos. “Você conversar

com os velhos não resolve nada. É aqui”. Eu acho tudo muito bonito. A primeira vez que eu fui, eu quase que não aguentei de medo.

**Ana Cláudia Holanda:** Medo, medo...

**Wagner Schwartz:** O meu corpo tremia muito, eu lembro da sensação, mas eu fui com um amigo muito querido, o Danislau do Porcas e Borboletas.<sup>35</sup> Ele me levou na tenda Coração de Jesus. Lembro de ir com ele e do medo que eu senti, muito medo. Mas eu nunca fiz cabeça, ou passei uma semana, essas coisas eu não vou fazer nada, não.

**Ana Cláudia Holanda:** É difícil voltar para a religião, não é? Depois que você sai.

**Wagner Schwartz:** Eu não quero fazer.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu também fico... Hum, não, gente, obrigada. Muito bonito, eu vou lá, contribuo, mas tenho dificuldade de ir adiante.

**Wagner Schwartz:** Eu não vou estar lá 100%. Eu gosto até quando minha mãe fala que vai orar por mim hoje, quando ela fala que as amigas estão orando por mim, eu falo: “Pode pedir oração”. Acho bom. Acho boa essa sensação de que alguém esteja pensando em você.

**Ana Cláudia Holanda:** Amorosamente.

**Wagner Schwartz:** Amorosamente, e queira a sua proteção. Do outro lado, faz tão mal só de imaginar. Falar para as minhas amigas para te odiarem chega rápido, então assim, o amor também pode chegar rápido.

**Ana Cláudia Holanda:** Chega, chega, sim. Ainda mais quando ele é familiar, não é? Eu fui em uma mãe de Santo e ela falou justamente dessa conexão. Mas me disse: “só tenha cuidado para eles não orarem para te mudar”.

---

<sup>35</sup> Banda mineira.

**Wagner Schwartz:** Ah, sim. Mas aí se orar para me mudar, tem o Exu que vai falar: “Cala a boca, a oração chega até aqui e volta”. Tem uma pessoa que lê meu tarô e eu gosto muito, eu sou fã, e o problema é esse, eu só faço com uma pessoa, não faço com várias, se é para ler, é com ela; se precisar de *bater um papo*, é com a Mãe Irene. Aí eu chego lá com uma flor, vou visitar a Mãe Irene fora dos cultos, aí ela fala, eu converso com ela, ficou ouvindo-a falar. Também encontro no discurso dela coisas um pouco diretivas, que são menos relacionais, até um pouco autoritárias no sentido da religião. Mas aí eu ponho para outro lugar, eu penso outra coisa.

**Ana Cláudia Holanda:** As mensagens também vão se revelando, não é?

**Wagner Schwartz:** É, eu acho que é o jeito dela falar, e tem um jeito meu de entender também. Eu sou uma pessoa mais inteligente hoje, acho. Se eu pensar na minha relação com a religião, sou uma pessoa mais empática, sabe? Se o povo da Universal quer orar por mim, ore. Mas ora por mim, é isso aí. Não ora para quem você quer que eu seja. Eu acho legal. No livro, escrevo sobre pessoas da igreja que ficaram felizes quando eu disse que cristão não gosta de sangue, quem gosta de sangue é assassino. Uma menina me escreveu, ela disse: “Obrigada por não colocar todo mundo no mesmo lugar”. Eu acho que é isso, tem gente lá que é bem bacana. Mas eu não sou mais isso, sabe? Mas se trazer o místico do tarô, eu gosto. Tarô é muito mais confuso. Não é que eu seja religioso, místico ou espiritualizado. Eu acho que são sensibilidades que eu escuto. Se elas não emburrecem, eu escuto.

**Ana Cláudia Holanda:** Essa dimensão mística, misteriosa, ela está aí ainda, então? Mesmo com tudo o que você viveu, que não é pouca coisa, não é? Ainda mais depois dessa revirada de 2017. Ainda assim, essa conexão está aí? O ateísmo, a racionalidade, isso não dá conta.

**Wagner Schwartz:** Não dá conta porque a palavra, o ateísmo, não chega a todos os lugares, a palavra não chega a todos os lugares. É, existem coisas que vão ser sempre da ordem do mistério porque a gente não vai dar conta de resolver. No meu livro tem uma carta de Lygia Clark. Eu nunca vou contar como que aquilo foi escrito.

**Ana Cláudia Holanda:** É verdade. É uma psicografia?

**Wagner Schwartz:** Psicografia, como que aconteceu? Onde que aconteceu? Se isso não interessa a ninguém, essa carta está ali psicografada.

**Ana Cláudia Holanda:** E é bem interessante essa carta.

**Wagner Schwartz:** Minha relação com o Machado de Assis não é uma relação literária também. Se você for mais longe, vai entender a minha relação com a Anita Malfatti, ela existe. Somos irmãos de nascer no mesmo dia, só que com 100 anos de diferença. Então assim, a gente conversou na praia. Como que isso acontece? Vão falar que isso é ficção, que é realismo fantástico. Que seja, põe aí na sua caixa. Eu não revelo.

**Ana Cláudia Holanda:** Qual o dia de nascimento?

**Wagner Schwartz:** 2 de dezembro.

**Ana Cláudia Holanda:** Sagitariano.

**Wagner Schwartz:** É, eu e ela. Então tem umas coisas que são extras, não é?

**Ana Cláudia Holanda:** E a prática de orar? Você disse que não é oração, mas é meditação. Você tem esse hábito?

**Wagner Schwartz:** Eu acho que é quando escuto música. Não ouço música igual muitas pessoas ouvem, não. Ainda sou do vinil. Sou de colocar o disco e ouvir ele inteiro. Odeio *playlist*. Em casa, eu não faço isso de jeito nenhum. Eu ouço um disco. Se for ouvir a Tulipa Ruiz, vou ouvir o álbum *Tu*.<sup>36</sup> Coloco desde a primeira faixa. Ah, como eu gosto dessa música, a que chego depois de ouvir outras 4. Aprendi com a Morgana Cantarelli, que está no livro, é uma amiga. Ela me ensinou a ouvir música quando eu era criança. Um dia eu falei: “Ah, eu adoro a quarta música”. Fui lá com a agulha e ela falou: “não, você põe na primeira música, e o mais gostoso é quando a música chega, Wagner. Escute as músicas que vem antes porque quando ela chegar, a sensação vai ser diferente”. Ela tinha 20 anos, eu tinha 10, sabe? Minha irmã sapatão, ela quem me ensinou a jogar futebol. Enfim, está vendo o tanto de meditação que vem dessas pessoas que observam a vida com mais intensidade. Talvez seja isso, não sei se intensidade também é o nome, mas só de observar a vida já é intensa, não é?

**Ana Cláudia Holanda:** A vida é muito intensa, mesmo!

---

<sup>36</sup> RUIZ, T. *Tu*. Salvador: ONErpm, 2017 (27min38s).

**Wagner Schwartz:** É só observar, essa sensação de observação, observe isso. Talvez seja o que eu chamava de oração. E o que era a oração que a gente fazia? Fechava o olho e resumia para uma terceira pessoa, mesmo que ela já soubesse.

**Ana Cláudia Holanda:** O deus onisciente.

**Wagner Schwartz:** Onisciente, então ela já sabia. Você resumia para uma pessoa algo, um acontecimento da sua vida. Então é isso que eu faço hoje, não preciso fechar o olho, mas às vezes eu fecho.

**Ana Cláudia Holanda:** Entra em contato, não é?

**Wagner Schwartz:** Quando eu escuto uma música, estou me escutando, dizendo alguma coisa para essa coisa que é superior e que me mantém vivo, que talvez seja o meu coração ou o meu corpo. Porque não sou eu que vou parar ele, ele que vai me parar, então eu estou ouvindo a música para que ele seja alimentado e eu ganhe mais tempo de vida. Estou alimentando essa pessoa, ou talvez essa coisa, essa coisa que me promove o acesso à vida. Que me dá diagnósticos, que cria e resolve problemas. Enfim, estou alimentando, conversando com ela e pedindo para ela mais tempo de vida. Mais alegria. Peço para ela mais consciência. Sou carinhoso com ela, porque é essa coisa que um dia vai apertar a tecla “*stop*”. Precisa conversar com ela porque senão vira bagunça.

**Ana Cláudia Holanda:** Queria que você mandasse uma mensagem para essas pessoas que estão na religião, como nós um dia estivemos. Sei lá, imagina aí o jovem Wagner de 15 anos, 21 anos, Milla, o seu amigo casado com 3 filhos. O que você diria para essas pessoas?

**Wagner Schwartz:** É possível ser feliz na vida, é possível ser feliz agora na vida.

**Ana Cláudia Holanda:** Para concluir, eu peço que os entrevistados abençoem a pesquisa e os seus desenvolvimentos.

**Wagner Schwartz:** (risos) Querida pesquisa, eu te abençoo. Só que a gente nessa igreja não abençoa “em nome do pai, do filho do Espírito Santo”. A gente não tem essa bênção, não é? Se a igreja diz: “Deus te abençoe”, eu posso dizer aqui: “Que o teu corpo te abençoe e que você consiga terminar este trabalho e ajudar pessoas a terminarem com os trabalhos que os outros

fizeram e colocaram no corpo delas. Esses outros trabalhos precisam ser elaborados, que você ajude as pessoas a se elaborarem através do seu trabalho”.

**Ana Cláudia Holanda:** Em nome do que quer que você esteja abençoando este trabalho, amém.

## 12 MEUS PAIS NÃO SABEM QUE EU SOU SAPATÃO

Ontem à noite contei pela enésima vez a história de um almoço que tive com meus pais no começo do ano. Pensei que era um texto que poderia ser escrito, uma vez que ele já havia sido construído oralmente. Comecei o relato pela memória de um tratamento que eu fiz para um câncer de pele que desenvolvi no ano passado. Depois de descobrir o diagnóstico de uma lesão e de conseguir fazer o procedimento de remoção, pelo estado fragilizado emocionalmente em que me encontrava por conta de outros processos como a minha separação, eu entrei em muitos enredos, ora místicos, ora científicos para tentar encontrar a causa somática do evento. Por conta dos anos de psicanálise como paciente e depois dos anos de prática, essa é uma hipótese que eu raramente descarto completamente. Talvez nunca. A primeira pista que eu tive foi de uma mãe de santo. Eu perguntei se estava de alguma forma relacionado ao meu antigo parceiro, ela disse que não. Depois, ela jogou os búzios e disse que provavelmente estava relacionado à minha linhagem materna. Ela disse que minha mãe havia desenvolvido o hábito de falar mal de mim pelas minhas costas. A lesão era justamente aí, nas costas. Ela seguiu perguntando ao oráculo e quando jogou sobre a minha avó, saíram exatamente as mesmas quedas. Ela perguntou: “Elas moram juntas?” Justamente naquela época, minha mãe havia se mudado para Fortaleza, por causa do tratamento de hemodiálise que meu pai havia começado e estava morando há alguns meses na casa da minha avó. Expliquei tudo isso e ela logo concluiu: “Elas se juntam para te maldizer”. Em seguida, ela me recomendou: “Você precisa fazer um gesto em direção a elas. Deixar a coisa como está pode ser perigoso para você. Ela me advertiu que as linhagens sanguíneas são muito poderosas e que não é bom permitir que rancores, mágoas, ressentimentos sejam alimentados, pois eles podem causar danos.

Ouvi tudo isso muito contrariada. Afinal, eu estava ali cuidando de mim mesma, da minha saúde, da minha vida de um modo geral, me recuperando de uma separação difícil e, ainda por cima, agora eu tinha que reparar a relação com minha linhagem materna porque minha mãe e minha avó não tinham maturidade – ou espiritualidade – suficiente para saber que não se deve falar mal de alguém da própria família. A mãe de santo me recomendou enviar-lhes um presente. Eu, à contragosto, encomendei o presente a uma amiga artista de Fortaleza. Pensei que fortalecer uma outra linhagem feminina poderia me ajudar a cumprir minha obrigação espiritual sem precisar abdicar totalmente da minha posição pessoal.

Minha amiga nunca fez a encomenda, mas nesse meio tempo, acabei reatando o vínculo com a minha mãe de maneira muito discreta. O almoço que relatei mais acima fazia parte desse esforço de reaproximação. Não temos uma relação constante, nem próxima, mas nos falamos

pelas redes sociais e sempre que vou à Fortaleza, eu encaixo um almoço, ou algum tipo de encontro. Após o almoço, ela me pediu que fossemos buscar meu pai no hospital após a hemodiálise. De lá, ela me daria uma carona para a casa da amiga com quem vivi minha primeira paixão sapatão. Achei que também valia a pena construir essa sequência. Assim eu fiz. No pequeno trajeto de carro de, no máximo, dez minutos. Meu pai lançou mão de diversas manipulações. Enquanto se fazia de vítima por não ter sido convidado para o almoço, ele sugeria me convidar para um almoço em um restaurante caro. Acusava a minha mãe e a mim de tê-lo enganado. Claro, tudo isso de maneira que, caso alguma de nós nos sentíssemos ofendidas, ele rapidamente recuaria ao dizer que não passava de brincadeira. Cheguei na casa da minha amiga, conversamos bastante, ela me defumou com incenso, a viagem seguiu sem maiores desgastes.

Algumas semanas depois, tive um sonho. Eu encontrava meus pais no pátio de uma igreja em Quixadá. É um lugar que se chama Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão. Quando chegávamos lá, alguém nos instruíra para esperar, o rito começaria em breve. Pouco depois, começavam a chegar muitos Exus, Seu Zé Pelintra, Exu Navalha, Exu Capa Preta. Eram muitos, dezenas. Alguns deles estavam incorporados em médiuns, outros eram somente etéreos. Andavam de um lado para o outro e provocavam uns aos outros. Nós passamos no meio deles e entramos em uma casa, com umas divisórias de vidro. Lá dentro, meu pai e eu comíamos um peixe, enquanto minha mãe andava de um lado para o outro, como é muito típico dela fazer. Por ser uma pessoa extremamente ansiosa, ela não consegue ficar parada muito tempo e era assim no sonho. Depois saíamos e quando voltávamos ao pátio, se iniciava um outro ritual, agora em torno de uma imagem de uma Pomba-Gira cigana. Ela tinha uma roupa bonita e cartas nas mãos. Eu perguntava a eles o que seria o próximo ritual, e dizia: “Será que tem a ver com o fato de que eu jogo cartas?” Eles riram e eu acordei.

Guardei uma memória muito viva do sonho. Contei na minha análise e interpretamos os símbolos. Mas eu dizia para a minha analista que eu me sentia bem com esse sonho. Para mim era uma imagem de proteção espiritual. Me sentia especial por estar sendo protegida por tantos Exus assim e por eles se reunirem para um ritual que dizia muito ao meu respeito. Mas eu não entendia muito bem o que meus pais faziam ali. Justamente por isso, havia voltado de Fortaleza desconfortável com essas proposições feitas por eles, com essa ideia de que eu poderia ser manipulada a ir a esse almoço. A imagem do sonho, por outro lado, me dizia que se eu precisasse encontrar com eles, esses Exus me dariam cobertura. Senti que isso me encorajou a dar mais um passo no sentido de uma reaproximação, agora também do meu pai.

No começo deste ano, eu voltei à Fortaleza com uma amiga. Passamos uma semana lá, uma parte na cidade, outra parte na praia, em Icaraizinho de Amontada. Com a memória do sonho, eu decidi que toparia marcar um almoço com eles. O compromisso ficou para o final da viagem. Na véspera da chegada, meu irmão mais novo me mandou uma mensagem e me convidou para tomar ayahuasca com ele sua esposa. Eu nunca tinha experimentado o chá enteógeno e achei que seria uma boa oportunidade. Meu irmão é usuário há muitos anos junto com minha cunhada. Eles tomam e administram o chá em rituais, na casa deles e em outros espaços em Fortaleza e em outras regiões do Brasil. Dessa vez, seria um encontro festivo com o povo Huni Kiun, oriundo do Acre brasileiro. Eu estava bastante nervosa com esse primeiro contato, mas a experiência foi maravilhosa. Meu irmão e minha cunhada foram muito cuidadosos comigo e eu esperava que a substância pudesse me ajudar com um processo depressivo em que eu me encontrava desde a minha separação e também por consequência de um encontro amoroso que teve que ser interrompido. Foi exatamente o que aconteceu. Eu tive uma primeira experiência muito leve. Tive poucas mirações, que são as visões pelas quais o chá é conhecido. Mas tinha uma sensação de bem-estar muito grande e um contato com um sentimento de amor muito profundo. Principalmente com relação a esse encontro mais recente, eu sentia algo muito bonito, desejava muito bem à pessoa e pudemos também experimentar o desapego por causa da necessidade de nos separarmos. No único breve momento em que tive uma miração, vi um lindo padrão de cores. Ao fechar os olhos, eu via algo que se assemelhava a uma bandeira com as cores do reggae, com o rosto de Haile Selassie<sup>37</sup>, como é comum ver em muitas bandeiras por aí. Foi um momento muito forte de conexão com o meu irmão mais novo. Ele também tomou o chá e em alguns momentos, sem atrapalhar o ritual, tivemos lindas conversas sobre sentimentos e sobre filosofia.

Depois desse lindo começo, a viagem seguiu com a ida para a praia e com outros vários encontros com amigas e amigos até que chegou o dia do almoço. Minha amiga tinha dito que iria comigo, mas à medida que foi se aproximando, ela ficou mais insegura com a ideia. No final, achei que foi melhor assim. Talvez ter a companhia dela poderia me deixar ainda mais nervosa, uma vez que eu sei onde esses encontros podem chegar. Ela me acompanhou até o carro, os cumprimentou e se despediu.

Eu estranhei o fato do meu pai estar ao volante. Da outra vez que eu encontrei com eles, minha mãe dirigiu porque ele estava indisposto após a hemodiálise. Há algum tempo ele caminhava com ajuda de uma bengala e se movimentava com dificuldade. Apesar disso, ele

---

<sup>37</sup> Haile Selassie (1930-1974) foi um imperador anti-colonialista da Etiópia, considerado um deus aos seguidores do movimento Rastafári.

conduzia de maneira segura, mas eu fiquei surpresa com sua dificuldade de orientar-se pela cidade em um trajeto muito simples: da casa onde eu estava hospedada até o restaurante. Um deslocamento que não deveria ser maior que dois quilômetros. Ele não sabia qual rua pegar e minha mãe dava-lhe instruções muito básicas. Eu somente observava. Minutos depois, meu pai começou a conversa. Ele partiu de uma queixa sobre os hábitos veganos de uma prima. Ele começou o comentário com uma surpresa com a suposta radicalidade do hábito e concluiu com uma pergunta para mim em tom cínico: “O veganismo é tipo uma religião, não é?” Eu já estava habituada às provocações dele e, dessa vez, em nome da paz e com a proteção espiritual que me havia sido oferecida em sonho, eu reagia a tudo de forma muito inocente. A isso que ele perguntou, eu respondi somente: “Pai, veganismo não tem a ver com alimentação?” O tom de sincera interrogação que eu coloquei na frase fez com que ele respondesse: “É verdade, tem a ver com alimentação”.

Não demorou para chegarmos ao restaurante. Eu entrei pela porta de vidro e tive uma breve sensação de *déjà vu*. Eram as tais divisórias do sonho. Pedi uma mesa para três pessoas, a recepcionista me informou que não havia lugares disponíveis no momento e nos pediu para aguardar um pouco. Meu pai entrou em seguida e viu uma mesa grande, com o sinal de “reservada”. Ele simplesmente foi até lá e se sentou. Eu perguntei às moças que nos ajudavam se poderíamos esperar ali até que vagasse outra mesa. Elas foram gentis e disseram que sim e nos trouxeram bebidas e entradas. Eu temia que com essa forma invasiva, ele causasse um mal-estar com o atendimento. Não foi o caso, todos nos tratavam com paciência e, sem causar desconforto, elas nos serviram até conseguir nos encaixar em uma mesa menor. Eram os Exus encarnados.

Depois que migramos para a mesa definitiva, pedimos um peixe e uma salada. Os pratos são enormes nesse restaurante. A comida foi suficiente para os três e ainda levamos para casa. Ao longo do almoço havia muitas tensões, uma delas era pelo fato de que meu pai não podia comer ou beber várias coisas desde que havia começado a hemodiálise. Minha mãe tomava para ela as restrições e me dizia: “Não podemos comer mariscos, ou frutos do mar por conta da dieta do seu pai, mas você pode pedir o que quiser”. Eu ainda procurei uma alternativa, mas simplesmente não fazia sentido pedir uma salada com ovo e atum enlatado em um restaurante que vende uma conhecida salada com frutas tropicais e camarão. Também pedi uma inocente água com gás com gelo e limão espremido, o que foi suficiente para criar vários riscos. Meu pai insistia em pegar um pouco da salada, sem os camarões, mas minha mãe tentava convencê-lo a não seguir em frente. Deu certo, mas ele não resistiu à água com gás, que junto com o café que pedimos ao final, excedia sua possibilidade de ingestão de líquidos.

Ao longo da refeição, foi um festival de perguntas invasivas sobre o motivo do fim do meu antigo relacionamento, sobre minha vida profissional, meus rendimentos e toda a sorte de informações pessoais que eu não gostaria de revelar para ele, ainda mais sem qualquer contexto de proximidade, de relevância ou de pertinência à conversa. Com ajuda da minha mãe, driblei todas. Eu utilizava a mesma técnica do desentendimento e minha mãe mudava de assunto. Em algum momento, ele perguntou sobre uma tatuagem de onça que tenho no braço. Travamos a seguinte conversa:

- Essa tatuagem...? – ele perguntou.
- Sim... – respondi.
- É uma... onça? – ele seguiu.
- Sim, uma onça – disse, somente.
- O que significa? – ele insistiu.
- É uma onça – concluí.

A conversa seguiu assim, até que ele, exausto de não conseguir me fazer cair em nenhuma das provocações, apelou. Ele convocou minha mãe e disse: “Flávia, conta para ela quem é o seu cabelereiro agora”. No que parecia um sentimento de timidez, ou vaidade, minha mãe começou a contar sobre Atila. Ela começou me perguntando se eu conhecia ele da época da campanha de Jair Bolsonaro para presidente em 2018. Eu confundi a figura com Agustin Fernandez, o uruguaio que é amigo pessoal e maquiador de Michelle Bolsonaro, e disse que sim. Ela disse que havia conhecido o rapaz pouco depois do início do tratamento de hemodiálise do meu pai, que havia se aproximado bastante e agora era sua cliente. Segundo ela, ambos não viam no Bolsonaro a maldade que as pessoas o atribuíam e procuraram se aproximar dele para entender melhor. Supostamente, o cabelereiro se tornara próximo durante a campanha e minha mãe se aproximou de Atila para aprender com a fonte primária. Nesse momento foi mais difícil conter o choque. Eu já sabia por um amigo que minha mãe nutria uma forte admiração por Bolsonaro, ao ponto de ter-lhe presenteado uma rede de dormir quando ele foi à Quixadá durante a campanha presidencial, mas ouvir o que ela dizia foi difícil mesmo assim. Ao final, ela disse com um sorriso de alegria: “Filha, agora ele é homem, homem”. Eu entendi que ela queria dizer: que ele havia destransicionado. Nesse momento, eu disse: “Um homem gay, não é, mãe?” Fiz questão de pronunciar em alto e bom som cada uma das letras da palavra “gay”. Ela respondeu: “minha filha, ele disse que se libertou de tudo isso”. Eu não sabia mais o que dizer. Por sorte, o almoço já se aproximava do fim, eu disse que não queria sobremesa, pedi um café e a conta. Eles fizeram questão de me deixar de volta, onde seguiram as perguntas desconfortáveis. Apesar da história do cabelereiro, eu segui firme no intento de não entrar em

nenhum conflito. Horas depois de chegar em casa, já de volta com minha amiga e com planos para à noite, recebo na minha conta um pix do meu pai no valor de R\$ 500 (quinhentos reais) com a mensagem: “Por amor”. Senti alívio de conseguir passar por tudo aquilo sem sentir ódio, ou sem adoecer, como costumava acontecer. Mas a situação estava longe de ser confortável. Ainda assim, agradeço à proteção dos Exus para esse encontro.

Poucos dias depois, dia 11 de fevereiro, domingo de Carnaval, meu pai foi internado. Ele começou a passar mal e foi levado ao hospital pela minha mãe e um casal de amigos. Lá, ele teve uma parada cardíaca por excesso de potássio. No dia anterior, ele havia comido um pacote inteiro de bananas-passa quando sua dieta talvez permitisse, no máximo, uma. Desde então, ele teve várias complicações e se encontra internado até hoje. Dentre os vários procedimentos que ele precisou fazer, foi submetido à uma traqueostomia. Da última vez que fui vê-lo, ele se comunicava impacientemente por leitura labial. Talvez a conversa desse almoço tenha sido a última que tive com meu pai. Apesar da longa sobrevivência na internação, mais de cinco meses até agora, nenhum médico alimenta a esperança de que ele receba alta.

### 13 CAIO PACELA<sup>38</sup>

Caio Pacela nasceu em 1985, tem dez anos de carreira nas artes visuais, vive em Niterói e trabalha em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. É bacharel em Pintura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), frequentou cursos livres na Escola de Artes Visuais (EAV) Parque Lage. “Entre o místico e o terreno, sua obra traz à tona questões de simbiose entre os sujeitos individual e coletivo, seus relacionamentos de subversão e interferência recíprocas com ênfase no caráter espiritual, intuitivo e subjetivo das relações humanas e sua postura ante a ideia de sagrado e divino.”<sup>39</sup>

**Ana Cláudia Holanda:** Bem, primeiro eu quero te agradecer, Caio, por me receber aqui para a gente conversar. Já te expliquei sobre a minha pesquisa, certo?

**Caio Pacela:** Sim, certo, certo.

**Ana Cláudia Holanda:** Te expliquei que meu questionário é sobre pessoas que saíram da religião. Então eu vou pegar aqui um pouco o caminho, mas vou fazer algumas adaptações para a gente entender um pouco o teu percurso na fé. A primeira pergunta que eu faço, a pergunta que eu abro é: “O que é Deus para você?”

**Caio Pacela:** Uau, já assim? Meu Deus (risos). Me pegou de surpresa, mas vamos lá. É basicamente o que tem dado sentido para a minha vida. Principalmente depois de perceber em momentos que eu estava na lona, no fundo do poço, foi conseguir sair de lá através da ajuda de outras pessoas. Sair e ver que apesar de qualquer coisa que estivesse na minha frente, da realidade, no meu momento, eu deveria ter uma coisa chamada esperança, que é algo que não se vê. Ter esperança é esperar algo que não se tem à frente, né? Acreditar em algo que é improvável e que a partir dessa crença, dessa esperança, você consegue sair desse lugar viciado da angústia, voltar a ter uma vida, ou ter uma vida que você nunca teve, inclusive, juntamente com outras pessoas. É testemunhar que, não só você, como outras pessoas também podem ser vivificadas por essa esperança que é ilógica, certo? Então assim, eu estou te dando um fiapo de uma resposta de que eu desconfio que seja Deus pra mim. Eu acho que Deus, que é o eterno, esse ser Divino, ele se completa necessariamente no outro. Então não há uma relação com esse Deus sem passar pelo outro, pelo menos a maneira como nós estamos desenhados e inseridos

---

<sup>38</sup> PACELA, C. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. Rio de Janeiro, 7 abr. 2023.

<sup>39</sup> TORRES, J. Caio Pacela. Janaina Torres. São Paulo, c. 2024. Disponível em: <https://janainatorres.com.br/artistas/caio-pacela/> Acesso em jul. 2024.

nesse planeta. Então, o que é exatamente Deus? Se eu for definir como a bíblia definiu, e eu amo essa definição, por mais simples que ela pareça, é que “Deus é amor” e o amor está onde duas ou mais conseguem se relacionar. Não o amor no sentido erótico, de casal somente, mas numa relação de extremo respeito e consideração pelo outro, para que haja algo real ali e um caminho possível.

**Ana Cláudia Holanda:** Então Deus para ti, ele é muito mais um sentimento?

**Caio Pacela:** Não, ele é uma pessoa.

**Ana Cláudia Holanda:** Uma pessoa?

**Caio Pacela:** Ele precisa ser essa pessoa que, inclusive, foi encarnada na figura de Jesus.

**Ana Cláudia Holanda:** Entendi, então, ele te trouxe esse caminho da esperança e tudo mais, mas você também tem essa relação com essa divindade encarnada?

**Caio Pacela:** É, o amor é uma pessoa e não um sentimento somente e entendo que ele tenha uma natureza multiforme e não um ser distante que ocasionalmente eu posso alcançar ou não e que pode ser indefinível para muitos. Ele acontece, Deus acontece, e ele é imutável independente do que eu faça. Mas para o que eu experimente isso, eu preciso estar ligado ao amor.

**Ana Cláudia Holanda:** Você pode contar um pouco como foi a tua experiência, a tua trajetória na fé? Quando você se tornou evangélico, que igreja que você frequentou, como é que foi esse caminho?

**Caio Pacela:** Não tenho um histórico de frequentar igrejas no plural, essa igreja é basicamente a primeira igreja evangélica na qual eu entrei. Se for falar literalmente é a segunda, porque

houve outra no interior de São Paulo, onde eu nasci. Meus pais se converteram lá, cheguei a ir em duas ou três ocasiões, mas assim, só observando, não estava fechado com nada. Até que eu entro aqui, nos anos 2000, no final do ano de 2000 e fico. As coisas foram acontecendo naturalmente, fui atraído basicamente por outras coisas, como a música. Queria aquele movimento. Eu era novo, jovem. Estava a fim de ouvir, de ver as coisas acontecendo, ver pessoas. Aqui era um ambiente muito vivo e eu me sentia bem. Logo você vai arrumando amizade, gosta de uma pessoa ali, de uma pessoa aqui. De repente, está ali, já envolvido. Então, o meu histórico com a igreja cristã vem de berço. Fui católico desde o meu nascimento, fui batizado, fiz crisma, catecismo, tudo isso. Por volta de 12 ou 13 anos eu saí, ou melhor, deixei de ir, né? Mas não entendia que eu estava fora. Porque existe essa coisa, né? Da instituição e da crença. De qualquer forma, isso estava o tempo todo comigo, que eu cria em um Deus, seja lá o que isso fosse para mim naquela época. Mas outras coisas foram me chamando, amizades e eu fui uma época escoteiro, então também entrei no escotismo nessa época e me achei muito ali em comunidade, gostava muito. E depois teve todo esse lance, meu pai arrumou um emprego pra cá, em São Gonçalo, trouxe a família toda uns meses depois e ficamos por aqui. Desde 2013 minha família voltou para o interior de São Paulo e vive na cidade de Campinas desde então. Na época eu já estava casado, minha vida já estava quietinha, morava em Niterói desde 2009. Desde então estou casado com a Carol, tenho duas filhas e a minha vida foi se fazendo por aqui...ela (Carol) sempre foi aqui da igreja também.

**Ana Cláudia Holanda:** Você veio da igreja católica e entra em uma igreja evangélica. Tem algo aí que acontece na adolescência, diferentemente dos seus irmãos menores. Você já tinha um pouco mais de discernimento, de maturidade, não? Como você acha que isso mudou sua relação com a espiritualidade? Você que era um católico de nascença, de berço, mas de repente, você entra em outra religião, na verdade você se encontrou também um pouco aí, não é?

**Caio Pacela:** Na verdade, eu tenho muita dificuldade de ir nesse caminho, quando você diz assim “você já era mais maduro”, estava tudo muito solto para mim ainda, sabe? Eu não tinha esse compromisso. Eu demorei muito inclusive, eu acho até que me converter como sou hoje, só aconteceu em 2019, de 2018 para 2019 depois de algumas experiências. Então eu tive um longo caminho e sempre me relacionei com as pessoas aqui, com Deus. Na igreja católica eu não tive isso. O mais próximo que eu tive dessa relação com pessoas foi no catecismo, por exemplo, onde tinha um cursinho lá e sentava todo mundo, fazia umas amizades, conversava,

tinha professor. Era uma relação diferente, mas a igreja católica ela tem um rito fechado, muito pouco elástico, foi a palavra que eu usei para falar da evangélica, né? Na igreja católica, você entra, assiste aquilo tudo, participa um pouco como consegue e cada um se sente mais ou menos tocado por aquilo ou completo por aquilo, satisfeito, e volta para sua casa. E a fé está ali, a bíblia continua escrita como está, mas aquilo ali é todo envolvido por um rito e por um prédio muito cheio de coisas. Então aquilo tinha um lugar especial para mim, eu nunca tive nenhum problema assim com a igreja católica, mas existe muito mais calor na igreja evangélica, né? Para você que já pisou, você sabe como é, é muito mais caloroso. As pessoas estão a fim de se relacionar. É urgente conversar entre si e trocar experiências, logo está se fazendo amizade, logo tem alguma relação de comércio ali, está vendendo uma coisa que ajuda, sem dúvida. E acaba também sendo esse lugar como um Pronto Socorro. A igreja católica eu vejo, tem menos cara de Pronto Socorro. ela é mais imponente, você tem até reverência demais para entrar naquele prédio. Até hoje, quando eu vou entrar em uma, pois eu gosto muito de ver as pinturas e tal, você dá aquela “opa”, respira, faz o silencio e entra. Já a igreja evangélica é diferente, muitas são numa garagem, até então você só entra, é mais um local ali e está todo mundo muito afim de conversar muito a fim de se relacionar, então não tem como não ver isso.

**Ana Cláudia Holanda:** A Igreja Católica, de certa maneira, é um lugar onde se espera que o cristão seja realmente mais passivo.

**Caio Pacela:** A católica.

**Ana Cláudia Holanda:** A Igreja Evangélica, por outro lado, é mais um lugar de comunidade.

**Caio Pacela:** Sim, sem dúvidas.

**Ana Cláudia Holanda:** De encontros, de relacionamentos e de parcerias, né?

**Caio Pacela:** É uma diferença marcante a igreja católica vem pronta, a igreja evangélica se faz em meio as pessoas. Entrou um membro novo, essa igreja já está se transformando, entrou mais

um, a igreja volta a se transformar, sai um também e se transforma, porque sai uma história. e, enfim, ela se dá assim, ela acontece de forma bastante plástica, que é a palavra que usei antes. Ela é muito plástica.

**Ana Cláudia Holanda:** Vou aproveitar que você falou em “saída” para apresentar minha próxima pergunta. Eu tenho um histórico na Igreja Evangélica. Eu entrei aos 6, fui da Batista todo o tempo que eu morei no interior do Ceará, em Quixadá. Depois eu fui morar em Fortaleza, com 14 anos, e os meus pais exigiam que a gente frequentasse igrejas em Fortaleza.

**Caio Pacela:** Entendi.

**Ana Cláudia Holanda:** Funcionava assim: se você vai na igreja no domingo, na segunda, você recebe a mesada. Era uma coisa assim, uma instituição familiar passava por aí. E aí, o que aconteceu? Sou submetida a determinação até mais ou menos... eu era adolescente, eu acho que tinha acabado de entrar na faculdade, tinha acabado o colégio. Um dia eu fui com os meus irmãos na igreja, nessa época a gente tinha deixado de frequentar a Primeira Igreja Batista de Fortaleza, já tinha passado por outra Batista que os meus primos frequentavam. Lá a gente também não se adaptou porque tinha uma coisa de observação da comunidade muito forte, a gente era adolescente.

**Caio Pacela:** Vocês se sentiam observados, né?

**Ana Cláudia Holanda:** A gente fazia parte de um grupo de adolescentes, e não sei o quê, saíamos para comer pizza depois da igreja, essas coisas. E nesse ambiente surgiu assim uma fofoca, sabe? Diziam, “A fulana e a irmã dela são essas crentes que estão na igreja e no mundo. Outro dia, elas estavam na “Biruta”.<sup>40</sup> Lembro do meu irmão falar assim: “Putz, a gente também”. A gente pensou: “Logo eles vão nos descobrir”. Foi aí que saímos dessa. Antes de sermos revelados. Então a gente foi para uma outra igreja. A gente chegou a começar a frequentar, umas semanas e tudo. Dali a pouco a gente chegou num sermão, estávamos

---

<sup>40</sup> A Biruta era uma barraca de praia de Fortaleza onde havia shows de música pop e diversos outros tipos de festas.

atrasados e chegamos bem na hora do sermão do pastor. Ele dizia exatamente assim: “Pais, vocês têm que ser responsáveis pelos seus filhos, não sei quê, porque agora está aí acontecendo no Ceará o Ceará Music”, que era um festival de música que tinha no Ceará. Ele falou assim: “Pais, rasguem os ingressos do Ceará Music dos seus filhos”. E eu vivi essa repressão dentro da minha família, e o meu pai, se ele estivesse naquele culto, já sairia dali com o meu ingresso rasgado. Porque ele seria convocadíssimo e eu tinha os meus ingressos do Ceará Music. Olhei para os meus irmãos e falei: “Ei, pessoal, chegou nosso limite aqui também”.

**Mariana Guimarães<sup>41</sup>:** Não era a mesma igreja que seus pais iam?

**Ana Cláudia Holanda:** Não.

**Mariana Guimarães:** Seus pais iam no interior. Vocês estavam estudando na capital.

**Ana Cláudia Holanda:** A gente morava em Fortaleza e ficava nesse paradoxo, tentava obedecer, mas não achava espaço. Não encontrava nenhum tipo de ressonância. Nesse dia a gente entendeu que não ia ter lugar. A gente saiu da igreja e passou a fazer um esquema que era assim: a gente saía, os três, todo domingo à noite, e ia comer uma pizza, ia no cinema, ia não sei quê, e voltava no horário do fim do culto. Então, para todos os efeitos, a gente tinha ido para a igreja e recebia a mesada na segunda-feira, que era o que importava. Então, como você não passou por isso, ou nada parecido, a sua experiência era diferente, está na igreja até hoje. Queria te perguntar como que foi para você essa relação com a cultura. Eu trouxe o exemplo com a música, os shows. Como você foi encontrando espaços para seguir na igreja?

**Caio Pacela:** Eu só não saí da igreja de corpo presente, houve os momentos em que eu estava aqui, só com a minha carcaça. É o momento que precede ao 2018 ali, né? Mas em 2018, foi o ápice mesmo com eleição e tal. Mas é que eu já vinha de uma cultura onde se falava de política, de absurdos e de ascensão desse ou daquele, e eu me entendi, um tanto quanto antes ali, como um ser progressista. Já estava na faculdade, entrei na UFRJ em 2006. E é fácil perceber como

---

<sup>41</sup> Mariana me apresentou Caio e me acompanhou na entrevista. Ela se sentiu à vontade para também fazer perguntas e eu considerei muito bem-vindas suas intervenções.

são mundos distantes, são universos distantes. Só que eu o tempo todo estava presente nos dois, na faculdade e aqui na igreja semanalmente. Sempre entendi que eram duas vidas muito opostas, duas vivências inconciliáveis. Eu começo a perceber isso e vou entrar em crise. Óbvio, né? Eu vou entrar em crise. O que eu faço? O que eu deixo de fazer? O que é melhor? Para onde eu vou? Falo com quem? Me escondo de quem, né?

**Mariana Guimarães:** Não é uma faculdade qualquer. É uma faculdade de Artes Visuais.

**Caio Pacela:** Isso.

**Mariana Guimarães:** Você não foi fazer Administração, um curso mais tradicional. Você vai fazer Artes Visuais em um momento de muitas aberturas sexuais, políticas. Então também tem esse parêntesis que eu acho importante, né?

**Caio Pacela:** Concordo totalmente. É a leitura daquele momento. Eu também, né? Então eu vou vivendo uma vida na qual eu meio que me escondo um pouco diante de quem eu estou. Olha essa parte e não olha outra, né?

**Ana Cláudia Holanda:** Tem quase que uma cisão.

**Caio Pacela:** Ah, tem uma cisão acontecendo, ou pelo menos eu acredito que ela está acontecendo e eu preciso tentar diminuir os danos que podem surgir ali. Se eu sair falando coisas que eu acho, que eu acredito agora, para pessoas que certamente não gostam daquilo, seja lá, seja aqui. Eu não tinha essa vontade de, de cara, sair peitando as pessoas, porque eu também sentia que eu não tinha muita certeza sobre muitas coisas. Eu vinha para cá e pensava “nossa, é isso aí realmente”, ia para lá e era o contrário disso, e aí eu faço o quê? Você vai ouvindo muito, você vai aguardando até que você se sinta à vontade de firmar certos caminhos e riscar, “ó, até aqui eu vou”. “Daqui para frente não vou mais, acredito até aqui”. Isso não muda a minha ideia de todo o resto que a gente está fazendo aqui, mas são questões muito pessoais etc., etc. Então eu precisei pensar nisso tudo durante muitos anos, mais de uma década,

vivendo assim, me envergonhando sim da minha fé em locais que a gente chama de mundo, para fora da igreja. E, também sem coragem de falar tudo o que eu poderia estar querendo pensar ou experimentar, que eu via lá fora, aqui dentro. Então fica aquela coisa, aqui dentro eu falo “não, realmente lá fora é maluco”, chego lá fora e falo “mano, lá dentro também é doideira”.

**Ana Cláudia Holanda:** Você se envergonhava também da sua escolha profissional.

**Caio Pacela:** Da escolha profissional, não, mas da maneira como ela é representada lá fora, sim, porque ela é disruptiva, né? Ela está a fim de pegar a lógica das coisas e virar de cabeça para baixo. É difícil explicar isto aqui para as pessoas?

**Ana Cláudia Holanda:** É claro. Muito difícil, muito difícil.

**Caio Pacela:** A depender do momento, você não explica nada. Você só baixa a cabeça, fala “vamos orar” e está tudo bem.

**Ana Cláudia Holanda:** Interessante você falar da vergonha porque um dos pontos de partida desta pesquisa foi a necessidade que eu via de me esconder, que me levou a sair da fé. Eu me constrangia de ter sido evangélica. Isso para mim era uma coisa que era vexatória, que não tinha a ver com o mundo para onde eu estava indo e tal.

**Caio Pacela:** Eu sei que nunca estive sozinho nessa, com certeza.

**Ana Cláudia Holanda:** É interessante ouvir porque justamente me parece que você também, né? Você também sentia que lá fora, no mundo, ser evangélico, as pessoas nem sempre são muito receptivas, e tem muitos preconceitos também.

**Caio Pacela:** Tem. E quando aparecia a cara do tal evangélico, aparecia uma cara qualquer (um Malafaia ou um Edir Macedo desses) e eu falava, caramba, isso não tem nada a ver comigo.

**Ana Cláudia Holanda:** Exatamente.

**Caio Pacela:** Esses grandes expoentes não têm absolutamente nada a ver comigo. E aí, por um lado, o que você fala: esse cara não me representa, não gosto, não tem nada a ver. E você ainda alivia nessa crítica, porque aqui na igreja (generalizando) a gente aprende assim. É um ungido de Deus. O cara está lá, ele foi escolhido, veja lá como você fala, etc. Não que aqui dentro dessa igreja, literalmente a coisa seja dura desse jeito, mas é num geral, a coisa foi crescendo assim, né? A gente aprendeu dessa forma. Se o cara está lá, foi porque Deus colocou e quem é você para criticar, vai falar do ungido do Senhor? Tem muito disso, né? Hoje eu tenho mais liberdade para fazer isso, me sinto muito mais à vontade. Até porque, enfim, eu vou confrontando com o próprio entendimento que eu tenho de amor que está na bíblia e que, para mim, serve como o norte, como um fio condutor.

**Ana Cláudia Holanda:** E nem todo mundo que fala em nome de Deus é um ungido.

**Caio Pacela:** Então, é isso! Exatamente isso? Não, não mesmo.

**Mariana Guimarães:** E as próprias notícias do noticiário estão produzindo provas contra todas as religiões, né? As pessoas estão usando a questão da religião para ter o espaço, como sempre foi.

**Caio Pacela:** Eu já fui procurado por algumas pessoas e assim, quando eu me abro e falo tudo isso, algumas pessoas falam, “olha, eu frequento outro tipo de religião e eu vejo um monte de loucura lá também, um monte mesmo”. E aí se abre para mim, eu entendo, é um momento difícil, aliás, é sempre um momento difícil apontar o outro, mas hoje no Brasil é mais comum você ver o evangélico e falar: “isso aí é uma merda”. Mais frequente do que você ouvir falar: “ah, a umbanda aquela parte ali, pelo menos, está tudo errado”. Não tem espaço para isso. Eu entendo. Até porque, partiu de nós apedrejá-los, mas eu entendo que é algo difícil e que tem que ser construído de outra forma, e eu não pretendo peitar o tempo todo.**Ana Cláudia Holanda:** Minha próxima pergunta tem a ver justamente com isso, com essa ideia de repressão,

né? Que estou achando interessante ouvir porque no teu caso, você viveu, digamos assim, essa repressão nas duas pontas?

**Caio Pacela:** Eu senti essa pressão nas duas pontas, mas eu não digo que, de fato, o tempo todo não me senti reprimido.

**Ana Cláudia Holanda:** No meu caso, eu senti uma marca forte da repressão da minha sexualidade. O que eu queria te perguntar é como você se sente hoje com essa cisão? Com essa divisão na qual a tua vida “no mundo” não fazia sentido para as pessoas da igreja e a tua vida na igreja não fazia sentido para as pessoas “no mundo”. Principalmente quando esse lugar de crise dentro das artes é muito importante, é um lugar de colocar coisas em questão, de colocar as coisas em xeque. É como se dá o próprio processo de construção de saberes, enquanto na igreja é diferente. Na igreja está se falando da verdade, da santidade, tudo mais. É uma coisa que é eterna e imutável.

**Caio Pacela:** Sim.

**Ana Cláudia Holanda:** E do outro lado, você com a sua experiência evangélica, sentia que em alguns momentos lá no mundo das artes, digamos assim, você se sentiu constrangido, não é? De compartilhar essa experiência, de falar sobre isso. Como é que está isso para você hoje? Como é que se sente nesses dois mundos?

**Caio Pacela:** É um cenário megacomplexo, mas que eu tenho encontrado um caminho sim, porque quando eu olho para trás e penso como eu me comportava, eu me via em dois caminhos muito distantes e porque eu também estava olhando para quem me via e me observava e pensava “cara, eu estou o tempo todo sendo observado e julgado pela maneira como eu me porto”. Eu tenho esse desejo que eu entendo que nasceu comigo desde sempre, de me expressar dessa maneira como a gente está vendo aqui. Está presente desde sempre, pelo menos o desenho está junto comigo desde que eu me entendo por gente. Só que aí as coisas vão acontecendo e se modificando na nossa vida e a gente vai tendo algumas certezas quebradas e outras consolidadas. Hoje entendo assim que enquanto artista eu também sou o mesmo que está ali

dentro da igreja ou aqui no ateliê. Porque a gente está falando muito de um prédio ou de uma instituição que eu acho que é de fato muito pouco representativa, não é zero, mas é muito pouco representativa do que tem a ver a com a fé, com a minha crença. A maneira como eu entendo o mundo e quero me relacionar com ele e com as pessoas. Então eu fui vendo que ao entender que por um lado a arte é o além, a arte é aquilo que não se percebe no ordinário e todas as definições de arte se dão de maneira muito bem-feita e complexa etc., por outro lado, as definições do que é Deus aqui, o que é esse ser que não divide a sua glória com ninguém, Ele é o além, ele é isso, ele é aquilo, aí eu falo: “espera aí então, eu reverencio Deus aqui e faço o que se chama de arte lá, ou isso é uma coisa só. Eu sou o cara que está lá na escola de arte, querendo aprender e gostando de fazer e que quer conversar sobre essas coisas. E eu sou o mesmo cara que está dentro da igreja e, quando me sinto tocado, choro, e acredito na maneira como uma série de coisas estão escritas aqui, como são interpretadas porque a base da historinha toda de Jesus ali, a base da mensagem, de Jesus, do evangelho, as boas novas, elas são reais para mim, elas fazem sentido mesmo. No limite, acredito que elas a verdadeira solução do problema.

**Ana Cláudia Holanda:** A Boa Nova.

**Caio Pacela:** A boa nova, exatamente, a grande revolução é o amor. É a grande revolução do mundo. É a grande revolução que ainda é, que ainda tem espaço para ser vivida e ela é feita no íntimo de pessoa para pessoa, ela é de dentro para fora do indivíduo para o coletivo. É construída no coletivo se ela é construída em você, e está nos dois grandes mandamentos que ficaram, amar Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. É a mensagem da Cruz. Vertical, horizontal...essa é a mensagem da cruz... o centro da Cruz me interessa. Isso não tem por que não estar lá fora, eu posso falar sobre isso lá fora, seja lá o que esteja acontecendo, no que a gente chama de mundo. Eu tenho essa crença. Então, para mim, dentro da igreja, vamos colocar assim, dentro da igreja eu sou o adorador e fora da igreja, e dentro do ateliê, eu sou o adorador também, porque eu vivo para ele. Diz o versículo: ... “dele, por ele e para ele são todas as coisas”. É a partir do eterno que eu entendo que eu tenho fôlego, que o fôlego foi soprado primeiro para mim e que eu, em vez de ficar cobrando e pedindo coisas, eu primeiro agradeço porque eu já parto de um lugar onde eu tô guardado, seguro. Esse lugar chamado amor é o grande porto seguro, a rocha. Então eu hoje tenho essa liberdade que foi conquistada a duras penas falando aos pouquinhos para um amigo aqui e sentindo a temperatura

das coisas. Mas até o momento que eu escancarar e falar, eu sou exatamente isso, eu não tenho o que esconder, eu não aguento mais ficar atrás desse véu, dessa cortina. Isso me cansa. Isso é insuportável. Então, quando eu percebo tudo aquilo que eu leio, que eu acredito que Jesus deixou como mensagem é uma coisa imprescindível para mim e, respeitosamente a meu ver, também para qualquer outra pessoa. Até porque eu estou falando sobre amor, não sobre a imposição de você se casar virgem, de dizer o certo e o errado. Não é sobre como esses comportamentos são vistos e julgados. É de a gente ter o amor como base, o amor indo e voltando. Como uma palavra de grande simplicidade e grande complexidade, não colocando o amor de forma kitsch, dessas definições simplesmente amorosas, melosas, românticas que a gente ouve falar. Inclusive, sobre o qual Byung-Chul Han (2017) escreve em *Agonia do Eros*. Ele define bem o que é isso, a meu ver, entende? É um livro que esteve presente exatamente nesse momento onde eu tomei a decisão de falar abertamente sobre o que eu acredito desde muito tempo. Sobre o amor enquanto construção. Eu não sei se eu estou fugindo da pergunta. Volto depois, se for o caso. Falo do amor enquanto essa construção da relação com o outro, a total dependência do outro, enquanto um lugar de, se eu quero encontrar o meu eu, se eu quero me encontrar, quero me entender de uma forma não doentia, não egoísta, não distorcida, eu preciso abandonar o meu eu primeiro e aceitar o outro na sua diferença, para que eu resgate o meu eu, depois da aceitação desse outro... “o próximo, como a ti mesmo”. A bíblia fala isso, o Byung-Chul Han também fala isso e outros tantos que ele vai citando.

**Ana Cláudia Holanda:** O cristianismo foi um dos lugares onde a filosofia foi muito desenvolvida, então, dentro das igrejas, principalmente no período medieval. O pensamento sobre filosofia ali foi muito forte. Tem um pensador, escritor, dramaturgo, que é uma referência importante do meu trabalho, que é o James Baldwin. Não sei se você conhece.

**Caio Pacela:** Só de nome, só de nome.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu acho que você ia gostar de “Uma carta para um lugar na minha mente.”<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> BALDWIN, J. A, op. cit., 1962.

**Caio Pacela:** Uma carta?

**Ana Cláudia Holanda:** “Para um lugar na minha mente”. Esse texto, eu não sei se ele está inteiro traduzido do inglês.

**Caio Pacela:** Sim.

**Ana Cláudia Holanda:** Você pode encontrar ele na íntegra, em inglês, no livro *The fire next time*.<sup>43</sup> São as memórias dele, tem uma parte que você pode encontrar na revista *The New Yorker*, que está online, é fácil de achar. Nesse texto ele conta sobre essa trajetória dele dentro da igreja. Em alguns momentos, a igreja é um lugar de opressão, depois vira um lugar de acolhimento, por fim, ele sai por conta da sexualidade. Ele virou uma referência importante no meu trabalho justamente por conta de que para ele na época era inconciliável. Realmente não existiam igrejas que pudessem acolher a sexualidade dele, ainda é bem difícil.

**Caio Pacela:** É difícil.

**Ana Cláudia Holanda:** Ainda é difícil.

**Caio Pacela:** Muito menos que há 5 anos atrás, mas ainda é.

**Ana Cláudia Holanda:** Menciono o James Baldwin no meu trabalho porque apesar dessa saída dele, ele traz a ideia da igreja como o lugar da vivência desse amor. Fala da relação com um lugar onde você vive, onde ele viveu. Na trajetória dele, primeiro há a primeira experiência mais repressiva com o pai que era pastor, mas depois ele conhece um amigo na escola que o leva para outra igreja e, dentro dessa outra igreja, ele é acolhido. Lá, inclusive, ele começa a

---

<sup>43</sup> BALDWIN, J. A. *The fire next time*. São Paulo: Taschen, 2019.

desenvolver o trabalho dele como orador. Ele começa a desenvolver o pensamento dele dentro desse espaço comunitário e público. Acho que faz sentido te colocar essa pergunta porque o teu trabalho é sobre essa experiência religiosa. Em grande parte, não se resume a representação da tua fé, mas é muito marcado por esse pensamento. Assim, por essa experiência, por isso, queria te perguntar qual é a influência da igreja no teu trabalho?

**Caio Pacela:** A igreja enquanto instituição?

**Ana Cláudia Holanda:** A igreja, enquanto o que você vive como igreja, não precisa se resumir à instituição.

**Caio Pacela:** Porque é muito separado. Vou pegar um gancho no que você estava falando. Estava me lembrando aqui do quanto essas experiências são comuns de pessoas que se encontram numa igreja, depois saem porque tem um problema etc., toda essa caminhada. Essa jornada de pessoas que vão andando para se encontrar e tudo mais. E pela qual eu tenho muito respeito. Eu vivi isso tudo aqui dentro. Vivi intensamente esse sentimento de querer aproximar e depois de impelir. Eu acho essa experiência, no meu caso, muito rica. No meu caso, eu sei que para muitas pessoas fica mais difícil. Eu sou heterossexual, eu sou casado há anos, eu não bebo e tudo o mais. Então eu sei que pode ser muito mais fácil para mim em certas questões que são fundamentais. Principalmente da sexualidade.

**Mariana Guimarães:** Se é que vocês me permitem, Ana e Caio, eu sou mãe também de duas crianças, não sou religiosa, apesar de gostar de rezar, não sou pessoa de frequentar a igreja. Como é para vocês essa ideia de frequentar uma igreja a partir de uma demanda dos seus pais? Acho que é alguma coisa para a gente entender. Em ambos os casos, vocês foram para a igreja a partir de uma demanda da religiosidade dos pais, né? Como é que esse processo que pode tanto ir por um caminho que, no seu caso, Caio, entre aspas, pode ser considerado bem-sucedido, não que o caso da Ana seja malsucedido, mas são histórias bem diferentes e que foram criadoras.

**Ana Cláudia Holanda:** No meu caso, levou a uma contradição inconciliável.

**Mariana Guimarães:** Como é que é essa questão? Até que ponto os pais definem o caminho? Por exemplo, a minha filha fala até que é ateia, que não acredita em nada disso, está lendo sobre comunismo, ela tem 11 anos. Já meu filho adora rezar. Quando passamos por uma igreja, ele diz: “Vamos no museu, mamãe, rezar bastante”. Ele chama a igreja de museu, então, assim, eu queria só entender como é que essa relação dos pais com os filhos, além de influenciar a sexualidade – quando o pai define sexualidade de algum modo, ou exige qual seja a sexualidade –, ela também pode de alguma forma definir, direcionar o caminho espiritual? Eu não vivi isso na minha família. O meu pai tinha uma religião, minha mãe tinha outra, eu tinha outra, o meu irmão lia uma coisa, não sei se deu certo. Mas eu acho que é muito diferente da realidade de vocês, eu gostaria que vocês comentassem porque eu acho que me interessa isso tanto quanto educadora quanto mãe, essa relação da instituição, a família é uma instituição. Essa ideia religiosa, ela passa por duas instituições, que são a família e a igreja.

**Caio Pacela:** A igreja, como ela está desenhada desde muito tempo, ela acaba sendo um norte para as pessoas terem um lugar de afirmação e de continuação dessa instituição família, a família como se entende, aquela coisa toda, pai, mãe e filhos. Você entra aqui, é recebido e você se encaixa perfeitamente. Tem lugar para o pai, lugar para a mãe, tem lugar para cada um dos filhos, não importa a idade, você é recebido, você é colocado em certos lugares. E a coisa funciona, é fácil de encaixar. Eu tive sorte, claro, diferentemente do seu caso. Para mim, nada foi imposto, tudo foi sugerido e quando tive os meus problemas e me afastei um pouco e tal, assim mesmo que de corpo presente, eu nunca fui reprimido, nunca tive esse problema. Claro, tive aquela coisa da pessoa não gostar “por quê queria que você tivesse aqui, queria que você frequentasse, queria, queria”, mas foram caminhos que me foram mostrados. “Vamos lá, vamos lá, é tão legal, vamos lá”, não foi imposto tipo: “se você não for...” não existia. Não tive isso, e eu acho isso ótimo, porque tudo o que é imposto acaba produzindo uma força contrária. Em algum momento você vai ter, você vai sentir e falar assim “espera aí, eu não vim aqui com as minhas próprias pernas, não é bem assim”. Então não é porque eu estou aqui que eu quero estar aqui o tempo todo. Nos momentos em que eu me obriguei a estar aqui, foi porque eu falei comigo mesmo, entendeu? Eu entendia que era melhor estar aqui por uma série de motivos. Eu fiz isso, não foi me imposto. Acho que isso tem raiz mesmo no que o próprio evangelho diz que “quem convence do pecado, da justiça e do juízo” é o Espírito Santo. Uma das funções, falando em função, uma palavra bem difícil, mas umas das funções desta terceira pessoa da Trindade é

esse convencimento. É um ser que é tido quase como materno em algumas tradições. Assim, te pega no colo, te acaricia, te acalma, te traz a paz que o mundo não dá e te faz entender certas coisas. E na ira, na raiva, no desespero, na angústia que você não entende. Então, eu compreendo que essas coisas feitas e não impostas funcionam melhor. Se eu decidisse sair, se eu não encontrasse algum rastro de verdade aqui tudo certo, eu ia para outro lugar. Meu pai mesmo foi esse cara, ele saiu do catolicismo, foi para o espiritismo, falava disso com a gente, “estou experimentando, é legal a mesa branca, as pessoas e os espíritos e eu vi o que aconteceu com não sei o quê”, então ele não teria nenhum motivo e muito pouca “moral” para ficar impondo certas coisas se eu fosse para o espiritismo, por exemplo.

**Mariana Guimarães:** O seu pai tinha uma busca espiritual.

**Caio Pacela:** Sim, ele sempre teve uma busca espiritual.

**Mariana Guimarães:** alguns dos seus irmãos saíram da igreja?

**Caio Pacela:** Acho que os três hoje não estão literalmente frequentando igreja, eles creem em Deus, eles amam o evangelho e, nesse momento, eles podem se encontrar nesse lugar que se chama de desigrejados, porque você não tem uma igreja em que você frequente e seja membro. O que eu compreendo, ao mesmo tempo em que acho que se reunir em comunidade, ter a comunhão da igreja, é algo importante. Enquanto discussão de fé, enquanto reavivar, reunir forças, trocas de energia, entendeu? Acho isso muito potente, forte e importante, mas cada um tem o seu momento.

**Mariana Guimarães:** Mas você se apaixonou na igreja e isso fez a diferença.

**Caio Pacela:** Isso ajudou.

**Mariana Guimarães:** Isso ajudou, isso vinculou, a família da sua esposa também é da igreja?

**Caio Pacela:** A mãe dela, que faleceu há dois ou três anos atrás, era pastora aqui da igreja, braço direito do pastor Fernando. Esta igreja e cada um destes blocos aqui de tijolos, tem ela. Essa igreja nasceu com ela, ela era a diretora da creche.

**Mariana Guimarães:** Então isso vinculou também você, Caio, o amor, né?

**Caio Pacela:** Isso por vezes me segurou mais aqui dentro, mesmo que só com corpo.

**Mariana Guimarães:** Sim.

**Caio Pacela:** Houve um momento no qual pensei: “Eu vou lá porque não quero ter um problema com a minha esposa”, dela achar que eu não creio e que não sei o quê.

**Mariana Guimarães:** Então você se apaixonou pela filha da pastora. O amor, ele faz isso.

**Caio Pacela:** Sim, sim, eu estava muito focado. Eu sempre tive essa coisa porque eu nunca descri de Deus assim, da existência. De um ser chamado Deus, colocando-o em palavras mais óbvias, assim, que era meu criador, era a razão do meu viver, etc. Só que o tempo todo, o que circunda a ideia de Deus, que a religião está totalmente misturada nisso, vai variar essas certezas que são colocadas aqui o tempo todo, houve momentos onde pensei: “espera será que é assim mesmo?”. Me diziam, isso é a mentira, isso é o errado e eu pensava: “não, espera, eu entendo diferente, tenho experiências diferentes”. Sou um cara que está aqui nessa parte de São Gonçalo, vou lá para o Rio de Janeiro e moro em Niterói. Tenho as minhas experiências. Não consigo colocar tudo dessa maneira, estou vendo outras coisas acontecerem. Eu estou vendo outras pessoas se amarem. Não estou vendo isso fora do que se diz amor. Me preocupo com isso às vezes, com essa hora em que dizem: “a mas está escrito e não sei o quê”. Eu penso, espera aí, vamos interpretar melhor? Inclusive, uma das grandes maravilhas da igreja evangélica, que acaba também sendo uma das suas maldições, por vezes, é a liberdade de se interpretar as escrituras de uma maneira menos rígida. Vamos conversar juntos. O que a gente está

entendendo aqui, palavra por palavra, vamos ler, reler. Às vezes o problema pode ser, e posso estar errado nisso, mas às vezes se lê muito o que se quer ler, em uma fonte só. É importante a gente estar aberto para a multiplicidade do mundo, de maneiras de entendê-lo. O mundo é maligno, beleza, tem gente que pode acreditar. Quando o mundo se acabar, a maldade vai ser erradicada, mas dentro da igreja vejo muito disso também, pessoas ruins. Isso não tem a ver só com quem está ou não dentro, tem a ver com o que está ou não dentro de nós.

**Ana Cláudia Holanda:** A minha experiência já foi bem diferente. O meu pai é uma figura com um perfil muito mais autoritário, então a igreja, no começo, ou melhor, até eu sair, ela foi uma imposição, ela foi uma obrigatoriedade. Inclusive, ele fazia uso de uma ideia que é conhecida dentro da religiosidade de que o pai, dentro de uma ideia bastante patriarcal, ele pensava o pai como um líder espiritual, então ele se autodenominava liderança espiritual dentro da nossa família e ele se colocava essa responsabilidade de que todos fossem conduzidos para esse caminho, para o caminho da verdade. Isso deixou muitas marcas, e marcas que, inclusive, fazem parte do motivo deste doutorado. Uma das minhas ideias nesta pesquisa partia da compreensão, a partir da psicanálise, da importância de voltar nessas marcas de repressão, de dor, de sofrimento e tal, para tentar resgatar a vitalidade dessas experiências. Porque de qualquer maneira, eu vivi a minha infância e a minha adolescência dentro da igreja. Então, muitas memórias importantes da infância e da adolescência estão atravessadas por essa religião.

**Caio Pacela:** E não tem como se livrar dessas memórias, né? O ideal é encará-las e interpretá-las de uma forma diferente.

**Ana Cláudia Holanda:** Na adolescência, ou melhor, no começo da minha vida adulta, eu decidi sair. Logo depois, entrei na faculdade e quis deixar isso de fora. Eu excluía uma dimensão gigantesca na minha vida que eu tive que passar a esconder, que eu queria que os meus amigos não soubessem que eu não tinha como compartilhar, de que eu não tinha como trazer para eles qualquer coisa. Então era um passado de vergonha. A partir da pesquisa, eu volto a isso. Ao longo da minha vida, eu me aproximei de outras formas de espiritualidade, hoje em dia eu frequento muito o candomblé, a umbanda. Depois, me reconectei com essa espiritualidade a partir desses outros caminhos que eu chamo de “cristãos não monoteístas”, têm outras matrizes. A umbanda, por exemplo, é uma religiosidade cristã, ela tem a figura de Cristo como uma figura

importante. E aí eu começo a me reconectar com a espiritualidade a partir desse caminho e entendo que eu preciso fazer algum trabalho com essas memórias da infância e da adolescência para tentar resgatar e revivificar. Aí eu começo a fazer essa trajetória a partir de uma coisa minha, já não mais mediada por essa figura autoritária do meu pai. Entre os meus irmãos, são vários cenários. O mais velho, por exemplo, não gosta de nenhum tipo de espiritualidade. Ele considera isso uma ignorância e isso criou um problema político dentro da minha família, com o meu irmão mais novo que já é do Daime e é uma pessoa super-religiosa e espiritualizada. Então o meu irmão, ele ministra na casa dele, junto com a esposa dele, encontros mensais para consagrar o santo Daime. É uma pessoa que tem diversas imagens religiosas na casa dele e a religião é a realidade dele.

**Caio Pacela:** uma forma mais ecumênica, talvez nesse caso, certo?

**Ana Cláudia Holanda:** É uma religião universalista e os dois têm uma dificuldade de dialogar. Um considera que o outro é alienado.

**Mariana Guimarães:** Se tornou autoritário também? Então chega ao autoritário.

**Caio Pacela:** Cada um com a sua religião, ele está acreditando muito na descrença (risos).

**Ana Cláudia Holanda:** Ele é fiel à descrença (risos).

**Mariana Guimarães:** Eles reproduziram o autoritarismo, de certa maneira, dentro dos caminhos deles, esse autoritarismo.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu considero que o meu irmão mais novo não é tão radical. Acho que essa marca é mais forte no mais velho. Porque o mais novo, como ele se espiritualizou, ele se tornou mais aberto, mais poroso.

**Caio Pacela:** É, pode ser, pode ser.

**Ana Cláudia Holanda:** E o mais velho é mais radical

**Caio Pacela:** Mais fechado.

**Ana Cláudia Holanda:** Mais fechado. Enfim, para mim, deixou uma marca muito forte, de uma dificuldade na relação com a autoridade paterna.

**Caio Pacela:** No geral, eu percebo que nós somos pessoas, nós todos somos pessoas dotadas de crença.

**Mariana Guimarães:** As Brasileiras.

**Caio Pacela:** Na verdade o ser humano, qualquer um deles, sempre que você tira a figura de Deus, você coloca alguma coisa no lugar. Não há um vazio, é como na política, não há vácuo no poder. Uma força poderosa...é algo que se coloca como mistério, que a gente está sempre em contato, essa grande matéria escura que é tipo, sabe? O que é, para onde vai? De onde veio? Então eu falo muito sobre isso...que quando me coloco como adorador aqui, ou seja, que isso tudo aqui para mim é uma expressão da minha adoração, eu falo, “não faço arte”, até porque dentro das minhas crenças eu acho que ninguém faz. Eu acredito que todos nós fazemos para a arte. E o que esse “o que é a arte?” muda de lugar, então, se você coloca num outro patamar, as coisas começam a mudar muito. Já não parte das mesmas bases que a gente aprende, as premissas mudam de lugar, então para mim isso tudo aqui é para algo, ou melhor, alguém. Isso tudo aqui não é algo tão maravilhoso assim, isso aqui é uma junção de coisas que eu com a minha dedicação estou aqui para fazer disso algo cada vez algo mais capaz de aproximar o outro, então eu quero mais que isso tenha uma sensualidade, sabe? Uma estética que interessa, que prenda essa atenção, que é algo tão difícil hoje. Nós somos dotados dessa crença. A fé é algo inerente nosso, sendo que eu não consigo provar isso para você cientificamente. O seu

irmão vai falar, “me prove”. Mas ele colocou uma crença no lugar da crença de Deus. Ele tem uma crença muito fixa. Os agnósticos já não são tão assim...

**Ana Cláudia Holanda:** Eu faço uma provocação para ele que é assim, quando ele se queixa das crenças do meu irmão mais novo, eu falo para ele: “Olha, até o dia que você se aproximar, que você se abrir, que você abrir seu coração, isso pode ser falso para você, mas pode não ser para ele. Como é que você faz para se abrir? É só você encarar isso como um ato amoroso. Se você quer se aproximar do nosso irmão mais novo, você precisa reconsiderar algumas coisas”.

**Caio Pacela:** Esse que é o meu lugar. Uma das maneiras que eu encontrei para conseguir um diálogo com as pessoas foi uma que eu relutei bastante: a política. Eu não quero ficar aqui me colocando como o grande ser politizado, mas claro, todos somos seres políticos, não nego, mas não quero trazer essa camada tão para cima do meu trabalho, mas, quando eu trouxe as pessoas pararam, ouviram, olharam e começaram a conversar comigo. Foi no momento que Adriana Varejão fez aquele post<sup>44</sup> no Instagram dela, por exemplo, que eu encontrei um lugar de diálogo. Não gosto, mas não é sobre gosto. É sobre a possibilidade.

**Ana Cláudia Holanda:** É importante talvez se abrir para a responsabilidade.

**Caio Pacela:** Eu estou aberto.

**Ana Cláudia Holanda:** para uma responsabilidade de ocupar esse lugar, uma vez que não existe vazio.

**Caio Pacela:** Eu me vi, de repente, encabeçando um movimento. Eu falei, “Deus, eu nunca busquei isso”.

---

<sup>44</sup> VAREJÃO, A. HOLOFOTE na produção de CAIO PACELA Caio Pacela, 1985, vive em Niterói e trabalha em São Gonçalo. Instagram, 22 de maio 2024. Disponível em: [https://www.instagram.com/adriनावarejao/p/C7RT7iyOaww/?img\\_index=8](https://www.instagram.com/adriनावarejao/p/C7RT7iyOaww/?img_index=8) . Acesso em 26 de dezembro de 2024.

**Ana Cláudia Holanda:** Talvez não mentalmente.

**Caio Pacela:** Talvez não mentalmente.

**Mariana Guimarães:** Acho que precisamos entender melhor essa dimensão. Penso que no Brasil a gente está muito atrasado. Eu sou professora da universidade, da UFRJ, e vejo assim, quantos artistas hoje a gente tem na universidade que são da igreja evangélica? Então queria te perguntar, o que você pintava na EBA em 2006? O que você apresentava enquanto pintura? Acredito que poderia ser muito representativo do seu momento, não é? Eu leio muito Nietzsche. Para mim, a vida só se justifica enquanto fenômeno estético.

**Caio Pacela:** Certo.

**Mariana Guimarães:** Porque o fenômeno estético para mim é tudo isso aí que você nomeia Deus. Não é porque a arte para mim é depósito de fé, mesmo que resista à morte, porque a arte e vida... A vida é arte, não é? Entendo muito a partir disso, não acho que a arte é produção de objeto. Mas enfim, isso é uma outra conversa. Por que eu estou falando isso? Porque eu vejo que os meus estudantes hoje, os meus orientandos que são evangélicos, eles não conseguem, eles não são lá nem aqui. Eu tento trazê-los para eles falarem da religiosidade deles porque eu acho que não dá mais para a gente não trazer a visão evangélica para o centro do debate neste país.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu vou juntar a próxima pergunta com essa que é para as pessoas que saíram da igreja. Eu pergunto como elas ainda se relacionam com os símbolos da igreja, a Cruz, a Bíblia e o púlpito, isso que a gente decodificou como imagem da Igreja e da religião. Então pensando nessa pergunta da Mariana, como que isso está no seu trabalho hoje? Eu vejo os símbolos aqui, eu vejo que você se relaciona materialmente com isso.

**Mariana Guimarães:** Sim.

**Caio Pacela:** Sim, é.

**Mariana Guimarães:** Não só com as formas e de forma não tão intencional, a princípio, desviando do que é o entendimento católico, por exemplo, que já tem um simbolismo ali imagético muito bem colocado, a própria imagem do Cristo crucificado, dos Santos elevados com auréola etc.

**Caio Pacela:** e de forma não tão intencional, a princípio, desviando do que é o entendimento católico, por exemplo, que já tem um simbolismo ali imagético muito bem colocado, a própria imagem do Cristo crucificado, dos Santos e anjos elevados com auréolas etc. Então, acabei indo por um caminho que depois eu fui entender melhor quando eu fui ler Van Gogh, por exemplo, que também era pastor. Tem essa história toda. Tentava produzir imagens também, que falassem sobre a espiritualidade, sobre as crenças que ele tinha a partir das pessoas, sobre a realidade das pessoas. Claro que ele vai por um caminho que não é o meu caminho. Por isso eu falo mais de adoração e não de merecimento. Ele era calvinista. Mas eu vou entendendo isso tudo de uma maneira assim, paulatina. Na faculdade, o que eu produzia era o que eu ia pegando e sentindo prazer na hora, com livros, por exemplo. Esse livro aqui, eu o tenho até hoje (mostra um livro sobre as pinturas de Gustav Klimt). É um livro que me acompanhou do início e depois outros tantos...eu amava, aliás, eu amo Klimt. Passei muitas horas com esse livro aberto na faculdade. E amava porque via a maneira como ele representava o simbólico de uma maneira que fazia parecer tão simples. Tudo muito incrível e esteticamente eu sentia naquilo um gozo. Eu ia pintando e vendo os desenhos e estudando aquilo tudo. Também sempre me interessei, principalmente, pela figura do ser humano. A figura humana para mim tem algo que me chama. Fazer a sua mão, fazer essa pessoa, com ou sem roupa, não interessa, faz! Porque tem algo de muito misterioso e maravilhoso para mim na figura do outro. Então, eu sempre estive envolvido com isso e, claro, a paisagem acompanha, animais estão sempre muito presentes também, porque tem a vida ali, tem aquela vida pulsante e todos aqueles instintos que falam muito sobre nós, o tempo inteiro. Aquela imagem que o tempo todo está “berrando livros” na sua frente numa questão de milésimos de segundos, então isso tudo sempre me interessou. Fiz muito modelo vivo. Teve também a parte da dos memes e tal. Até que no final da faculdade, quando eu precisei fazer o projeto final, eu enquanto buscava alguma coisa para fazer: o que que eu vou

fazer? Tinha uns desenhos de imagens de internet que eu reproduzia até que achei por acaso ali na sala dos fundos (aponta no sentido do corredor onde há uma outra sala para crianças), tinha uma boneca sem cabeça, inclusive é aquela que está lá em cima (aponta para uma pintura pendurada no alto da parede do ateliê), lá no alto a direita, foi aquela boneca. Naquele dia eu a encontrei assim, me pus a fotografar, levei para o orientador e ele me disse “tem alguma coisa aí”, eu comecei a pensar, “beleza, corpos de bonecas, plástico, está sem cabeça, etc...” Então é aquilo, desmonta, compra um monte, coleciona, vai tirando foto e foi nascendo. Nasceu uma série daí que chama “CELEBRAÇÃO MÓVEL”, nome que vem lá do Stuart Hall, falando sobre identidades e tal. A partir daí, durante dois anos, dois anos e pouco produzi essa série. Logo depois, volto para o lugar dos memes, essas fotos que vocês estão vendo aí e tal. Isso aí me acompanha desde talvez 2009, 2010 e tem um retorno ali em 2014, quando eu paro de fazer as bonecas, retorno aos desenhos disso (imagens de internet) e tal, e vou pensar essas coisas todas que acontecem dentro de uma imagem totalmente efêmera da internet, meme e por aí vai. Então eu fazia isso aí. Até chegar ao que faço hoje.

**Ana Cláudia Holanda:** Estava bem distante dos temas da religião.

**Caio Pacela:** É, bem distante. Bem distante.

**Ana Cláudia Holanda:** O outro lugar do plástico.

**Caio Pacela:** É, algumas coisas que eu fazia antes tem ainda lugar no trabalho de hoje, inclusive essa relação desses corpos, principalmente com coisas atadas, aquela das colheres ali, aquilo ali começou anteriormente no meu trabalho, vem dessa pesquisa de imagens de internet, mas que eu ainda vejo lugar para isso tudo no que estou fazendo.

**Mariana Guimarães:** Sim.

**Caio Pacela:** Tanto que aquela tela que está em aberto ali (aponta pra um canto onde há uma tela ainda em processo), que tem um cara com a mão na no rosto, ali, em amarelo, em baixo,

tem uma tela que eu estou fazendo, colocando coisas meio desconexas que me interessam, todos esses personagens que podem vir a habitar esse lugar da espiritualidade etc. No desenho eu sou mais livre pra isso, vou fazendo. Tenho até esse desenho que está aqui, ainda vou postar na internet, mas não posso abrir a embalagem agora porque esse é da Varejão, ela comprou.

**Mariana Guimarães:** É uma grande colecionadora.

**Caio Pacela:** Sim, ela é. Já tem três trabalhos meus e vai para o quarto. Estou superfeliz. Ela é uma das minhas grandes aliadas, assim. Porque ela realmente gostou do meu trabalho de cara, me deu o maior crédito como pintor.

**Mariana Guimarães:** Ela coleciona muitos artistas, pintores, pintoras. É uma legitimadora. Isso é muito importante.

**Caio Pacela:** Tenho uns outros desenhos que acabam tendo esse lugar onde eu consigo experimentar muito desse grande ambiente de um desconhecido, de algo de um grande acontecimento. Estou tentando levar para essa outra tela, com algumas mudanças.

**Ana Cláudia Holanda:** é a sarça ardente?

**Caio Pacela:** É uma oliveira, na verdade. Parte de uma oliveira, mas já me falaram sobre isso, parece que está pegando fogo. Falei, “ótimo, ótimo que pareça”. Nem foi intencional, de verdade. Mas que bom que parece, pois tem tudo a ver com isso aqui. E por que isso é importante? Porque, inclusive essas dúvidas, essas coisas que mesmo que eu não decida, é importante que elas apareçam? Porque eu acho que existe um ponto nessa minha trajetória em que se eu vejo um diálogo impossibilitado é porque provavelmente existe um imaginário desacordado, sem acordo. Não existe um acordo no imaginário das pessoas, e se a gente não imagina junto, a gente não conversa. A gente tenta conversar sobre um grande nada, sobre uma interrogação. O objeto em comum que outrora existia, que fazia que o diálogo fosse possível, como, por exemplo, “ser brasileiro”, ou “brasilidades”, enfim, o que você quiser colocar aí, ele desaparece nesse momento em que a gente está agora. E isso tudo não é algo que começou de

hoje, mas que continua desaparecido até agora. Sem um acordo nessa esfera do imaginário, a gente não vai conseguir. E quem é um dos responsáveis pela produção do que acessa esse imaginário? O artista. O artista imagina e trabalha nesse lugar.

**Ana Cláudia Holanda:** Interessante você trazer isso porque esta pergunta eu desenvolvi justamente porque tenho uma suspeita de que uma das ferramentas a que a gente pode recorrer para pensar a questão do radicalismo dentro das religiões é a imaginação, então por isso que eu pergunto para as pessoas sobre a relação delas com as imagens.

**Caio Pacela:** É um ponto chave, sim.

**Ana Cláudia Holanda:** Acho que fazer esse trabalho tem essa coragem de criar imagens, imagens não óbvias, imagens não repetidas, né? Eu acho que pode realmente criar espaço pra abordar a radicalidade, traz essa possibilidade de um acordo imaginário.

**Mariana Guimarães:** A potência é justamente essa intenção, né? Você cria outro mundo a partir disso. Então é um mundo evangélico possível de [sic] tocar e existir, então não é aquele mundo de imagens dadas porque o grande problema da massa seja supostamente [sic] de evangélicos, católicos, comunistas, umbandistas. É a ideia de uma imagem única. Isso não dá possibilidades para o outro se desenvolver enquanto produtor das imagens dele mesmo. Isso pode produzir uma saída diante da miséria humana. Nesse sentido, acho que a partir do momento que você produz as suas imagens, você produz uma religião saudável, produz saúde dentro da religião. E aí o artista tem possibilidade de fazer isso dentro dos espaços. O meu trabalho fala muito sobre maternidade. Eu produzo saúde na maternidade, né? Porque eu desloco a partir dos filhos, a partir da casa, através do bordado. Então eu acho que é um trabalho de produção de saúde para sair de um lugar que pode estar criando uma repressão. E, nesse sentido, qualquer religião pode oprimir, seja a umbanda, o budismo, qualquer uma, quando você não tem a possibilidade de produção de imagem.

**Ana Cláudia Holanda:** A questão da repressão na imagem é uma marca do Cristianismo. Historicamente, o cristão tem que cumprir esse mandamento em relação à questão da idolatria, que não existe nas outras religiões. A imaginação é diferente nas outras religiões. Acho que

talvez seja um trabalho específico dentro do cristianismo que precisa ser feito e que talvez um espaço como esse que você está produzindo aqui seja uma saída. Aqui que é um espaço menos dogmático. Queria aproveitar para introduzir minha próxima pergunta que parte novamente da minha experiência com a religião e de como ela foi marcada também por uma relação de oposição com as outras religiões. Nesse sentido, o espiritismo era satanismo, todas as religiões de matriz africana eram satanismo. Era pecado, era idolatria, e aí eu queria te perguntar como é que é isso para você, como é para você essa convivência com outras religiões?

**Caio Pacela:** Talvez isso fosse até algo para ser citado desde o início, esse tema é muito importante. O “cristianismo”, ele, para mim, é tão satânico quanto outra coisa. Por quê? Porque ele é uma invenção humana. Criaram no 4º século o cristianismo (dando enfoque ao “ismo”) como conhecemos. Então meu o caminho é o que Jesus deixou explicitamente: “eu sou o caminho, eu sou a verdade e a vida”, “é através de mim”. Mas quem é você? “Eu sou o amor”. É uma continha fácil de se fazer, tem que ser fácil e dá para complexificar para a gente ter uma conversa mais legal, mas ela tem que ser fácil, ela tem que ser, inclusive, para quem nunca ouviu falar de igreja. Jesus veio, nasceu, viveu, fez o que fez, morreu e ressuscitou por alguém, inclusive, que talvez nunca vai ouvir falar nele. Precisa ser assim, senão a gente não cai na lógica, uma lógica, uma obviedade, tipo, eu vim para todos, quem são esses todos que precisam pisar ali dentro? Então, a religião para mim, ela é satânica e o que é satã? É a destruição do outro. Aí eu coloco nesse lugar, se Deus é amor, é a comunhão, é o crescer juntos, o mal é o oposto disso...satanismo, o diabo, como quiser chamar. O demônio é justamente o oposto do que é Deus, é o anticristo. Então não há para mim a ideia de que a pessoa para ser salva, para encontrar o caminho, ela precise seguir algo definido por dogmas, e eu acredito nisso com meu espírito, com meu coração, porque se precisa ser assim não é verdadeiro. A ideia toda, essa que a gente está construindo aqui ela cai por terra, fácil. Se bate na base ali, desmorona. Então a relação que eu tenho com outras religiões, se a gente está falando da religião em si, eu tenho uma relação péssima com qualquer uma, inclusive com a minha, com essa que eu chamo de minha, o cristianismo. Mas enquanto as pessoas conseguem se colocar nesse lugar ou usar as palavras que a gente usa politicamente, de tolerância, de aceitação etc., tem caminho aí e eu não me importo com o que a pessoa decidiu, ou entendeu, ou descobriu que adora. Enquanto ela se demonstrar uma pessoa do amor para mim, eu acho que aí tem conversa, aí tem caminhos.

**Mariana Guimarães:** Inclusive, muitos ateus são cheios de amor.

**Caio Pacela:** Qualquer pessoa, qualquer pessoa, mesmo! Inclusive, tem muitos cristãos que são cheios de ódio. É fácil falar isso hoje.

**Mariana Guimarães:** Isso é dado.

**Caio Pacela:** É dado. Então não é sobre estar dentro do templo ou não, é sobre ser o templo.

**Ana Cláudia Holanda:** A minha próxima pergunta é com relação as suas próprias práticas. Como você vive a religião? Você ora todos os dias? Frequenta a igreja todas as semanas? Como é o seu cotidiano com a fé?

**Caio Pacela:** Já frequentei mais o templo. Eu vinha em quase todos os cultos, reuniões, e aí com o tempo, com toda essa minha vida, eu me afasto, volto. Mas em termos de religião hoje, de templo, eu estou aqui, frequentado semanalmente pelo menos todos os domingos no culto da manhã. Trago a minha família, e aqui passamos esse tempo, adorando como a gente fala, cultuando, mas a minha prática diária é uma prática de oração não tão regrada. Quando sinto vontade, necessidade, calor no peito, eu oro, seja lá o que for isso.

**Ana Cláudia Holanda:** você conversa com Deus?

**Caio Pacela:** É. Porque a gente tem muito essa ideia de começar uma oração, né? Eu um dia comecei uma oração e vou terminar quando for a última. A conversa com Deus é uma só, porque ele está presente o tempo inteiro. A gente se despede aqui, quando a gente se encontrar, por não estar se vendo mais, a gente vai falar, “e aí, tudo bem, como é que estão as coisas?”, eu parto do ponto que ele está, porque ele é. Inclusive isso fala do meu ponto sobre a religião. A religião não é. Deus não existe, Deus é. Quem existe é quem está sujeito a existência, ao início e ao fim. Ele é. Então é uma coisa mais contínua. Só que eu estou falando de uma forma que talvez pareça que está bem resolvida, mas não está, é algo que eu estou construindo. É uma percepção de vida, leva só uma vida para se entender isso e quando se chega ao final da vida, você percebe

que talvez não tenha entendido bem, mas tentou. Sei lá, a minha convivência é essa e quando estou agora com vocês eu me sinto tão em proximidade e em relacionamento com Deus, quanto no momento mais íntimo no meu quarto, ou na igreja, porque simplesmente é algo que já é dado. A bíblia fala que nós somos templo do Espírito Santo, que carregamos a presença Dele no momento que o aceitamos e Ele vive em nós. Então, para mim o oculto nunca acaba. Isso aqui é um objeto que resultou do meu faz o som de respiração profunda) expirar, da minha adoração, da minha devoção. Aliás, “devoção” não é uma palavra boa, porque o devoto é aquele que espera algo de volta. Melhor colocando, seria essa pessoa que está sacrificando a vida, digamos assim, colocando a vida à disposição, melhor do que se sacrificar, para não ficar essa coisa tão martirizante, é a disposição de quem descobriu que Deus é a melhor coisa que existe. É o que possibilita todas as outras relações. Eu tenho essa vivência. Estou tentando ter cada vez mais essa vivência. E considero que ainda leio pouco a bíblia, gostaria de ler mais. Só que eu quero ler cada vez mais com real interesse, não porque me mandam ler. Enquanto me mandaram, enquanto senti que me impuseram as coisas, eu não fiz de coração. Hoje estou lendo Byung-Chul Han como um louco e ele cita Paulo. Aí eu volto para cá e leio, aí tem fogo, aí a coisa vem para mim, aí fica real, me dá tesão em fazer.

**Ana Cláudia Holanda:** A minha próxima pergunta é nova, como eu te disse, você é um caso à parte na minha pesquisa. Você é a primeira pessoa que eu estou entrevistando que segue na relação da religião. Como conseguiu conciliar as contradições, ou como está conseguindo, pelo menos até agora?

**Caio Pacela:** Ainda estou tentando conciliar.

**Ana Cláudia Holanda:** São contradições mesmo. Não é só a região que tem, mas eu queria te pedir, se você sentir à vontade para fazer isto, claro, para você me dar um conselho, para mim e para as outras pessoas que eu entrevistei e que saíram da religião. O que você diria pra gente?

**Caio Pacela:** É quase aquele momento “o que é a vida?” do Abujamra (risos). Eu sempre procuro tomar muito cuidado com isso, sempre tive dificuldade de me colocar como alguém capaz de dar um conselho, ou de falar para você alguma coisa. Mas hoje o único lugar que vai

me colocar em segurança é se eu estiver alinhado com tudo isso que eu falei com vocês. Se o amor for a base da tua vida, você está nele e ele está em você, aí os caminhos que virão depois vão acontecer guiados pelo próprio amor. Sempre tomando cuidado, e aí eu falo muito por mim, de não cair em lugares onde a razão te coloca que funcionam na base do desamor e que são óbvios, lógicos e fazem todo sentido. E o contrário também é verdadeiro. Tem lugares que são poucos lógicos, improváveis, onde o amor reina. Então, a base da minha vida é tentar perceber isso o tempo todo para eu não cair no engano. E aí eu não falo do outro. Eu tomo esse cuidado de não cair em lugares de desamor, porque o desamor é o tempo todo, a expulsão, a deterioração e o afastamento do próximo. Não me refiro ao outro somente enquanto alguém que eu já convivo, mas ao próximo que precisa de mim no agora, exatamente, seja qual for a necessidade. Eu preciso fazer com que isso seja construído o tempo todo e não destruído. Esse caminho e essa ponte não podem ser derrubados. O que eu diria para você, é isso sobre o amor. Eu acho que é o caminho para tudo, para a melhor vida que a gente pode ter. Por mais que seja uma utopia, e eu sei da utopia do cristianismo ou melhor, eu sei da utopia da mensagem de Cristo. Ela é utópica, mas ela me faz andar. Eu não lembro onde, mas eu li uma vez que a utopia é você, você dá um passo e ela dá um passo para trás. Ela se afasta, mas ela te faz andar.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu vi numa série sobre o livro do Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*.<sup>45</sup> Eu lembro demais essa frase, acho muito bonita. Na série, é o Leonardo Boff quem menciona. Ele foi uma das pessoas que começou a me sensibilizar com a ideia de que a espiritualidade poderia ser potente apesar da experiência de violência que eu tinha vivido na religião. Quando eu via pessoas como ele, eu pensava: “Gente, eu acho que a religião não é só o que eu vivi, eu acho que tem mais, acho que tem coisas pra além”.

**Caio Pacela:** Talvez seja muito pouco do que você viveu, porque não te cercaram de amor, te cercaram de regra, dogma com uma roupagem de amor. Seus pais, que acredito que te amam, fizeram aquilo por medo de te perder para o mundo, para o mal, seja lá o que for. Mas talvez um bom caminho seja (talvez, pelo amor de Deus), o bom caminho seja reconsiderar isso deles, entender hoje, como uma pessoa madura que é, que aquilo foi uma tentativa de te amar. É difícil, eu sei. Talvez não tenha sido bem-sucedida. E aí um retorno, uma reconciliação, se ela

---

<sup>45</sup> GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: L&PM, 2010.

for necessária, se não existir uma conciliação hoje. Pelo amor é possível e vai te trazer muita, muita calma, muita paz para a tua vivência.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu acho isso bonito porque justamente essas são palavras dentro da minha tese, Amor e Medo. Então eu acho interessante. Eu acho bonita e sensível a tua interpretação porque me dá uma perspectiva que de repente existia um desejo de amar, existia um amor da forma deles.

**Caio Pacela:** Mais carregado com medo.

**Ana Cláudia Holanda:** Um amor no qual esse caminho do medo estava muito presente. O medo de perder, o medo de se separar, o medo de...

**Caio Pacela:** De ser julgado pelos de fora também como os maus pais.

**Ana Cláudia Holanda:** Medo de serem julgados pelos de fora, medo de errar.

**Caio Pacela:** Pode ser tudo isso.

**Ana Cláudia Holanda:** De fato, o medo talvez tenha sido o principal código que eles tiveram pra, de algum jeito, manifestar esse amor. Só para gente concluir, eu peço pra todos os meus entrevistados que abençoem a minha pesquisa. Pode ser como você achar, como sentir.

**Caio Pacela:** Bem, eu vou fazer, faço, claro, com muito prazer, mas dando só seguimento ao que já estamos fazendo aqui, porque já acho que já estamos nos abençoando aqui. Isso é bom, é bom falar sobre isso assim. Me sinto grato por isso, há uma oração que já parte disso. Acho que Deus está aqui no meio de nós, eu sinto uma ligação de carinho e de amor por vocês de cara. Ao recebê-las falei, “beleza, são pessoas que eu já quero receber”, que quando a gente conversar sobre coisas importantes, e se não fossem também, ia acabar sendo sobre a vivência

que eu escolhi para mim, por que Jesus assim colocou. É isso que eu quero viver, o que Ele é sempre. Então, está bom, vou abençoar: “Pai, obrigado por esse momento, obrigado porque estamos aqui com saúde, com vitalidade, com as mentes abertas, pensando tanto em possibilidades de conversarmos e sermos melhores entre nós. Que tudo o que o senhor é nos inunde e faça com que essa conversa brote, em tudo isso que a gente pode chamar de sementes que foram colocadas aqui de todas as partes. Brote em amor, regadas pela tua água, o senhor é água viva, o senhor é a água viva! Nós não somos água viva, mas o senhor é água em nós e água é vida. Água viva não é água parada. Que esse momento, que tudo o que a gente falou aqui seja algo que possamos carregar para o nosso dia a dia. Não só com teorias, não para que a academia nos aceite, nos dê uma nota. Mas as suas palavras são palavras de vida o tempo todo. Que essa vida possa proliferar em nós. É o que eu te peço, já te pedi desde ontem quando eu orei por essa reunião e continuo te pedido hoje em teu nome, amém.”

**Ana Cláudia Holanda:** Amém.

**Mariana Guimarães:** Amém.

**Ana Cláudia Holanda:** Muito obrigada.

**Caio Pacela:** Nunca fiz isso, eu que agradeço.

## 14 ANA CLÁUDIA HOLANDA

Na sexta, 13 de dezembro, Francisco e eu nos encontramos para realizar a entrevista.<sup>46</sup>

**Francisco Freitas:** Boa noite, Ana Cláudia. Vamos fazer, então, a nossa entrevista. Só para gravar, marcar aí o começo. E como você costuma fazer, em todo início de entrevista, vou pedir para você abençoar esta entrevista, esta conversa.

**Ana Cláudia Holanda:** Então tá. Eu estava ali acendendo vela no altar, né? E eu estou com vela pra Oxum e pra Oxóssi. Eu acendi uma vela pra Oxóssi, cumprimentei Oxóssi, “*Okê Arô*”, e cumprimentei também Oxum, “*Ore yèyé o!*”, e me curvei diante de Oxum. Também quando eu estava vindo para cá, lembrei de uma música evangélica, que é: “Quero minha vida te entregar/ Como oferta viva em teu altar”.<sup>47</sup>

**Francisco Freitas:** “Para te adorar...”

**Ana Cláudia Holanda:** Por aí vai. Enfim, caminhos abertos.

**Francisco Freitas:** Muito bem. O que é Deus para você?

**Ana Cláudia Holanda:** Ótima pergunta (risadas).

**Francisco Freitas:** Estou seguindo o roteiro.

**Ana Cláudia Holanda:** Nossa, eu acho que isso é uma coisa que, para mim, se transformou muito ao longo dos últimos anos. Eu acho que parte de uma coisa bem freudiana, a projeção da

---

<sup>46</sup> HOLANDA, A. C. [Entrevista concedida a] Francisco Freitas. São Paulo, 13 dez. 2023.

<sup>47</sup> MINISTÉRIO KOINONYA DE LOUVOR. Oferta de amor. *Eternamente*. São Paulo: BMG Ariola Discos Ltda, 1991 (4min36s).

figura paterna num campo imaginário. Porque o Freud fala de Deus exatamente assim, né? Como se fosse a projeção imaginária de uma figura paterna. Então, como eu fui criada numa religião patriarcal, com um pai que gostava dessas referências, assim, né? Do patriarcado e valorizava isso, enaltecia. Então, certamente, Deus, para mim, parte de uma figura masculina, antropomórfica, um pouco autoritária, meio Jeová, assim, o Deus Vulcão. E depois vai se transformando. Tem um filme que eu assisti, muitos anos atrás, chamado *Tolerância Zero*...<sup>48</sup> é uma história de um cara neonazista, que é detido por essas condutas e é colocado para fazer trabalhos sociais. O trabalho dele era participar de grupos com pessoas que viveram o Holocausto. E aí ele conversa com essas pessoas e aos poucos ele vai se convertendo ao judaísmo. E aí, no final do filme, traz uma imagem que é bem curiosa, porque o deus do judaísmo, diferente do deus do cristianismo, ele é mais esvaziado, ele é um vazio, um nada.

**Francisco Freitas:** Não pode ser nomeado.

**Ana Cláudia Holanda:** Não pode ser nomeado, ele tem uma dimensão mais etérea mesmo. Lembro que esse filme me marcou muito, porque tem uma cena final na qual o personagem fica subindo as escadas e aí ele encontra um outro personagem; e aí ele fala assim: “Onde está Deus?” Aí sobe mais um lance. Aí ele passa de novo e repete: “Onde está Deus?” Sobe mais um lance. E é um pouco essa busca, Deus é essa busca. E de uns tempos para cá, eu entrei muito em contato com as religiões de matriz africana e o conceito de divindade dentro dessas religiões é completamente outro. É muito mais conectado com a matéria. É muito menos da ordem da imaginação. E é muito mais em relação com as coisas. E aí, enfim, eu acho que eu tenho me conectado muito com essas imagens, assim, *Olodumaré*, *Oxalá*, o Criador. Então eu acho que eu tô, sei lá, me conectando com essas outras dimensões também, assim, da divindade. Então eu acho que Deus para mim hoje em dia tem muitas caras. Eu acho que sai um pouco dessa figura única, assim, e de repente a coisa ganha muitas formas. Mas esses últimos dias que eu andava muito angustiada, eu me vi em algum momento rezando e me vi um pouco rezando para esse Deus, assim, dessa conversa íntima, que tem a ver com o Deus do cristianismo.

**Francisco Freitas:** Mas que não é tão abstrato.

---

<sup>48</sup> Filme dirigido por Henry Bean, de 2001, com Ryan Gosling. Trata de um rapaz judeu que se torna *skinhead*.

**Ana Cláudia Holanda:** E que não tem muita cara, que não tem, assim, um mito.

**Francisco Freitas:** Mais abstrato.

**Ana Cláudia Holanda:** Essa conversa íntima. Então, sei lá eu acho que Deus talvez seja essa conversa íntima, esse contato consigo com a sua centelha divina, mas me parece assim, agora em relação com as coisas, com as pessoas que eu acho que o Deus do Cristianismo tem essa questão que ele é único, então, assim, tem uma coisa muito singular às vezes. E eu acho que a fé é essencialmente conexão, né? Então, eu acho que esse Deus que é muito ensimesmado não é tão interessante.

**Francisco Freitas:** Mas falando também, ainda parece que tem uma unidade, assim, né? Ele tem várias caras.

**Ana Cláudia Holanda:** Acho que eu fico voltando para isso. Vou para esse Deus único, depois saio.

**Francisco Freitas:** Você pode contar um pouco, então, de como foi a sua trajetória nessa fé? Quando você se tornou evangélica, que igrejas você frequentou? Com que idade você decidiu se afastar da igreja e da religião?

**Ana Cláudia Holanda:** Eu me tornei evangélica por volta dos seis anos de idade. Eu tenho um tio que foi fazer intercâmbio nos Estados Unidos e aí entrou em contato com a Igreja Batista. Ele conheceu uma americana, que o pai era pastor, morava em Fortaleza, e não sei o quê. Esse foi o primeiro contato com a Igreja Batista americana. Esse tio converteu o meu pai. E o meu pai meio que saiu disseminando entre os outros parentes. Quando eu tinha uns seis anos de idade, meu pai se converteu. E aí a gente passou a frequentar a igreja todos os domingos. A gente frequentava a Primeira Igreja Batista de Quixadá.

**Francisco Freitas:** Seu tio era tipo um fundador?

**Ana Cláudia Holanda:** Não, meu tio era membro. Meu tio se converteu em Fortaleza e aí depois, em algum momento, ele foi morar em Quixadá, mas a gente começou a frequentar essa igreja antes desse tio porque a gente já morava em Quixadá. Meu pai conheceu a igreja, achou essa igreja batista em Quixadá e começou a frequentar. A gente frequentava lá todos os domingos, durante anos e anos e anos, até que eu fui morar em Fortaleza. Quando eu fui morar em Fortaleza, os meus pais fizeram essa coisa de localizar uma igreja, não sei o quê e tal, e aí a gente passou a frequentar a Primeira Igreja Batista de Fortaleza. Era uma igreja meio conservadora. A gente começou a frequentar, mas não se adaptou muito bem. Tinha uma coisa muito familiar, e a gente ficava meio, eu e os meus irmãos, assim, porque os meus pais não moravam em Fortaleza, então a gente frequentava essa igreja, mas ficava meio deslocado. Até chegamos a ir a um acampamento de jovens. Foi um fiasco pra mim. Tinha um monte de gente, um monte de gente que eu não conhecia. Aí deu metade do negócio, eu falei: “Eu quero ir embora”. Aí liguei para minha tia no meio do Carnaval, era um retiro de Carnaval, e ela foi me buscar. Enfim, o meu irmão ficou lá, fez um monte de amigos, se virou. Mas nossa estadia nessa igreja não durou muito mais. Depois a gente passou a frequentar a Igreja Presbiteriana por um tempo também. É uma história que eu conto no questionário de um momento que a gente encontra um grupo também de jovens. A gente começa a frequentar esse grupo de jovens, mas havia uma dinâmica. Ao final dos cultos, íamos comer pizza depois da igreja, não sei o quê e tal. De repente, começou a rolar uma certa fofoca com relação a duas meninas que também eram da igreja, mas frequentavam uma boate. Uma boate, não, era uma barraca de praia lá de Fortaleza que tinha shows e tal. Tinha tipo show do Nação Zumbi.

**Francisco Freitas:** Está rolando hoje. Tinha show da... Nação Zumbi do Sesc Pompeia.

**Ana Cláudia:** Kid abelha, Natiruts, Raimundos. Essa barraca tinha todos esses shows. E elas frequentavam. E aí eles começaram a falar mal porque elas frequentavam a Biruta. Se chamava Biruta a barraca, e eu adorava a Biruta. Tipo assim, por mim, eu frequentava todo final de semana, aí quando eu saquei isso eu falei: “Putz, não vai rolar”. Daqui a pouco, vai ser da gente que a galera vai estar fofocando. Não vai dar certo, aí a gente foi para outra igreja batista que era na mesma, eram todas no Colégio 7 de Setembro lá em Fortaleza. É um colégio batista. No

auditório, funcionava uma igreja e na quadra era outra. Depois essa igreja da quadra foi para outra sede que eles construíram. Na época, inclusive, rolou toda uma campanha de construção desse templo. A gente começou a frequentar lá. Até que um dia, aconteceu uma história que eu também conto no questionário. A gente estava no culto, veio um pastor e começou a fazer um sermão assim: “Pais, próximo final de semana, em Fortaleza, vai acontecer o Ceará Music. Vocês vão permitir que os filhos de vocês vão ao Ceará Music? Esse evento do mundo, com essas bandas do mundo?” E ele falava assim: “Pais”. O pastor dizia: “Pais, rasguem os ingressos do Ceará Music dos seus filhos” e aí eu, como se diz, conhecia meu pai, se ele estivesse ali naquele culto ele já ia sair procurando esses ingressos. Ia se sentir imediatamente convocado. A gente ia sair daquele culto com os ingressos rasgados em nome de Jesus. Foi nesse momento que eu olhei pra um irmão, olhei pro outro e falei assim: “Galera, é a nossa senha, vamos embora”. Lembro de uma certa cumplicidade. A gente só se olhou e já sabia que não ia funcionar para gente. A gente saiu do culto e depois começou a fazer uns esquemas porque a gente precisava frequentar a igreja. Era uma coisa obrigatória na família, se não fosse na igreja no domingo, não recebia a mesada na segunda-feira, então a gente começou a fazer uns esquemas nos quais a gente saía domingo à noite, ficava fora ali o tempo do culto, aí voltava num certo horário e tudo bem, passava como se a gente tivesse ido pro culto, mas a gente ia no cinema, a gente ia dar uma volta. A gente dava o nosso rolê. E aí foi o momento que a gente saiu da igreja. Meus irmãos e eu, né? A gente morava os três em Fortaleza. Passou um tempo no qual eu me considerava cristã desigrejada, depois fiquei um bom tempo me considerando ateia. Pensava: “Ah, não, esse negócio de igreja não tem nada a ver”, não sei o quê e tal. Até que, acho que quando eu já morava em São Paulo, comecei a me aproximar das religiões de matriz africana. Comecei a frequentar terreiro. Aí esse tema da religiosidade voltou um pouco para mim. Mas, o tempo todo, eu evitava a Igreja Evangélica. Achava que não tinha nada a ver. Até começar a pesquisa. No começo da pesquisa, a gente chegou a frequentar, lembra? A gente foi a um culto, e ali foi o meu primeiro contato com um culto evangélico depois de muitos anos, com o pastor Ariovaldo.

**Francisco Freitas:** Aqueles hinos todos.

**Ana Cláudia Holanda:** Os hinos, as orações, a igreja bilíngue, a igreja na escola bilíngue americana.

**Francisco Freitas:** Toda a colonização.

**Ana Cláudia Holanda:** Sempre nessa íntima relação, sim.

**Francisco Freitas:** Justamente nesta parte do questionário você conta esse relato. Então vou fazer o mesmo e vou contar o meu.

**Ana Cláudia Holanda:** Muito bom.

**Francisco Freitas:** porque é semelhante em vários detalhes também. Por exemplo, essa coisa do seu tio. Foi um tio que trouxe minha família para a igreja, era o irmão da minha mãe. Conheceu algum americano, não sei o quê, e aí ele conheceu outras pessoas. Tinha uns médicos também que fizeram uma vertente neopentecostal a partir da presbiteriana, superconservadora. Então, mulher só usava saia, tinha toda uma divisão de coisas, de funções ali. Enfim, mas esse tio morreu muito cedo, ele morreu num acidente indo pregar no interior do estado e essa igreja foi fundada ali no Espírito Santo, ali em Vila Velha. Então, assim, esse tio que morreu jovem, virou um mártir. Ele era um dos fundadores, ele tinha, sei lá, 26 anos e morreu no ano em que minha irmã nasceu. Aí minha mãe já desde que eu era pequeno, desde que eu nasci, fui criado na igreja. Fui conhecer outro mundo, outras religiões quando fui pro Ensino Médio em outra escola, outro bairro. E aí conheci pessoas de outras religiões, de outros pensamentos. Comecei a ler, comecei a estudar, enfim, essa fase da adolescência. Só que o que me caiu a ficha mesmo, eu digo que foi através da música que eu saí da igreja.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu também.

**Francisco Freitas:** Tinha uma orquestra na escola, eu tinha um saxofone, comecei a aprender música, aí fui ouvir no jazz, música brasileira, não tinha formação musical, né? Só conhecia hino da igreja, música do mundo era proibido.

**Ana Cláudia Holanda:** Na minha família também.

**Francisco Freitas:** E era assim, culto não era só domingo, era todos os dias, menos sexta-feira. Sexta-feira era culto do lar. Você tinha que fazer em casa com a sua família, todos os dias era escola, judô, igreja, casa, esse circuito. Aí a música foi me levando até o ponto em que eu ouvi um disco, o *I Love Supreme* do John Coltrane.

**Ana Cláudia Holanda:** Um clássico!

**Francisco Freitas:** Estava aprendendo a tocar saxofone, fui ouvir John Coltrane e cheguei nesse disco e eu vi que esse disco ele tinha feito quando ele se converteu ao islamismo. Eu falei: “Cara, não é possível”. É a coisa mais tocante que eu já ouvi na minha vida. Como que esse cara vai para o inferno? Esse cara não vai para o inferno, ele entendeu o que é Deus! O que eu faço? Me converto ao islã também? Eu entrei em crise com isso, aí eu fui conversar com o pastor, eu comecei a perguntar coisas: “Ah, e se por exemplo, sei lá, quem nasceu antes de Cristo, quem nasceu aqui nas Américas, quem nunca ouviu falar de Cristo. E aí? Vai tudo para o inferno?” Aí ele mostra um pedaço da Bíblia lá aqui e fala assim: “Não, eles serão perdoados”. Então, para quê a gente está evangelizando? Não seria melhor ficar na ignorância? Senão aí você vai colocar para as pessoas a possibilidade do pecado. Enfim, eu entrei em crise, mas foi também onde eu comecei a desconfiar de todo aquele sistema. Aí pronto, como diz o Nietzsche: “O ateísmo é fruto do monoteísmo”. Ele é ateu. Aí depois de um tempo eu comecei a conhecer mais essas religiões de matriz africana também e fui descobrindo outras formas de, sei lá, espiritualidade e tudo mais. Mesmo assim, muito vacinado por esse monoteísmo. O ateísmo ainda tem uma forte influência. Eu às vezes desconfiava. Mas você falou que foi pela música também. Por conta do festival.

**Ana Cláudia Holanda:** O festival de música, a Biruta, a barraca de praia. Para mim aquilo era pura vida. Ficava impossível que toda essa vitalidade não fosse boa, não fosse a vontade de Deus.

**Francisco Freitas:** Pois é, eu comecei a ouvir coisas e pensei: “a gente não pode escutar só aquele Deus que eles pregam ali, é muito pouco, muito reduzido”. Mas, enfim, de tudo aquilo, ainda aconteceu algo, antes de eu virar ateu. Uma coisa, quando chegou o momento da decisão. Eu comecei a desconfiar das coisas, mas eu participava do culto, e aí depois tinha um atendimento. Como a minha igreja não era pentecostal, tinha a coisa dos dons. Eu era batizado, então eu tinha dons, eu tinha várias coisas, eu tinha visões, tinha sonhos. Participava disso. Até disso eu comecei a desconfiar também. Eu pensei: “Tudo isso é imaginação, então eu vou imaginar coisas”. Quando alguém vinha e contava sua história, eu imaginava alguma coisa, contava para ela algo que levasse a um sentido que desse conforto, que revelasse alguma coisa, desse uma luz. Aí eu percebi que isso funcionava muito bem. Falava para mim mesmo: “Eu acho que é tudo isso um pouco assim, né? É uma desilusão que rola”.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu adoro essa palavra, desilusão.

**Francisco Freitas:** É, uma desilusão. Tem toda uma ilusão ali.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu acho que a ideia de desilusão é muito potente. Porque, sei lá, se a gente pensar ilusão e desilusão como o binômio alienação e separação se torna algo maravilhoso. Você se ilude e desilude, Ilude e desilude, Ilude e desilude. Você vai começando a entender muito melhor a sua forma de imaginar o mundo, de projetar o mundo, de, enfim, criar ficções, possibilidades.

**Francisco Freitas:** Então, eu vou... como isso aqui é um espelho, você está se perguntando através da minha voz, eu vou ler.

**Ana Cláudia Holanda:** Tá bom.

**Francisco Freitas:** Apesar que eu acho que também é isso que eu penso, isso que eu passei. Minha experiência na religião foi muito marcada por medos e repressão, muitas vezes da minha

sexualidade. Você reconhece algum medo que a experiência da religião evangélica deixou em você? Quais desses medos você considera superados? Quais ainda estão presentes na sua vida?

**Ana Cláudia Holanda:** Essa ideia de voltar o questionário para mim foi muito boa. Porque devolve, né?

**Francisco Freitas:** A pergunta é sua.

**Ana Cláudia Holanda:** É interessante essa pergunta porque justamente a tese tem esse trabalho sobre os medos. Coloquei esse subtítulo: exercícios para perder o medo. Então, o medo é um assunto nessa tese. E foi muito interessante porque eu já tinha começado a tese em 2023, quando eu fiz uma consulta com um astrólogo, e ele do mais absoluto nada, falou assim: “Até os seus 41 anos você vai enfrentar todos os seus medos”.

**Francisco Freitas:** Só isso.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu fiquei em choque. Pensei: “Meu Deus do céu, eu já estou assustada o suficiente”. Ainda tem mais e eu ia fazer 38 anos ainda. Enfim, eu fiquei muito ligada nisso, em quais são esses medos, e eu acho que um medo principal que a religião evangélica me deixou foi a homofobia, eu acho que é o cerne da tese. É a homofobia. E eu acho tão interessante essa palavra porque tem essa palavra fobia. É a fobia do mesmo.

**Francisco Freitas:** É o medo mesmo.

**Ana Cláudia Holanda:** É o medo.

**Francisco Freitas:** O medo que gera repulsa.

**Ana Cláudia Holanda:** O medo que gera repulsa. Eu comecei a tese às voltas com essa homofobia. Em uma relação heterossexual, sem nunca ter tido nenhum tipo de relação com uma mulher, para não dizer que nada, eu tinha sei lá, numa calourada da faculdade, dado um beijo triplo, mas tinha sido a minha única experiência com uma mulher e aí do trabalho da tese eu começo a perceber essa questão se apresentando como tema, pergunta e tudo mais. Acho que esse é o grande medo que atravessa esse trabalho e que eu acho que eu estou ainda até agora lidando com isso. Apesar de eu ter tido as minhas experiências, eu nunca tive um namoro e agora eu estou indo para o Ceará daqui a uma semana e vou encontrar uma pessoa com quem estou me relacionando.

**Francisco Freitas:** Uma mulher.

**Ana Cláudia Holanda:** Uma mulher, e vou encontrar a minha família e tudo mais e aí eu fico às voltas com essa coisa tipo de apresentar como uma amiga, sabe, assim de ainda não sentir que eu tenho repertório suficiente.

**Francisco Freitas:** Para apresentar como namorada.

**Ana Cláudia Holanda:** Para apresentar como namorada. E sem entender como isso seria recebido e tal. Isso é uma coisa que ainda atravessa o meu pensamento. É uma coisa ainda em processo. Eu nunca apresentei uma namorada para a minha família. Ou alguém que eu estou me relacionando, “Ah, eu estou conhecendo essa pessoa, essa mulher”. Então, sei lá. O medo da homofobia é algo superado e não superado ao mesmo tempo. Porque, de certa maneira, eu já me abri para me relacionar, para ver as minhas experiências, mas tem ainda algumas dimensões disso que ainda não estão realizadas. Agora, retomando o meu processo de análise que eu comecei aqui em São Paulo em 2011, 2012, talvez, eu comecei por medo de avião. Trabalhei um tempão com essa questão, e tal... e esse medo de avião simplesmente desaparece depois que eu tenho as minhas primeiras relações com mulheres.

**Francisco Freitas:** Interessante.

**Ana Cláudia Holanda:** Então o medo está aí também, né? Ele aparece deslocado no avião e desaparece assim nessa perspectiva.

**Francisco Freitas:** Muitas marcas de opressão, mas eu aposto muito que é, claro, não só no sentido freudiano, mas que em vários sentidos a sexualidade é o cerne.

**Ana Cláudia Holanda:** Também no sentido da espiritualidade.

**Francisco Freitas:** Da espiritualidade, da religião, também como uma instituição de controle social, do que seja, e do imaginário, não só como forma de controle, mas também, claro, de experiência do corpo nesse lugar do sacrifício.

**Francisco Freitas:** James Baldwin foi um romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico social estadunidense, como você sabe. Seu primeiro romance, *Se o disseres na Montanha*, de 1953, conta a história de John, um garoto negro que lida com a experiência ambígua de repressão e embranquecimento ao viver uma religião baseada no cristianismo e ao mesmo tempo de encontrar apoio, ferramentas sociais e intelectuais nessa comunidade cristã negra. Ele também aborda o assunto em “Uma carta de um lugar de minha mente”, de 1962, onde ele mesmo relata sua experiência com a fé. Eventualmente, Baldwin também abandonou a religião, que era incompatível com muitas de suas escolhas pessoais, entre elas, de viver de maneira aberta a sua sexualidade. Quando você olha para a sua experiência na religião, você reconhece lugares de aprendizado? Você levou algum ensinamento daquela época para a sua vida posterior?

**Ana Cláudia Holanda:** Ter contato com o James Baldwin foi uma experiência muito transformadora na minha vida. Eu acho que justamente por ele ser um americano, mas ele está em outro lugar, um homem negro homossexual, ele traz uma outra perspectiva para essa experiência americana que eu conheci na minha família, que era uma experiência americana branca, eurocêntrica e tudo mais. E isso me abriu muitas possibilidades subjetivas porque eu

acho que a relação do James Baldwin com o cristianismo era também comunitária, era também negra, então ela trazia outras camadas de relação com a experiência que traziam uma potência do cristianismo também como uma estratégia comunitária. E isso me fez olhar para a minha experiência com a religião de outra forma, assim, né? E tinha uma coisa interessante da Igreja Batista, que a Igreja Batista era muito ligada na questão da leitura da Bíblia. Era uma religião que se diferenciava das outras religiões evangélicas exatamente porque eles diziam que dentro da religião Batista existia um estímulo à leitura da Bíblia, ao conhecimento dos textos, a que todo mundo tivesse acesso e soubesse interpretar. Então, era muito um trabalho de interpretação de texto, que era feito dentro das igrejas. Era assim, era ler o texto e comentar o texto. E eu acredito que isso, de alguma maneira foi o meu primeiro contato com a literatura.

**Francisco Freitas:** Exatamente.

**Ana Cláudia Holanda:** Assim, com a leitura, com o livro. E aí tinha coisa de ler na igreja, de ir para o culto, de falar sobre a leitura da Bíblia, não sei... Acredito que isso me faz, em algum momento, assim, né? Quando eu começo a ter contato com literatura brasileira, isso me faz ter um interesse muito grande em leitura, então assim, eu comecei a devorar literatura brasileira, revista em quadrinho. Acho que foi o meu primeiro contato com a leitura de muitas maneiras. Eu já tinha lido outras coisas antes, revistinhas, quadrinhos, não sei o quê, mas de repente esse contato com o livro sagrado e hoje também, depois das minhas várias experiências com religião, assim, com a fé, com a espiritualidade, eu gosto muito de astrologia e tudo mais, né, e eu tenho uma característica muito singular dentro da astrologia, que eu tenho o sol de casa 12, e uma das coisas que eu aprendi sobre o sol de casa 12 é que para quem tem o sol localizado aí, é importante ir à igreja. Seja ela qual for. Mas ir à igreja, ao terreiro, sei lá. Onde convir. Acredito que talvez para mim, dentro dessa perspectiva, ter tido contato com a religião desde muito cedo e ter uma frequência na religião, foi uma experiência positiva. Poder ritualizar aquilo todas as semanas, mesmo que fazer perguntas, mesmo que duvidar, mesmo que não saber, mesmo que querer entender melhor, mas eu fazia aquilo semanalmente. Aquilo era um ritual. Acho para mim era importante. Depois eu fui entendendo que havia diversos rituais, que você pode se conectar com Deus de muitas maneiras, por vários caminhos, mas certamente ter essa prática foi uma coisa importante para mim.

**Francisco Freitas:** E você viu também a questão da pastoral na clínica?

**Ana Cláudia Holanda:** Como assim?

**Francisco Freitas:** De você ter ido se tornar psicanalista, estar nesse lugar de escuta de uma espécie dessa herança que vem dos gregos, e aí o confessor, e daí a clínica. Esse lugar talvez do terapêutico [sic], mas também de escuta, que é a igreja.

**Ana Cláudia Holanda:** Uma boa perspectiva.

**Francisco Freitas:** Uma perspectiva freudiana mesmo dessa espécie de crítica que ele faz... Não é crítica, não, é essa genealogia da clínica a partir da pastoral, pelo menos eu sinto isso, mas muito mais na coisa da oratória que os pastores tinham. Meus irmãos foram para esses estudos no direito, na retórica. Para mim, era mais essa parte de atender as pessoas no fim do culto. A igreja é esse lugar de acolhimento também. Eu entendi depois por que as pessoas estão indo para a igreja. Não por serem manipuladas, não, elas estão indo lá porque é um monte de coisa, é onde elas aprendem a ler, é onde elas cantam, ouvem música.

**Ana Cláudia Holanda:** Conversam.

**Francisco Freitas:** Conversam, formam uma comunidade, se cuidam. Se alguém estiver passando necessidade, junta gente, vai uma cesta básica, visita no hospital. Quem vai no hospital visitar doente? Essa é a galera de igreja, né? Que vai lá, frequentando até hoje, pregando, enfim, tem esse lado também.

**Ana Cláudia Holanda:** Mas eu vou responder a sua pergunta. Eu acho que a clínica, ela tem uma dimensão muito diferente da pastoral porque na clínica eu vejo mais um lugar de investigação. À medida que você vai amadurecendo enquanto psicanalista, você vai cada vez mais se abrindo para o mistério para a interrogação, para as perguntas, para o não sabido que eu acho que é completamente diferente da pastoral. Porque a pastoral, ela tem um caminho *a*

*priori*. É mais algo do tipo: “Tá, tudo bem, legal o seu sofrimento, vamos ouvir aqui, mas e Deus?” No final das contas, Deus. Acho que a clínica é mais aberta nesse sentido. Porque, às vezes, é muito mais demiúrgico o processo, né? Então, assim, eu acho que uma questão importante da clínica é a questão da narração. Assim, quanto mais talentoso o narrador, mais possibilidades ele consegue abrir para si mesmo. Então, às vezes, é um trabalho de achar um caminho dentro de um lugar já meio estabelecido e, às vezes, existe a possibilidade da invenção. E a invenção é normalmente, comumente, algo que não é normal, algo que não é óbvio, que não é esperado. Isso, digamos, sei lá, pode ser uma espécie de Deus? Pode ser, mas eu acho que é muito diferente de uma ideia de pastoral.

**Francisco Freitas:** Que é conduzir mesmo as almas, governar as almas. É o que você fala também na sua tese do governo. Tem esse direcionamento.

**Ana Cláudia Holanda:** A pastoral?

**Francisco Freitas:** A pastoral. Porque já tem essa modulação dos gregos para eles, de uma acesso, de um cuidado de si para essa forma imperial, que é, sei lá, acho que também é uma questão para o próprio evangelho, que é levar a Boa Nova, tornar-se imperial ou colonial. Vira somente sobre levar as boas novas. Tem que converter todo mundo.

**Ana Cláudia Holanda:** Ao mesmo tempo, esse ano eu entrei em uma dimensão imperial diferente. Fiz algumas práticas de ayahuasca e em uma dessas práticas, eu ritualizei junto com meu irmão na casa dele e tudo mais. Uma coisa que me chamou muita atenção nessa ocasião foi a prática das invocações. Fizemos uma prática baseada no hinário “Sois Baliza” de Germano Guilherme. A cada tantos hinos, eles param, um deles se levanta, no caso, o meu irmão, e entoava invocações. Uma delas, ao nosso Santo Deus Império. Então, eles enaltecem, eu não lembro mais como é a invocação, saudação, enfim, mas tem essa invocação recorrentemente. Então, sei lá, por um lado, sim, eu acho que o império é essa coisa que a gente conhece, eurocêntrica e tudo mais, mas dentro dessas vertentes, desse cristianismo não monoteísta, como, por exemplo, no Santo Daime, esse império ganha outros contornos. Ele ganha uma outra dimensão, muito menos hegemônica.

**Francisco Freitas:** Mas mesmo as igrejas evangélicas aqui no Brasil, nos Estados Unidos, todo o pentecostal já é não monoteísta. Já tem muita influência, muitos elementos de matriz africana ali, as incorporações, as línguas estranhas.

**Ana Cláudia Holanda:** O sharamanáia.<sup>49</sup>

**Francisco Freitas:** É, o sharamanáia, tudo isso.

**Ana Cláudia Holanda:** A interpretação de sonhos.

**Francisco Freitas:** A interpretação de sonhos porque no fundo eles reconhecem o poder dessas outras divindades, não é só, tem o mal, tudo é mal, mas reconhecer também a divindade de tudo isso, que tem poder, tem influência, enfim, só acho que não é monoteísta, essas igrejas evangélicas, esse cristianismo. Apesar de ser já toda a querela dos antigos, como é que pode ser 3 e 1 e não sei o quê. Vou passar para a próxima.

**Ana Cláudia Holanda:** Tá bom.

**Francisco Freitas:** Assim como Baldwin, a sua saída da religião teve alguma relação com a impossibilidade de conciliar essas contradições?

**Ana Cláudia Holanda:** Certamente. Justamente na história que eu conto, inclusive no questionário, tem essa contradição de eu querer estar nesses shows, querer frequentar esses lugares que eu já frequentava de vez em quando, viver essa vida, conhecer essas pessoas e, ao mesmo tempo, frequentar essa igreja que dizia que tudo isso era pecado, errado, coisas do

---

<sup>49</sup> O sharamanáia é uma expressão que deriva da palavra Saramandaia, que significa, informalmente, bruxaria. Dentro das igrejas neopentecostais o termo passou a ser utilizado para nomear os fenômenos de manifestação do Espírito Santo nos quais os fiéis vivem uma espécie de incorporação. Alguns deles falam em línguas estranhas, outros saltam e dançam.

mundo, né? E eu ficava um pouco assim... dividida, mesmo. Ficava, nessa época; a questão da minha sexualidade nem existia de forma consciente, assim, era absolutamente recalcada no inconsciente. Ao mesmo tempo que agora, quando eu estava contando essa história dessas garotas, eram irmãs gêmeas, assim, ou de idade muito próxima, elas eram muito bonitas. Então, sei lá, acho que em algum lugar eu queria ser amiga delas, eu queria beijar elas, eu queria ficar com elas, sei lá, algo do tipo.

**Francisco Freitas:** Que meninas? Que história?

**Ana Cláudia Holanda:** De quando eu estava nessa igreja presbiteriana.

**Francisco Freitas:** Ah, aquelas que frequentavam também.

**Ana Cláudia Holanda:** Que também frequentavam a Biruta, elas eram lindas e eu ficava: “Gente, não, pera. Elas não”.

**Francisco Freitas:** Eram irmãs.

**Ana Cláudia Holanda:** E elas eram muito bonitas. Eu pensava: “A gente precisa é ser amiga delas”. E, enfim, então eu acho que já tinha, talvez aí, mas de uma maneira muito adolescente, a questão da sexualidade. Já estava colocada de algum jeito, mas para mim tinha essa dimensão também da relação com a música. Eu gostava dessas bandas, eu queria ouvir essas músicas, eu achava muito legal, tipo, e eu acho que essa dificuldade, assim, de conseguir espaço para isso, numa religião que era meio dogmática... Na primeira igreja batista de Quixadá, tinha o irmão Clóvis, que ele achava que os corinhos já não eram, assim, tão divinos, que tinha que cantar os hinos, porque os hinos a gente cantava lá, todos os irmãos juntos, não sei o quê, e os corinhos, tinha uma galera da música lá na igreja que tocava. Eles cantavam bem e tudo. O irmão Clóvis já achava isso meio problemático.

**Francisco Freitas:** “Pra frentex” [sic].

**Ana Cláudia Holanda:** Ele dizia que o pessoal já estava mais querendo se exibir do que adorar a Deus, enfim, eu acho que certamente essas contradições fizeram parte dessa saída.

**Francisco Freitas:** Você ainda se relaciona com algum ícone da religião ou elemento simbólico? O que significam para você a figura de Jesus, a Bíblia, a Cruz?

**Ana Cláudia Holanda:** Quando eu comecei o trabalho da tese, eu fiquei muito ligada nas imagens. Então eu comprei um colar com uma cruz, comprei um anel que tinha escrito Jesus.

**Francisco Freitas:** Cristã e evangélica de novo (risadas).

**Ana Cláudia Holanda:** Cristã e evangélica de novo. Voltei a me interessar por essas imagens. Recentemente, eu estava indo para a minha análise e no caminho até lá... desde que tenho feito um caminho novo, porque antes eu ia de ônibus e agora eu passei ir de metrô. Antes eu descia na frente da academia, da *BlueFit*, e caminhava. Agora eu desço na Estação Morumbi e passo em frente à Igreja Mórmon.

**Francisco Freitas:** Sei, eu morava do lado. Tem um anjo dourado em um obelisco.

**Ana Cláudia Holanda:** Um anjo dourado... E tem uma imagem enorme de Jesus lá. Eu passei em frente uma vez, tinha escrito assim “Igreja, Templo de São Paulo”, eu pensei que era um templo para *São Paulo, O Santo* e eu fiquei achando que aquela imagem era de *São Paulo*. Depois eu entendi que era o Templo de São Paulo como tem o Templo do Rio de Janeiro, o Templo de Fortaleza. E que aquela imagem era de Jesus. É tipo uma estátua gigante de Jesus, com as mãos abertas. E até fiz uma foto lá.

**Francisco Freitas:** No meio de um jardim perfeito.

**Ana Cláudia Holanda:** No meio de um jardim perfeito, perfeito, simétrico e eu acho que desde que comecei a tese, eu comecei a me divertir mais com essas imagens, com a Cruz, com o nome de Jesus, com a própria figura de Jesus. Porque eu acho que até começar a tese, eu tinha uma certa reverência no sentido de que eu não falava sobre isso, mas eu também não mexia com isso. Então eu acho que depois da tese eu consegui voltar a me relacionar com esses símbolos de uma maneira mais leve.

**Francisco Freitas:** Não a partir do medo.

**Ana Cláudia Holanda:** Não a partir do medo, mas a partir da imaginação. Do lúdico. Da brincadeira.

**Francisco Freitas:** E agora, claro, essa imaginação foi para outras imagens.

**Ana Cláudia Holanda:** Também.

**Francisco Freitas:** As estatuazinhas, os orixás.

**Ana Cláudia Holanda:** Os orixás, suas ferramentas, seus cantos, suas apresentações na natureza.

**Francisco Freitas:** É porque o simbólico, há essa diferença talvez para a matriz africana, que é mais ligada à matéria, em que um simbólico, tudo bem, tem as imagens, mas no cristianismo tem a coisa da proibição. O evangélico tem uma iconoclastia, só que ainda assim, esses poucos elementos que restam, por exemplo, a Cruz para representar o que é um cristianismo, que prescinda depois do catolicismo dessas imagens, ainda assim é totalmente diferente você acessar essas divindades a partir de uma planta, por exemplo.

**Ana Cláudia Holanda:** Totalmente diferente.

**Francisco Freitas:** Aquela planta, isso não é simbólico da mesma forma que, sei lá, a hóstia. Em termos aí da relação com a matéria.

**Ana Cláudia Holanda:** É uma pergunta, não é? Eu acho que a questão da hóstia é mais a questão da tradição, né? Eu acho que tem uma institucionalização, uma repetição. E eu acho que as igrejas evangélicas, elas meio que se colocam como um pouco mais independentes, um pouco mais subversivas, um pouco menos...

**Francisco Freitas:** Ainda mais iconoclastas, né?

**Ana Cláudia Holanda:** Mais iconoclasta, certamente mais iconoclasta, mas supostamente menos hegemônica, mas eu acho que isso vai se perdendo.

**Francisco Freitas:** Nos seus elementos e ritos.

**Ana Cláudia Holanda:** Nos seus elementos e ritos, mas eu acho que a igreja evangélica está cada vez mais sendo justamente hegemônica por outros caminhos, mas nessa ideia de pastoral, nessa ideia de evangelização do poder do império.

**Francisco Freitas:** Mas pensando numa relação com o simbólico que traz, né? A religião imaginária. E aí acessar essa outra espiritualidade, que é outra relação com a matéria, né? Ainda assim, com todos esses símbolos, outros, o machado, o arco e flecha.

**Ana Cláudia Holanda:** Os espelhos.

**Francisco Freitas:** Inclusive, você que joga muito tarô e usa todos esses outros elementos, eu fiquei pensando uma vez sobre o oráculo, sobre essas consultas oraculares. Na minha igreja tinha uma consulta à Bíblia. Se você tinha uma dúvida, se queria saber alguma coisa, você abria

a Bíblia aleatoriamente, apontava o dedo e lia o primeiro versículo que aparecia. Isso era uma prática oracular nos atendimentos. O atendimento, aí, às vezes, tinha dom espiritual ou não, alguém, tipo, incorporava ali, né? Se não, sempre tinha a consulta à Bíblia, “oh, Deus tem isso a dizer pra você”. Aí, dependendo, minha filha, podia ser lenha [sic], tipo, quando você caía em Jeremias, era lamento, né? Mas às vezes quando caía em um Salmo era uma beleza, ou seja, eu fiquei pensando no elemento oracular presente quando você consulta quase que um tarô, uns búzios, alguma coisa e enfim, mas é outro código; você passa pelo tarô, você passa pela astrologia, tem a Bíblia, são diferentes códigos. O *I-ching*,<sup>50</sup> por exemplo, você aprende ali uma gramática, uma interpretação, enfim, uma criação.

**Ana Cláudia Holanda:** Vamos fazer esse oráculo?

**Francisco Freitas:** Qual? Qual deles?

**Ana Cláudia Holanda:** O bíblico, tenho uma Bíblia aqui.

**Francisco Freitas:** Vou profetizar agora na sua vida.

**Ana Cláudia Holanda:** Vou abrir aqui uma página qualquer da Bíblia, vou tentar abrir um Novo Testamento (risadas).

**Francisco Freitas:** Bom, boas novas.

**Ana Cláudia Holanda:** “Os discípulos, sal da terra. O sal é certamente bom, caso, porém, se torne insípido. Como lhe restaurar o sabor? Nem presta para a terra, nem mesmo para o monturo. Lança-os fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. Jesus recebe pecadores. Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir, e murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: este recebe pecadores e come com eles. A parábola da ovelha

---

<sup>50</sup> O *i-ching* é um livro de filosofia chinês amplamente utilizado como oráculo.

perdida. Então lhes propôs Jesus esta parábola, qual dentre vós é o homem que possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai buscar da que se perdeu até encontrá-la? Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes, alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. Digo-lhes assim: haverá mais júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lucas, 14:34-15:7). E é do evangelho de Lucas, né? Que é considerado um dos mais doces e amorosos.

**Francisco Freitas:** É a metáfora, a parábola da ovelha perdida.

**Ana Cláudia Holanda:** Justamente. Que bom que saiu uma parábola.

**Francisco Freitas:** O que você interpreta?

**Ana Cláudia Holanda:** É engraçado porque na qualificação, a Verônica enfatizou muito uma ideia que aparecia dentro da tese com relação ao perdão. Fiquei muito tomada com essa pergunta que ela fez. “O que que é esse desejo de perdão? Esse pedido de perdão? Esse desejo de ser perdoada?”, e aqui, justamente, é sobre arrependimento. Arrependimento, perdão, reparação, retorno.

**Francisco Freitas:** E eu ia pegar outro elemento disso aí, que é, na verdade, o pecado. Onde não há pecado, não há perdão.

**Ana Cláudia Holanda:** Justamente. E ao mesmo tempo tem esse pedaço interessante que fala: “[...] aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam os fariseus e os escribas dizendo este recebe pecadores e come com eles” (Lucas, 15:1-7). Ou seja, a figura de Jesus, na verdade, já carrega uma certa subversão dessa ideia. Os fariseus, que eram os detentores da lei, os cuidadores da lei, eles julgavam.

**Francisco Freitas:** Os juízes. Que diziam que você está pecando. Essa transição é da lei para o amor.

**Ana Cláudia Holanda:** Da lei para o amor...

**Francisco Freitas:** Vamos focar no pecado. Acho que essa noção é fundamental do judaico-cristianismo. A noção de pecado original, que para mim é o fundamento que não se sustenta mais, acreditar no pecado. Isso vai para outros lugares. Claro, tem a lei do Estado, tem a noção de outros lugares que isso é o nosso Estado, toda a nossa subjetividade é cristã também, inevitavelmente. Mas é uma luta constante contra o pecado. Contra a noção de pecado, impregnado. Pecado e culpa ou perdão, esse ciclo.

**Ana Cláudia Holanda:** Esse ciclo infernal, né? Nesse sentido, eu achei a pergunta da Verônica muito boa porque eu acho que tem um risco aí, um risco que a gente trabalha muito dentro da psicanálise, como chama? O ciclo infernal da demanda. E esse ciclo que você descreve também pode cair aí.

**Francisco Freitas:** É, porque aí inclui o sacrifício.

**Ana Cláudia Holanda:** Sacrifício, como é que é? Sacrifício... Pecado.

**Francisco Freitas:** Pecado, culpa, perdão. E o sacrifício que é o que permite o perdão.

**Ana Cláudia Holanda:** Então eu acho que...

**Francisco Freitas:** Pequei, me sacrifiquei, aí eu tenho perdão.

**Ana Cláudia Holanda:** Acho que tem uma dimensão desse perdão que eu busco na tese, que tem uma dimensão mais de libertação, mas eu acho que ele resvala nesse ciclo infernal, nesse

circuito infernal da demanda. Que é você acabar entrando de novo numa dimensão de submissão, de culpa.

**Francisco Freitas:** Pecado, culpa, sacrifício, perdão. Você já não é seu pecador, já é o que você está fazendo. Isso é muito doido porque aí o quanto que isso entra nas primeiras experiências sexuais, mesmo agora, depois de tanto tempo; você vai ter suas primeiras experiências com mulheres, o quanto que a noção de pecado, perdão também não atravessa.

**Ana Cláudia Holanda:** Ainda mais em um contexto no qual eu tenho a minha primeira relação com uma mulher quando ainda estou numa relação. Então... Assim... A minha primeira relação com uma mulher foi uma traição. Já vem de alguma maneira carregada e aí depois eu me relaciono com outras pessoas e depois volto a me relacionar com outra mulher na posição que eu estava antes. É uma mulher casada. Então, sei lá, tem essa reiteração sempre de algum tipo de crime. De algum tipo de subversão, de contravenção. Acaba circulando por aí, né?

**Francisco Freitas:** Tem algum pecado, tem algum...

**Ana Cláudia Holanda:** Sempre tem um pecado envolvido. Ai, que bom. Ai, que gostoso. Ai, que delícia.

**Francisco Freitas:** Você diz que na sua experiência com a religião, viveu também repressões com relação a elementos de outras fés, principalmente a fé negra. Havia proibições relacionadas a falar com os mortos que escondiam elementos de racismo religioso, cresceu também com medo de falar com pessoas ou frequentar espaços de outras religiões. Como foi isso para você? você também viu essas experiências?

**Ana Cláudia Holanda:** Eu cresci nessa família evangélica, mas também com uma relação muito forte com a minha avó materna, que era espírita. A minha avó paterna também era espírita, era uma pessoa muito espiritualizada, intelectual e tudo, mas era uma pessoa que eu convivia menos. A minha avó materna eu convivia muito. E a minha avó materna é espírita. De

fato, a crença religiosa... Claro, ela tem uma certa dimensão de catolicismo, mas ela é muito espírita. Ela vai na mesa branca e tal. Tinha um centro espírita do lado da casa dela, que ela sempre frequentava. Tinha uma dimensão que era muito interessante: os meus pais eram evangélicos, a minha avó era espírita, a minha mãe era igualmente ligada no meu pai e na minha avó. Então, tinha algumas experiências que eu vivia com a minha avó, que ela colocava de forma muito direta, assim: “Não conte isso para o seu pai”. Tinha essa dimensão que me interessava de desobediência com relação ao patriarcado. Claro, eu fui uma pessoa totalmente conservadora e patriarcal também, mas que tinha esse traço de desobediência. Então, no primeiro jogo de cartas que eu fui na minha vida, a primeira taróloga que eu conheci foi uma que a minha avó me apresentou. Uma tia minha que mora em Minas Gerais estava em Fortaleza, e aí nessa época eu tinha tirado a carteira de motorista há pouco tempo, então eu ficava levando a minha avó e a minha tia nos lugares. Aí ela me pediu para levar elas nessa taróloga. Eu as levei e elas fizeram as consultas, fizeram as perguntas delas lá. E eu fiquei interessadíssima, assim, fiquei com esse contato dessa taróloga. Eventualmente, depois fui lá fazer uma consulta, que foi uma consulta super, assim, meu Deus, emocionante. E tinha sempre essa advertência: “Não fale para o seu pai, não conte que a gente veio aqui”. A minha mãe também fazia isso. “Não fale isso pro seu pai”. A gente uma vez foi num irmão que era meio profeta e tal. E tinha essa advertência: “Não fale isso pro seu pai”. Então, era curioso porque justamente assim tinha essa dimensão do certo e do errado demarcado ali pela figura do meu pai. Tinha esse contato com o espiritismo e ao mesmo tempo tinha essa fala dentro da igreja, de condenação. Espiritismo era satanismo. Religião de matriz africana era magia negra, satanismo. Ou seja, tudo isso era meio que colocado numa coisa só. E de forma muito direta. Então, assim, houve um apagamento da cultura negra, da religiosidade negra. E essa dimensão destrutiva do monoteísmo, justamente de se opor a outras práticas religiosas, enquanto elas poderiam simplesmente conviver, como acontece na Umbanda, em muitas outras religiões brasileiras. Então, certamente houve na minha criação... Claro, existe esse lugar de experiência mais difuso, mas ao nível do discurso, isso era colocar de maneira muito clara. O que é que pode, o que é que não pode, o que é que Deus gosta, o que é que Deus não gosta, o que é que Deus aceita, o que é que Deus não aceita. Era colocado de maneira muito direta.

**Francisco Freitas:** E o que Ele não aceita, tem que destruir.

**Ana Cláudia Holanda:** E o que Ele não aceita, tem que ser eliminado.

**Francisco Freitas:** Desde revista em quadrinho, tudo tem o dedo do demônio, né?

**Ana Cláudia Holanda:** Exatamente.

**Francisco Freitas:** Não só as outras religiões, isso é impressionante. Eles criam um mundo muito fechado. De ódio mesmo. E o mal está ali da porta, nem está da porta para fora, né? Está andando a sua cabeça, já era.

**Ana Cláudia Holanda:** Exatamente.

**Francisco Freitas:** É um policiamento disso.

**Ana Cláudia Holanda:** E um Deus um pouco paranoico, assim, né? Que tudo vê. Diante de quem nada passa.

**Francisco Freitas:** Você pode estar sozinho imaginando alguma coisa...

**Ana Cláudia Holanda:** Deus está vendo.

**Francisco Freitas:** E qual a sua religiosidade hoje? Você tem alguma fé? Prática alguma religião? Vive alguma experiência espiritual?

**Ana Cláudia Holanda:** Bem. Eu atualmente frequento muitos terreiros de Umbanda e de Candomblé. Visito alguns, não fiz nenhum tipo de iniciação, mas tenho curiosidade. Eu fiz alguns jogos de búzios e tenho essa relação muito forte com o tarô, que tem uma certa ligação com a Umbanda, à medida que existe dentro da Umbanda a incorporação dos ciganos e tudo mais. Então, eu falo que eu sou cristã não monoteísta, que eu tenho uma certa relação com o

cristianismo, com a figura de Jesus, mas também tenho essa relação com essas outras possibilidades espirituais. Então, eu não sei se eu tenho uma religião específica, mas eu certamente frequento atualmente muito mais esses espaços da religião de matriz africana do que quaisquer outros.

**Francisco Freitas:** Você sentiu a necessidade de um afastamento mais radical, como um ateísmo, por exemplo?

**Ana Cláudia Holanda:** Eu vivi um ateísmo. Quando eu saio da religião aos vinte e poucos anos, eu entro num processo de negação. E é mais ou menos na mesma época também que eu começo essa minha relação, que eu vivi até pouco tempo atrás, essa relação super longa, e é muito curioso às vezes porque muitas conversas que eu tive com o meu ex-companheiro, ele falava assim: “Ah, quando eu te conheci você ainda era evangélica, acreditava em Deus e tudo mais, e aos poucos é que você foi transformando”. É interessante ter esse testemunho assim, né, porque de fato, eu acredito que mesmo eu tendo saído da religião, eu fui muitos anos “crente”. Eu acreditava em Deus, eu tinha medo de Deus, eu temia Deus. E aí depois de muitos anos eu comecei a me abrir para outras possibilidades religiosas, muito lentamente e com muito medo.

**Francisco Freitas:** Você tem a prática de orar?

**Ana Cláudia Holanda:** Nos últimos anos, eu desenvolvi muito mais uma prática de acender velas. Eu comprava várias velas para todos os orixás e entidades e tal. E aí eu fazia uma coisa que era o oráculo-vela. Eu punha todas elas, quer dizer, na verdade na loja de umbanda que eu frequentava, eles punham num papel pardo. Eu tirava a vela e via quem era o orixá a quem eu ofereceria aquela vela e aí durante alguns anos eu desenvolvi essa prática. Eu acendia vela todos os dias, ou quase todos os dias para os orixás, e para as entidades e tal, e desde que eu me mudei de casa, essa prática religiosa ainda está meio que se refazendo. Eu montei o altar, já acendi algumas velas ali para o anjo da guarda, para os orixás e tudo mais. Mas não com a mesma frequência. Esses últimos dias, andei bastante angustiada com esse processo de mudança (de casa). Ontem e hoje me peguei rezando.

**Francisco Freitas:** Você falou que voltando aqui de acender lá, você veio cantando. E rezando, sentindo um Deus nos dias mais angustiados.

**Ana Cláudia Holanda:** Exatamente.

**Francisco Freitas:** No modo um pouco daquela conversa interior, você gostaria de mandar alguma mensagem para quem vive ou pratica religiões onde a dimensão do medo e da repressão são uma via prioritária? Religiões onde as práticas morais são mais importantes que as práticas espirituais.

**Ana Cláudia Holanda:** Com certeza.

**Francisco Freitas:** Manda um recado.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu acho que essa tese é esse recado, né? Acho que o desenvolvimento dessa tese tem como objetivo, acima de tudo, dar esse recado. É assim: outras pessoas também vivem esse problema, outras pessoas também têm essas perguntas, outras pessoas têm suas próprias dúvidas, então vamos nos juntar e nos perguntar, juntos, e se interessar por isso e ver no que a gente acredita. Acho que talvez de forma mais direta, o que eu diria para essas pessoas é: confie mais na sua intuição do que no que as pessoas estão te dizendo. Acho que talvez essa seja uma das práticas espirituais mais simples e mais complexas. Como é que você ouve a sua própria voz interior, as perguntas, a sua intuição, mais do que o que as pessoas estão dizendo que é certo e errado? Porque, enfim, assim como tudo, a religião também, a espiritualidade vai se transformando, né? E na minha leitura, assim, na minha perspectiva, principalmente a partir dessas perguntas. Então, se pergunte. Tenha dúvidas. Confie nas suas dúvidas.

**Francisco Freitas:** Principalmente sobre a repressão, né? Que é um medo. Talvez poder falar sobre o medo. Que é o que você também fez aí como exercício de exorcismo.

**Ana Cláudia Holanda:** Sim.

**Francisco Freitas:** Por fim, gostaria de te pedir para você abençoar essa pesquisa e seus desenvolvimentos. Eu coloquei no início também, mas é bom para...

**Ana Cláudia Holanda:** Vou fazer uma bênção agora. Na última entrevista que eu fiz, com Caio Pacela, ele fez uma bênção no sentido mais próximo do que eu de fato estava procurando. Que é uma bênção dentro do estilo evangélico. Acho que eu vou tentar fazer um pouco parecido com o que ele fez. Uma oração. Como eu aprendi a fazer, né? Então: Meu Deus, estamos reunidos aqui, Francisco e eu, em Seu nome, pra nos aproximar de você, para aprender com você, para viver essa comunhão e essa fé de que essa comunhão acontece com a sua presença, com a sua intervenção divina. Te pedir que essa pesquisa possa alcançar os seus objetivos, que ela possa tocar o coração das pessoas e sensibilizar as pessoas para a Tua mensagem verdadeira, que ela possa se revelar no coração, no íntimo das pessoas e tocar ao nível da emoção, do afeto e com isso reviver essa fé, atualizar essa fé e toda essa potência. Que essa pesquisa seja veículo dessa possibilidade e que ela possa ser ouvida pelas pessoas, lida, compreendida e que, a partir disso, ela possa se desdobrar em outros desenvolvimentos e cumprir suas propostas acadêmicas e espirituais.

**Francisco Freitas:** Axé, shalom, amém, Jesus e todos os outros seres elementares. Amém, Axé.

**Ana Cláudia Holanda:** Axé.

**Francisco Freitas:** Agradeço a sua participação e te informo do desenvolvimento da pesquisa para o seu conhecimento (risadas).

## 15 DIÁRIO SOBRE O MEDO E O RENASCIMENTO

Por volta dos 10 anos de idade, tive contato pela primeira vez com os vídeos do pastor Josué Yrion.<sup>51</sup> Não era fácil ter acesso a essas fitas VHS, mas por intermédio de um tio também evangélico que nos emprestou, pudemos assistir ao pastor, um homem alto e charmoso que dizia aos fiéis sobre os enormes riscos envolvidos no contato dos jovens evangélicos com o satanismo nos vídeos da Disney. Apesar de gaúcho, ele citava com seu sotaque estrangeiro muitos dos filmes famosos da empresa americana e, em cada um deles, encontrava indícios do plano perverso de incutir no imaginário das crianças e adolescentes ideias sobre sexo e sobre pornografia. No filme *A pequena sereia*, ele apontava a forma de um pênis no meio das torres do castelo. Na imagem ampliada, possivelmente adulterada, a visão do membro masculino era inequívoca. Além disso, ele fazia questão de lembrar que na cena do beijo entre Ariel e seu príncipe encantado, havia um grupo jamaicano que cantava ao fundo e, na sua visão, entoava “palavras africanas” para amaldiçoar as crianças que estavam assistindo. Havia também o momento em que, em uma frase muito condensada, o personagem Aladdin, do filme homônimo, dizia às crianças: “Crianças boas e adolescentes, tirem suas roupas”, ao que ele atribuía o fato de muitos pais terem flagrado seus filhos pelados enquanto assistiam às produções do estúdio americano.

Ele citava exemplos em quase todos os filmes lançados até aquele momento. Semanas depois, quando fui visitar uma prima que tinha todos os VHS de que havíamos ouvido falar, nos dedicamos a fazer a contraprova. Logicamente, entre crianças e adolescentes e munidos da tecnologia mais limitada, o efeito sobre o medo era mínimo. As ideias paranoicas e um tanto pedófilas do pastor começaram um movimento de investigação sobre o satanismo na minha família que levou em última instância à instauração de uma fogueira santa onde seriam queimados livros, revistas e discos que não haviam passado na fiscalização do Senhor. Havia uma enorme coleção de mais de duzentas revistas da *Turma da Mônica*, cuja profissão de fé espírita do autor, Maurício de Souza, e as histórias da *Turma do Penadinho* – onde o próprio diabo aparecia com frequência – haviam tornado difícil a defesa. Além disso, havia discos do Nirvana e outras bandas de Rock e algumas revistinhas do Batman e do Homem-Aranha que meu irmão mais velho começara a colecionar. O suicídio de Kurt Cobain havia levado à condenação das músicas da banda grunge e os chifres do Batman não facilitavam sua redenção.

---

<sup>51</sup> YRION, J. Satanismo e Disney - Pastor Josue Yrion. Youtube, 29 nov. 2006. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Wud5vSIQ0I](https://www.youtube.com/watch?v=_Wud5vSIQ0I). Acesso em 14 de outubro de 2020.

Meu pai acendeu a churrasqueira que tínhamos em casa e juntos nos empenhamos na expiação pelo fogo daquelas maldições a que nos havíamos exposto. Houve, sem dúvida, um momento de gozo naquela destruição. Apaixonados pela ideia da fé no deus vulcânico Jeová, nós jogávamos as revistinhas uma a uma no fogo e assistíamos as labaredas subirem e consumirem os papéis. Ao final, fomos dormir consolados pelo esforço cristão de entrega. Eu e meu irmão mais novo despertamos normalmente no dia seguinte e seguimos nossas vidas infantis. Eventualmente, sentimos falta das revistinhas que nos haviam ajudado a começar a ler e que muitas vezes faziam companhia no tédio das tardes após a conclusão das tarefas escolares, mas isso não era muito grave diante de termos nos esmerado em nossa tarefa religiosa. Meu irmão mais velho sentiu mais duramente o preço da fé. Para ele, o hábito da leitura já havia evoluído para gostos mais pessoais e, por isso, ele não estava tão confortável quanto nós em se desfazer de sua pequena coleção de quadrinhos. No outro dia, ele despertou deprimido e, a partir daquele momento, sua confiança em nosso pai se transformou em medo.

## 16 ANEXO – ENTREVISTAS POR E-MAIL<sup>52</sup>

### 16.1 Isadora Ravena

Entrevista em 18 de junho de 2023.<sup>53</sup>

Isadora Ravena é travesti, artista multilinguagem, professora, crítica e curadora. É doutoranda em Artes pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde investiga metodologias travestis da criação e recepção estética, mestra em Artes e Graduada em Teatro pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Integra o Grupo de Pesquisa Pedagogias da Performance: Visualidades da Cena e Tecnologias Críticas do Corpo - CNPq/CAPES.

**Ana Cláudia Holanda:** Querida, Isadora. Agradeço o seu aceite ao meu convite para contar um pouco das suas memórias sobre os efeitos da experiência de ter sido evangélica em um momento de sua vida. Gostaria de começar a entrevista com a pergunta: o que é Deus para você?

**Isadora Ravena:** Deus não é. Deus me parece estar sempre em transmutação. Me tem sido uma força de presença ligada à plenitude, portanto, sempre incapturável. Sinto, talvez por herança de pensamento, que às vezes estou mais perto e às vezes mais distante de Deus. Sinto que é possível e necessário convocar essa presença em minha vida e ao mesmo tempo sinto que ela é sempre fugitiva. Nunca encontro Deus porque quando estou à beira de encontrá-lo, essa força já se transmutou. Um devir para sempre?

**Ana Cláudia Holanda:** Você pode contar um pouco de como foi a sua trajetória nessa fé? Quando você se tornou evangélica, que igrejas você frequentou e com que idade você decidiu se afastar da igreja e da religião?

**Isadora Ravena:** A minha família foi responsável pela fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia no interior do Ceará, onde nasci e cresci. Desde muito novinha eu ia à igreja

---

<sup>52</sup> Quando foi possível, fiz as entrevistas pessoalmente. Contudo, essas duas entrevistas foram realizadas por e-mail e, por isso, destoaram das restantes. De toda forma, trazem informações relevantes e estão mantidas como anexo.

<sup>53</sup> RAVENA, I. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. São Paulo, 18 jun. 2023.

acompanhada de meus tios e de minha avó. Minha mãe nunca foi da igreja e, por vezes, debochava de mim, pois dizia não gostar de crente. Me batizei aos 8 anos de idade. Com 15 anos estudei em um Colégio Adventista, aos 16, entrei na universidade e fui aos poucos saindo da igreja. Lembro de já na universidade ter frequentado um grupo de jovens adventistas.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu lembro exatamente o dia em que decidi não frequentar mais a igreja. Meus irmãos e eu já havíamos transitado em muitas Igrejas e sempre saíamos quando percebíamos alguma dificuldade de nos adaptar. Por fim, chegamos a uma nova congregação e lá ouvimos do pastor na época que era responsabilidade dos pais rasgar os ingressos do Ceará Music (festival de música que acontecia anualmente em Fortaleza) de seus filhos. Na mesma hora, a menção da violência e repressão que nós também vivíamos em casa tornou insustentável a nossa permanência ali. Olhamos uns para os outros e concluímos: “Vamos embora agora?” Saímos no meio do culto e nunca mais voltamos. Você também deixou a religião? Pode contar um pouco sobre como foi essa decisão?

**Isadora Ravena:** Não sei se tomei uma decisão clara de me afastar, não lembro se tomei a decisão de forma tão pontual e decisiva. Lembro que aos poucos fui percebendo diversas críticas ao meu estilo de vida, lembro que quando comecei a usar saia, meus colegas me retiraram do grupo de Facebook de adventistas universitários.

**Ana Cláudia Holanda:** Minha experiência na religião foi muito marcada por medos e repressão, muitas vezes da minha sexualidade. Você reconhece algum medo que a experiência da religião evangélica deixou em você? Quais desses medos você considera superados? Quais ainda estão presentes na sua vida?

**Isadora Ravena:** Fui perseguida muitos anos por um medo de não salvação. Medo do Inferno. Medo de condenação. Desses medos acredito ter me desfeito. Sinto às vezes que rola um lance de culpa.

**Ana Cláudia Holanda:** James Baldwin foi um romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico social estadunidense. Seu primeiro romance, *Se o disseres na montanha* (1953), conta a história de John, um garoto negro que lida com a experiência ambígua de repressão e embranquecimento ao viver uma religião baseada no cristianismo e, ao mesmo tempo, de encontrar apoio, ferramentas sociais e intelectuais nessa comunidade cristã negra. Ele também

aborda o assunto em “Uma carta de um lugar de minha mente”, de 1962, onde relata sua experiência com a fé. Eventualmente, Baldwin também abandonou a religião, que era incompatível com muitas de suas escolhas pessoais, entre elas, a de viver de maneira aberta sua sexualidade. Quando você olha para a sua experiência na religião, você reconhece lugares de aprendizado? Você levou algum ensinamento daquela época para a sua vida posterior?

**Isadora Ravena:** Muitos aprendizados: a igreja me ajudou a conversar com as pessoas, a organizar minha fala de modo a tocar o outro (algo que me parece ser interessante para uma artista da cena). Aprendi a me interessar pelos problemas das pessoas e principalmente a cuidar do outro. Não sei se isso foi a Igreja e sua doutrina que me ensinou, mas minha experiência lá me ajudou a desenvolver essas habilidades. Nem sempre as pratico.

**Ana Cláudia Holanda:** Assim como Baldwin, sua saída da religião teve alguma relação com a impossibilidade de conciliar essas contradições?

**Isadora Ravena:** Sim. Eu sinto alguns dias uma certa sensação de raiva e tristeza por não poder frequentar os cultos. Ser travesti e religiosa me é uma contradição cruel e mortificante.

**Ana Cláudia Holanda:** Você ainda se relaciona com algum ícone da religião ou elemento simbólico? O que significam para você a figura de Jesus, a Bíblia, a Cruz?

**Isadora Ravena:** Ano passado decidi voltar a fazer meditações matinais com capítulos da Bíblia junto ao meu ex-companheiro. Eu estava em um contexto de um relacionamento cis heteronormativo e abusivo, não sei se isso tem uma relação óbvia.

A música que mais admiro até hoje é a música religiosa, os cantores que eu mais gosto são cantores de música religiosa.

**Ana Cláudia Holanda:** Na minha experiência com a religião, vivi também repressões com relação a elementos de outras fés, principalmente a fé negra. Havia proibições relacionadas a falar com os mortos que escondiam elementos de racismo religioso. Cresci também com medo de falar com pessoas, ou frequentar espaços de outras religiões. Como foi isso para você? Você também viveu experiências semelhantes?

**Isadora Ravena:** Com certeza, uma demonização constante de tudo aquilo que excedia o domínio teológico advindo da cúpula ideológica da Igreja. Vivi, na igreja, considerando tudo aquilo que pertencia a outras religiões como coisas diabólicas ou distrações de um caminho espiritual correto.

**Ana Cláudia Holanda:** Qual a sua religiosidade hoje? Você tem alguma fé? Pratica alguma religião? Vive alguma experiência espiritual?

**Isadora Ravena:** Frequento terreiros de umbanda uma vez na vida. Sinto muita vontade de viver experiências espirituais de forma consciente e elaboradas num plano sensível, mas sempre acabo deixando isso de lado.

**Ana Cláudia Holanda:** Você sentiu a necessidade de um afastamento mais radical, como um ateísmo, por exemplo?

**Isadora Ravena:** Sim, um tempo depois de me ver fora da igreja, me senti tomada de uma força que hoje considero rebelde e adolescente, um negacionismo e um ódio bem doidos, mas acho que foi necessário passar por essa fase pra conseguir me fabricar enquanto travesti.

**Ana Cláudia Holanda:** Você tem a prática de orar? Rezar?

**Isadora Ravena:** Eu rezo algumas rezas que conheço. E quando oro, acendo velas para as travestis que me antecederam, para que abram meus caminhos e me protejam.

**Ana Cláudia Holanda:** Você gostaria de mandar alguma mensagem para quem vive ou pratica religiões onde a dimensão do medo e da repressão são uma via prioritária? Religiões onde as práticas morais são mais importantes que as práticas espirituais?

**Isadora Ravena:** Eu desejo que o amor seja sempre um guia, que brilhe sobre a Terra a beleza da diferença, que cuidar importe mais, que lutem contra a desigualdade, desejo que abandonem os esconderijos de uma linguagem teológica que produz aniquilação.

**Ana Cláudia Holanda:** Por fim, gostaria de te pedir para você abençoar esta pesquisa e os seus desenvolvimentos.

**Isadora Ravena:** Que todas as travestis que me antecederam, que tiveram seus corpos aniquilados, mortificados, patologizados, renegados, marginalizados... que toda a beleza e a graça de ser travesti apesar do mundo... possa abençoar a Claudinha dos lindos olhos. Que sua pesquisa seja cheia de amor como foi nosso encontro!

**Ana Cláudia Holanda:** Isadora, agradeço a sua participação. Te informo dos desenvolvimentos da pesquisa para o seu conhecimento.

## 16.2 Leandro Souza

Entrevista em 21 de junho de 2023.<sup>54</sup>

Leandro Souza é artista da dança, Mestre em Artes da Cena e Bacharel em dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sua produção se estrutura de modo independente na cidade de São Paulo. Seus trabalhos resultam de processos emaranhados de fazer, ver e pensar arte, do trânsito por diferentes linguagens e saberes, da investigação de abordagens pouco usuais de movimento e da elaboração de procedimentos de criação e pesquisa coreográficas. Deslocar o entendimento estabelecido a respeito de dança e testar os limites da ação de corpos racializados e subalternizados nesse campo de produção da arte são os eixos que fundamentam sua trajetória. Dentre seus trabalhos, destacam-se: *A Gente é Sutil, Vocês são Explícitos* (2022), criado com o apoio do Edital de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo. *Eles Fazem Dança Contemporânea* (2019), contemplado pelo edital ProAC (2018), apresentado na Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp) e selecionado para integrar a programação da exposição Histórias da Dança no Museu de Arte de São Paulo (MASP). *Sismos e Volts* (2018), solo de dança contemplado com o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) na categoria Interpretação, apresentado na Bienal SESC de Dança, no Encuentro Internacional de Arte Escénico Contemporâneo (EINCE), no México e no Festival Contemporâneo de São Paulo.

---

<sup>54</sup> SOUZA, L. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. São Paulo, 21 jun. 2023.

**Ana Cláudia Holanda:** Querido Leandro. Agradeço a sua apreciação ao meu convite para contar um pouco das suas memórias sobre os efeitos da experiência de ter sido evangélico em um momento de sua vida. Gostaria de começar a entrevista com a pergunta: o que é Deus para você?

**Leandro Souza:** Eu vou começar a responder esta pergunta refletindo pela própria noção de “Deus”, essa palavra, um nome ocidental, que contém em si mesmo um conjunto de percepções pré-estabelecidas. Um nome que marca um gênero, o masculino. Apesar de que tal entidade não devesse, em minha opinião, ter uma representação imagética, sabemos muito bem que no imaginário ocidental eurocêntrico, essa divindade tem sido representada como a figura de um homem branco, a exemplo do que se mostra nas pinturas da Renascença italiana. Possivelmente, na concepção católica, a imagem de Deus se funde a de seu filho Jesus, sendo que, embora este, historicamente, tenha sido um ser não branco, sua figura tem sido constantemente embranquecida nas pinturas, fotografias e até mesmo no cinema da cultura ocidental. Então, creio que essa relação na crença católica nos leva novamente ao problema da representação/imaginário masculino e branco do que o ocidente concebe como Deus. De certo, hoje há movimentos de contraposição que o/a/e representa como, por exemplo, mulher, negra ou branca e assim por diante. Mas na tradição ocidental ainda predomina a personificação pela figura do homem branco de fisionomia Europeia. Também, tais contraposições podem ser questionadas a partir de uma crítica a tendência que nós humanos temos de personificar tal divindade como um ser humano concebido no interior de um regime de produção de sexo e gênero binário. Entretanto, se na literatura religiosa “o Homem” foi criado à imagem e semelhança de Deus, tal representação de sua personificação é compreensível.

Particularmente, Deus não tem sido uma preocupação para mim. Talvez eu devesse voltar a dar importância a essa entidade, uma vez que eu me considero uma pessoa profundamente atenta aos eventos históricos, com suas complexas interações sociais, econômicas, políticas, culturais, do qual todas e todos nós fazemos parte. Especialmente, diante dos conflitos que hoje presenciamos, como no caso de Israel e a Palestina e como a religião e a figura de Deus ganha renovados contornos. Mas objetivamente eu não tenho como dizer o que Deus é para mim, em termos existenciais, porque tal dimensão religiosa não faz mais sentido para mim; me ocupar desse nível de abstração.

Agora, de certo, diante de tudo em que estamos mergulhados, eu não vejo separabilidade entre nós humanos e o ecossistema que se desenvolveu neste planeta. Nem tampouco consigo ignorar o fato que nós habitamos uma pequena esfera rochosa que orbita em torno de um imenso globo

que emite uma energia de radiação de tão grande magnitude, que é o sol, e que estamos neste planeta, que faz parte de um sistema de planetas específicos, que, por sua vez, faz parte de uma galáxia composta de outros sistemas mais e menos parecidos com o nosso e que esse universo, repleto dessa matéria escura, é povoada de outras galáxias. Tudo é tão imenso que para mim não faz sentido pensar que somos a centralidade do universo. Então, talvez Deus ou como as pessoas queiram chamar, seja uma forma de dar sentido a nossa existência neste planeta, de não nos sentirmos tão desamparados ou sem propósito.

**Ana Cláudia Holanda:** Você pode contar um pouco de como foi a sua trajetória nessa fé? Quando você se tornou evangélico, que igrejas você frequentou e com que idade você decidiu se afastar da igreja e da religião?

**Leandro Souza:** Eu começo por responder a essa pergunta dizendo que eu nunca me tornei evangélico. Eu nasci de uma mulher que professava essa religião. Então, conseqüentemente, eu fui levado a frequentar os cultos, as escolas dominicais, apenas seguindo o fluxo. Em nenhum momento dos anos em que estive frequentando a igreja me senti “evangélico” – o que quer que isso queira dizer – por exemplo, eu não cheguei a ser batizado como evangélico. Foi um dos espaços de socialização que tive quando era criança. Acredito que frequentei pelo menos duas igrejas diferentes, mas apenas uma é mais viva em minha memória, uma que ainda existe e fica no Jardim Aurélia, em Campinas. Eu adorava frequentar a escola dominical porque era o lugar em que eu brincava, me divertia com as outras crianças, mas eu odiava quando tinha de ficar no culto com os adultos. Eu não conseguia absorver o discurso do pastor.

Eu me afasto concretamente da igreja com 11 para os 12 anos de idade, mesmo período em que minha mãe falece. Eu já não tinha interesse em continuar a frequentar a igreja nos últimos anos de vida da minha mãe, costumávamos a brigar, comigo não querendo ir ao culto e insistindo para que ela me permitisse assistir a certos programas na TV, proibidos pela igreja, como por exemplo, as novelas. A minha sexualidade já estava sinalizando sua direção. Foi na igreja que tive minha primeira paixão por um dos membros da igreja, uma paixão platônica por um homem mais velho. Quando minha mãe faleceu, algumas famílias da igreja estavam interessadas em ficar com a minha tutela. Nessa idade, eu já tinha o direito de decidir com quem eu queria ficar. Eu escolhi ficar sob a tutela da patroa da minha mãe naquela época, exatamente porque ela não era evangélica e intuía que eu não teria espaço para minha sexualidade aflorar. Para mim, a igreja tornou-se um lugar de muita castração, cheia de proibições e eu queria explorar o mundo.

**Ana Cláudia Holanda:** Eu lembro exatamente o dia em que decidi não frequentar mais a igreja. Meus irmãos e eu já havíamos transitado em muitas igrejas e sempre saíamos quando percebíamos alguma dificuldade de nos adaptar. Por fim, chegamos a uma nova congregação e lá ouvimos do pastor na época que era responsabilidade dos pais rasgar os ingressos do Ceará Music (festival de música que acontecia anualmente em Fortaleza) de seus filhos. Na mesma hora, a menção da violência e repressão que nós também vivíamos em casa tornou insustentável a nossa permanência ali. Olhamos uns para os outros e concluímos: “Vamos embora agora?” Saímos no meio do culto e nunca mais voltamos. Você também deixou a religião? Pode contar um pouco sobre como foi essa decisão?

**Leandro Souza:** Acho que respondi um pouco na pergunta anterior. Eu fui deixando a religião aos poucos até que com o falecimento de minha mãe, eu percebi uma possibilidade de definitivamente me desligar desses lugares e ideias. Eu acho que a castração nesses espaços é fator crucial na debandada de pessoas da igreja e religião evangélicas. Na minha época, qualquer coisa era tentação ou as forças do diabo agindo. Era para mim uma explicação muito limitada dos desejos, dos afetos, das relações entre as pessoas, dos conflitos. Tudo era baseado no medo e não na curiosidade, no interesse pelo mundo e tudo que nele acontece. Hoje, vendo de longe, olhando para as festas, ou esse processo de cristianizar comidas típicas de outras culturas religiosas, de músicas da cultura de massa, como o rock, o samba, o pop, etc. Para mim, tal movimento me parece uma estratégia de sobrevivência da crença evangélica (também uma estratégia de manutenção de poder, de continuidade de expansão colonial). A vida cotidiana, a vida que se desenrola no mundo, seja a vida cultural, política, econômica, social das organizações humanas, seja do ecossistema do planeta como um todo, é algo impossível de ser enquadrado e congelado em uma estrutura fixa infinita, porque é dinâmica e está em constante transformação.

Então eu decidi sair porque a religião evangélica não dava conta da minha vontade de experimentar, viver a vida naquilo que ela se mostra diante de mim.

**Ana Cláudia Holanda:** Minha experiência na religião foi muito marcada por medos e repressão, muitas vezes da minha sexualidade. Você reconhece algum medo que a experiência da religião evangélica deixou em você? Quais desses medos você considera superados? Quais ainda estão presentes na sua vida?

**Leandro Souza:** Eu não creio que tive tempo de absorver esse medo que pode vir da criação evangélica. A sexualidade foi um dos motivos de também me afastar da religião. Eu tinha desejo por outros rapazes e isso para mim era bom, eu não me sentia culpado, nada disso. Eu pensava o tempo todo: “Como posso viver isso?” Então, automaticamente, a resposta era que não seria possível frequentando a igreja. Os medos vieram das situações homofóbicas que enfrentei na adolescência e juventude, e se eu me restringia, evitando lugares, pessoas ou grupos, era para me proteger, nunca porque eu achava que era errado o que eu sentia ou como eu me comportava. Era a percepção de que aquelas pessoas, lugares e grupos não estão preparados, não podem ou não querem reconhecer que como eu tenho sido e vivido ou outras formas de vidas são possíveis e satisfatórias.

**Ana Cláudia Holanda:** James Baldwin foi um romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico social estadunidense. Seu primeiro romance, *Se o disseres na montanha* (1953), conta a história de John, um garoto negro que lida com a experiência ambígua de repressão e embranquecimento ao viver uma religião baseada no cristianismo e, ao mesmo tempo, de encontrar apoio, ferramentas sociais e intelectuais nessa comunidade cristã negra. Ele também aborda o assunto em “Uma carta de um lugar de minha mente”, de 1962, onde relata sua experiência com a fé. Eventualmente, Baldwin também abandonou a religião, que era incompatível com muitas de suas escolhas pessoais, entre elas, a de viver de maneira aberta sua sexualidade. Quando você olha para a sua experiência na religião, você reconhece lugares de aprendizado? Você levou algum ensinamento daquela época para a sua vida posterior?

**Leandro Souza:** Eu acho que aprendi muito com a religião, não em termos de algum preceito bíblico, mas de toda a experiência que relatei sobre meu distanciamento dessa esfera e aproximação com outras maneiras de ver, viver e perceber o mundo. Eu, de certa forma, não só fui me distanciando da religião evangélica, mas como da necessidade de professar uma religião. Depois de deixar a igreja eu me envolvi com a Rosa Cruz, a Cabala, a Numerologia, a Astrologia e depois fui e distanciando, me envolvendo com grupos ativistas de direitos LGBT, com as correntes políticas de esquerda, direita, liberais, socialistas e assim por diante. Depois entrei para a Universidade, mergulhando no mundo da arte e tendo contato com a filosofia, antropologia, sociologia, estudos de cultura e psicanálise. Então, aí sim, eu ampliei meu repertório a partir de me embrenhar pela vida e experimentar diversas visões de mundo. Até que eu entendi que professar uma religião, qualquer que seja, não é uma necessidade pra mim. O que me acompanha e que me parece presente na religião é: qual o sentido da vida? Por que

estamos aqui? Por que as coisas acontecem da forma como acontecem? Como chegamos ou o mundo chegou a ser o que é hoje? Para onde estamos indo? Enfim, essas questões podem ser respondidas em vários campos do saber.

**Ana Cláudia Holanda:** Assim como Baldwin, sua saída da religião teve alguma relação com a impossibilidade de conciliar essas contradições?

**Leandro Souza:** Com certeza! O modo como as religiões cristãs lidam com certas questões no mundo nunca foram satisfatórias para eu enfrentar e entender, por exemplo, o racismo antinegro no nosso país e definitivamente sempre foi, declaradamente, contra minha orientação sexual. Então, não faz sentido nenhum para ficar em um lugar no qual eu só posso existir em uma condição de submissão e onde sou constantemente punido e somente amado se eu abdicar de ser quem eu sou. Eu não acredito que nascemos “pecadores” e devemos viver uma vida de penitência. Pessoalmente, as crenças cristãs não me fortalecem, não me fazem sentir feliz e com capacidade de construir e colaborar com um mundo melhor.

**Ana Cláudia Holanda:** Você ainda se relaciona com algum ícone da religião ou elemento simbólico? O que significam para você a figura de Jesus, a Bíblia, a Cruz?

**Leandro Souza:** Eu me pauto mais pelos elementos concretos. Eu vejo a Bíblia como um documento histórico, político, social, cultural de determinados povos de uma região geográfica do mundo, que foi sendo e continua a ser utilizado por diferentes motivos, por grupos, indivíduos e governos ao longo do tempo para fins específicos. Eu tenho curiosidade pela Bíblia, enquanto documento histórico que moldou a cultura ocidental, então meu olhar é um olhar analítico, crítico, reflexível e não um conjunto de normas que eu deva seguir.

**Ana Cláudia Holanda:** Na minha experiência com a religião, vivi também repressões com relação a elementos de outras fés, principalmente a fé negra. Havia proibições relacionadas a falar com os mortos que escondiam elementos de racismo religioso. Cresci também com medo de falar com pessoas, ou frequentar espaços de outras religiões. Como foi isso para você? Você também viveu experiências semelhantes?

**Leandro Souza:** Eu deixei a religião evangélica exatamente porque eu queria experimentar o mundo. Eu deixei a igreja, quando minha mãe faleceu. Eu fiquei sob a tutela de uma pessoa que

navegava por outros campos religiosos e por isso a escolhi quando o juiz permitiu que eu poderia escolher com ficar. Quando eu deixei a igreja, eu fiz amizades com diferentes tipos de pessoas, com diferentes crenças. Pela dança, campo profissional que eu estudei na Universidade, eu pude me embrenhar pelos saberes do Candomblé, da Umbanda, das manifestações ligadas a crenças católicas, sem nenhuma restrição. Eu estou morando hoje na Europa. Em abril deste ano de 2023, eu visitei Bruxelas e entrei em uma igreja católica. Minha crítica às crenças cristãs não me impede de me aproximar, de observar, as vezes até de experimentar. Eu consigo entender os meus limites e os limites daquelas crenças. Eu sou capaz de admirar e me emocionar com certas cerimônias e espaços e de me opor ao exercício de poder de tais crenças em relação a outras formas de viver. Eu também tenho uma conexão estética muito forte com esses universos. Se há medo, e em alguma dimensão há, ele me ajuda entender até onde posso ir, como posso me precaver de alguma hostilidade ou eventualmente de um ataque brutal, mas não me paralisa, não me faz querer me fechar no meu mundo nem a querer a destruir os outros mundos.

**Ana Cláudia Holanda:** Qual a sua religiosidade hoje? Você tem alguma fé? Pratica alguma religião? Vive alguma experiência espiritual?

**Leandro Souza:** Eu não tenho religião. Eu sinto que minha espiritualidade permeia tudo o que faço. Espiritualidade no sentido de perceber que há um quadro maior da existência, da qual faço parte, para além do domínio de habilidades e conhecimentos práticos que possibilitam a vida material acontecer, mas que eu não consigo acessar. Aquilo que está fora do meu campo racional permeia minha arte, permeia os esforços de contribuir na construção de uma sociedade em que o maior número de vidas sejam possíveis de serem concebidas. Minha espiritualidade se materializa na solitude, na busca por silêncio, na reflexão e contemplação da vida, das pessoas, das relações, dos acontecimentos, das paisagens, no estranhamento de mim mesmo e de tudo a minha volta, daquilo que me angustia e não consigo solucionar definitivamente, na procura por cessar o sofrimento, o desamparo, a incerteza. E aí o modo de dar vazão a tudo isso pode ser por meio da respiração, do sono, da alimentação, da atenção ao corpo, da conversa com amigas/os, terapeutas, jogar um jogo de tarô, fazer um mapa astral, viajar para longe do cotidiano agitado das cidades, entrar em contato com a água do mar, do rio, colaborar com pessoas e comunidades, me posicionar diante de injustiças e agir para transformações dessas relações e condições.

**Ana Cláudia Holanda:** Você sentiu a necessidade de um afastamento mais radical como um ateísmo, por exemplo?

**Leandro Souza:** Eu não me considero ateu, embora hoje eu tenha uma curiosidade muito maior pelas explicações científicas a respeito da origem do Universo e do surgimento e desenvolvimento da vida em nosso planeta do que pelas explicações religiosas, sejam elas quais forem. Também o entendimento acerca de como opera nossas sociedades – os sistemas econômicos, as divisões de classes, as correntes políticas, as interações históricas entre diferentes grupos sociais, culturais, étnicos, respondem muito mais as questões que carrego comigo em relação a compreensão desse mundo, da humanidade e dos papéis que a mim foram designados ao nascer e aqueles que posso exercer no mundo. Eu respeito as minhas limitações diante dos eventos do mundo, aceito minha impotência diante dos desafios que vivemos, tenho uma compreensão maior de como posso e quero colaborar em um mundo mais vivível para o maior número de existências possíveis.

**Ana Cláudia Holanda:** Você tem a prática de orar? Rezar?

**Leandro Souza:** Não, eu não rezo mais.

**Ana Cláudia Holanda:** Você gostaria de mandar alguma mensagem para quem vive ou pratica religiões onde a dimensão do medo e da repressão são uma via prioritária? Religiões onde as práticas morais são mais importantes que as práticas espirituais?

**Leandro Souza:** Creio que cada pessoa precisa avaliar o quanto de sacrifício vale a pena suportar para estar em determinada religião ou não. Vale sempre se perguntar: é aqui que eu quero estar? Com essas pessoas, esses rituais? Eu me sinto bem? Eu me sinto parte da comunidade? Eu sinto que eu tenho espaço para contemplar, para ser eu mesmo, para crescer, me desenvolver espiritualmente ou é um lugar onde não consigo me mover, florescer, me conectar com as pessoas e tenho de fingir ser alguém que eu não sou? Acho que cada um pode acreditar no que quiser que possa haver após a vida nesse planeta, mas precisa entender que nossa jornada aqui é curta e não vale a pena viver pela metade, com medo de explorar esse mundo. Não se demore onde em território árido.

**Ana Cláudia Holanda:** Por fim, gostaria de te pedir para você abençoar esta pesquisa e os seus desenvolvimentos.

**Leandro Souza:** Eu agradeço por me convidar para participar desta pesquisa e desejo que você encontre um caminho de investigação e reflexão que possam expandir a compreensão histórica, social, política, cultural e econômica das questões a que você se debruça.

## 17 DIÁRIOS DE DESOBEDIÊNCIA

Esses últimos dias, às voltas com o momento de concluir a escrita da tese, eu me vi ainda vivendo intensos processos de autoconhecimento. Transformar a própria relação com a fé e a sexualidade é algo bastante exigente e, no meu caso, passou por uma atualização da relação com os medos. Acredito que ainda precisarei de um tempo para entender quem é a nova pessoa que nasce depois de um retorno como este a conteúdos infantis e de uma repactuação na relação com o mistério. Por outro lado, ainda que eu ofereça aqui reflexões parciais, acredito que há o que dizer à guisa do fim de uma etapa de pesquisa.

Há dois eixos norteadores desta pesquisa que são as anotações ao longo do percurso e os textos literários que buscam apresentar a direção das linhas de fuga. Para as anotações, a referência são os estudos de Foucault sobre os *hypomnemata* (1992). Para os outros textos, a referência são os estudos de Preciado compilados em *Dysphoria Mundi* (2023).

Foucault faz questão de diferenciar ainda os *hypomnemata* de diários íntimos, ou de relatos de experiências espirituais posteriormente encontrados na literatura cristã, pois estes teriam o objetivo de revelar uma espécie de não-dito; silencioso, mas “invocante”, e por isso teriam o efeito de purificação e revelação. A diferença entre elas é o objetivo das primeiras, de somente captar o já dito, que se dá ao longo da experiência e, pelo exercício de sua escrita e posterior leitura, recolher seus efeitos de invenção e não de reconhecimento. Nesse sentido, esses equipamentos de discurso teriam por objetivo não o trazer uma meditação, ou uma reflexão, mas, sim, compor-se de forma a serem “profundamente implantados na alma, gravados nela” (1992, p. 136). Dessa forma, as anotações do processo aqui reunidas têm como objetivo recolher as primeiras aparições de uma nova subjetividade enquanto ela nasce. São traços incipientes, pequenos rastros e algumas atitudes que podem inclusive ser atacadas pela personalidade ainda dominante. O movimento se dá em ondas, onde as antigas ferramentas de relação são postas ao fracasso a fim de dar espaço para novas formas emocionais de responder.

Além disso, são uma referência importante os estudos de Foucault sobre os exercícios de autodeterminação diante do poder. Diferentemente do paradigma cristão de obediência e desconfiança do corpo, como algo contrário à pureza do espírito, o modelo grego é de experimentação e invenção do corpo. Uma erótica como exercício de si sobre si, e também com os outros, como forma de conhecer as dinâmicas internas de poder, para depois observar seu desenvolvimento nas relações. A capacidade de governar os próprios sentimentos em relações de amor, pode nos tornar capazes de governar as paixões alheias em contextos coletivos: “Mas, o que decorre, então, é uma relação da força consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um

afeto de si por si” (Deleuze, 1988, p. 108). Nesse sentido, a relação com o mistério se dá a partir do corpo e do conhecimento da sexualidade, e não a despeito do corpo, ou ainda à revelia do corpo e de sua insubordinação à moral cristã. Na entrevista com Karlla Giroto, o tema aparece bastante. É na experimentação com a roupa, nas pequenas desobediências com o rígido código de vestimenta cristão que a invenção do corpo próprio pode começar a se dar. Ela diz: “O que me fazia mal e a coisa com que eu cortei radicalmente foi com essa experiência patriarcal, com essa interdição absoluta do corpo que é a interdição da própria vida de alguma maneira”. O corpo feminino singular começa a se diferenciar do corpo feminino comum esperado pela religião.

Curiosamente, o pensamento de Foucault sobre a plasticidade da subjetividade a partir dos gregos e atravessando o paradigma cristão se dá, segundo Deleuze, através do conceito de dobra que ele toma emprestado do escritor francês Raymond Roussel. A construção da subjetividade seria como um processo de dobra de tecidos que vão constituindo um forro na personalidade a partir do qual se dá a relação com os outros e com o fora.

Mas há *quatro dobras*, quatro pregas de subjetivação – tal como os quatro rios do inferno. A primeira concerne à parte material de nós mesmos que vai ser cercada, presa na dobra: para os gregos, era o corpo e seus prazeres, os *aphrodisia*; mas, para os cristãos será a carne e seus desejos, o desejo, uma modalidade substancial completamente diferente. A segunda dobra é a da relação de forças, no seu sentido mais exato; pois é sempre segundo uma regra singular que a relação de forças é vergada para tornar-se relação consigo; certamente não é a mesma coisa quando a regra eficiente é natural, ou divina, ou racional, ou estética... A terceira dobra é a do saber, ou a dobra da verdade, por constituir uma ligação do que é verdadeiro com o nosso ser, e de nosso ser com a verdade, que servirá de condição formal para todo saber, para todo conhecimento: subjetivação do saber que não se faz da mesma maneira entre os gregos e os cristãos (...). A quarta dobra é do próprio lado de fora, a última: é ela que constitui o que Blanchot chamava de uma “interioridade de espera”, é dela que o sujeito espera, de diversos modos, a imortalidade, ou a eternidade, a salvação, a liberdade, a morte, o desprendimento... (Deleuze, 1988, p. 112).

O movimento importante aqui se dá na relação do corpo com o poder. Enquanto a relação com o corpo dos prazeres se dá de acordo com a segunda dobra, a relação com o desejo está colocada a partir da terceira dobra, onde a incidência da verdade consigo mesmo atravessa a submissão à Lei e às diagramações já conhecidas. Dessa forma: “a luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose” (Deleuze, 1988, p. 113).

É possível acompanhar essas metamorfoses tanto no relato de Karlla, quanto no de Wagner e Caio. Para os dois primeiros, cada um à sua maneira, é a possibilidade de acolher o pensamento que acontece a partir do corpo que leva na direção da desobediência necessária ao reposicionamento com relação à uma ideia de Deus e de religiosidade pautada na moral que doutrina a subjetividade ao invés de permitir sua invenção. Nas perspectivas em que ambos

tiveram contato com a fé, as ideias sobre as normas para conhecer o próprio corpo eram bastante rígidas e estipulavam de maneira muito direta as formas desejáveis de relação amorosa, de relação com o gênero e demais condutas sociais. Na entrevista de Caio, essas normas também estão presentes. Contudo, não é na relação com o amor que a desobediência se dá, mas na escolha de uma profissão incomum em sua comunidade religiosa.

De toda forma, o que se repete nas histórias é essa forma da relação do cristianismo com o corpo. Distante da experiência, a vivência do erotismo, seja ele no corpo ou na experiência estética, é empurrada para a imaginação e, conseqüentemente, para a paranoia. Nesse sentido, é a desobediência presente nos relatos trazidos aqui nesta tese que apresentam saídas para esses impasses. Seja com a saída da religião, ou com a busca de saídas dentro da fé, as entrevistas e a minha experiência apresentam caminhos de trabalho das subjetividades e alternativas para o enfrentamento do poder da norma. Apesar das transformações dentro das comunidades evangélicas, algumas limitações ainda persistem, principalmente no que diz respeito às formas de relacionamento.

O que isso compromete, principalmente, é a descoberta do corpo e de seus afetos de maneira mais experimental, com todos os riscos que isso envolve, logicamente, mas também com todas as possibilidades que isso também oferece. Como, por exemplo, da vivência do prazer. A perspectiva cristã na qual tudo parte de Deus aliena o corpo e sua potência criativa. Em outras perspectivas, seja a grega apresentada por Foucault, as de matriz africana vivenciadas por mim e por alguns dos entrevistados ao longo dos últimos anos, ou ainda as *queers* presentes nas leituras de Paul Preciado, a criação se dá no corpo em sua relação com o mundo. Em toda a complexidade afetiva que isso significa. Conhecer as paixões não é tarefa simples, nem óbvia. Mas é o que possibilita constituir para si um corpo em relação com as coisas. Se não for assim, trata-se mais da mente.

À medida em que se inicia a conhecer o corpo, começa a exigente tarefa de discernir entre os diferentes afetos e ser capaz de reconhecer os que são saudáveis e os que trazem sofrimento. Na entrevista com Wagner, em determinado momento, ele comenta sobre a dicotomia colocada pela vida nessa fé na qual ele cresceu: “É como se eu não existisse sem, (...) porque eu não sei o que é viver sem a culpa, sem a melancolia, ser a dor”. Quando ele se afasta desse paradigma, vem o contrário: “Estar fora da igreja é ter direito ao prazer, ter direito a alegria, ter direito a sexualidade, ter direito ao dinheiro”. Nesse sentido, fica evidente um ganho de independência na relação com a experiência material à medida em que há o afastamento da religião. Contudo, não é simples fazer essa mudança, inclusive porque muitas

vezes ela é marcada por um afastamento de uma comunidade conhecida em função de novos vínculos afetivos, normalmente com as pessoas ditas do “mundo”.<sup>55</sup>.

Caio também coloca uma dicotomia similar, entre as pessoas que ele conheceu na formação em artes e as pessoas com quem conviveu na Igreja durante a maior parte de sua vida. Novamente, conciliando essa divisão de mundos. Mas, muitas vezes, de forma imaginária. Em sua entrevista, ele relata o constrangimento de dar conhecimento aos seus amigos sobre sua fé e como isso influenciava sua relação também com a arte também e, por outro lado, em compartilhar com as pessoas de sua comunidade religiosa as novas coisas que vinham aprendendo no Rio de Janeiro e na escola de artes;, mas a maior parte do conflito era vivida de forma solitária e projetiva, uma vez que o maior reconhecimento do seu trabalho se dá quando ele muda seu ateliê para dentro da Comunidade Cristã Água Viva e começa a incluir em suas pinturas os temas da religião, ou seja, pelo menos no mundo da arte, essas coisas não são inconciliáveis. Como também, uma vez que seu ateliê está estabelecido na Igreja, provavelmente lá também é possível esticar as bordas e ver o que acontece. Na entrevista também, junto com Mariana Guimarães, conversamos longamente sobre a importância da construção desses outros imaginários como recurso contra radicalizações dentro de comunidades evangélicas. Esse é o diferencial da entrevista com Caio, é um exemplo de convivência atípica com a fé, onde há, sim, uma aderência a muitos preceitos e doutrinas, mas há uma expansão da imagem mais comumente associada ao cristão. A maior parte dos outros entrevistados, com exceção talvez de Isadora Ravena, passaram a ter uma relação de negação com suas fés originárias e até de rechaço. Poderíamos dizer que Karlla Giroto faz também uma certa mediação, uma vez que grande parte de sua família permanece na fé. Mas ela mesma perdeu o interesse e a frequência e, inclusive começa sua entrevista com a surpresa de voltar ao tema que ela considerava estar “superado” em sua vida.

Para muitos dos entrevistados e também para mim, sair da Igreja é o exercício de desacostumar-se à repressão, à tristeza, à vergonha. O que não significa que isso seja uma vivência de redenção. Uma vez que nos textos de Foucault, inclusive, fica patente que a desobediência e confrontação do poder não significam vitórias o tempo todo. Pelo contrário, há as separações, as decepções, os enganos. Por isso, inclusive, a importância dos cadernos onde se anota a coisa como se dá e não uma depuração onde já se registra o êxito.

---

<sup>55</sup> Dentro da religião evangélica, é comum uma divisão entre as pessoas da igreja que são consideradas santas, ou puras e as pessoas do “mundo”, ou seja, que não praticam a fé evangélica e por isso são impuras ou até perigosas.

Uma vez, conversando com uma amiga sobre seu ex-marido, também ex-evangélico, ela me comentou que considerava acreditava que um de seus problemas era justamente ser “crente” demais. Ela considerava que ele se refugiava em uma fé quase delirante de que as coisas lhe aconteceriam de forma favorável por simples bênção divina. Por isso, a qualquer sinal de desafio, de conflito, ou dificuldade, ele abandonava projetos, desistia das coisas e renunciava a trabalhos. Escolher um caminho longe da fé cristã é também uma tarefa de resiliência.

Esses corpos têm em comum a necessidade de criar-se para além de suas formas desejadas *a priori* e de pensar-se fora das expectativas iniciais, para acomodar suas necessidades específicas não previstas dentro das comunidades de onde saíram, ou onde tiveram experiências formativas. Um dos desafios comuns para todos também foi a necessidade de avançar diante dos medos. Uma vez que a relação com a fé se dá a partir de um Deus invisível, onipotente e onisciente, muitas vezes se faz necessário encontrar esse ser etéreo em nós para conseguir que ele silencie quando necessitamos fazer tarefas arriscadas e, às vezes, incertas.

Para tratar desses meus medos, fiz uso de diferentes formatos de textos, onde registro memórias, lembranças de momentos em que ainda não havia um mundo fora, somente as limitações de uma vida programada para ser cumprida de acordo com expectativas muito claras sobre formatos e etapas. Já havia feito um exercício semelhante na dissertação, onde recorro ao diário para dizer dos efeitos do meu próprio processo de psicanálise. Aqui, utilizei ainda outros formatos de texto, como o relato, ou a carta. Quase no final da escrita da tese, tive contato com o livro de Paul Preciado, *Dysphoria Mundi* (2023). Nele, o autor também mistura diversos registros para traduzir sua perspectiva sobre o mundo pós- pandêmico no qual estamos vivendo. Um deles, inclusive, bastante interessante para esta tese, é a prece:

#### ORAÇÃO FÚNEBRE

Nossa senhora das Ruínas, rogai por nós.  
 Nossa senhora dos Ricos, rogai por nós.  
 Nossa senhora da Violação, rogai por nós.  
 Nossa senhora do Antropoceno, rogai por nós.  
 Nossa senhora do Capitalismo, rogai por nós.  
 Nossa senhora do Patriarcado, rogai por nós.  
 Nossa senhora do Masculinismo, rogai por nós.  
 Nossa senhora do Heterossexualismo, rogai por nós.  
 (PRECIADO, 2023, p. 69).

No catálogo da exposição *O útero do mundo* (2016), Veronica Stigger desenvolve a abordagem da autora Clarice Lispector como escritora-filósofa. Ela acompanha o pensamento do filósofo Eduardo Viveiros de Castro, que afirma serem Oswald de Andrade, João Guimarães

Rosa e Clarice os maiores pensadores brasileiros do século XX<sup>20</sup>. Para os dois, na literatura desses autores foram criados importantes conceitos. Nesse catálogo, por exemplo, Stigger apresenta “grito ancestral”, “montagem humana” e “vida primária” para pensar a histeria e para percorrer o acervo do MAM em São Paulo.

A ideia de que o pensamento possa se dar em formatos outros do que o do texto acadêmico me permitiu desenvolver e apresentar aqui os registros dessas experiências à medida em que também esses escritos me serviam como elaborações dos próprios afetos em questão. Além de considerar o texto acadêmico filosófico desafiador de desenvolver e um tanto artificial, a todo momento, eu buscava Clarice Lispector como uma referência para escrever um texto que ao mesmo tempo fosse simples de ler e ao mesmo tempo alcançasse a complexidade dos temas que gostaria de trabalhar. Espero ter sido, pelo menos, respeitosa à referência e ter conseguido me furtrar à erudição que sempre me intimidou nos textos acadêmicos.

A ideia de abordar os medos a partir de textos literários é uma forma de criar um certo distanciamento da experiência, criar marcos de momentos específicos pelos quais ia passando ao longo do processo e, com sorte, deixar coisas pelo caminho, à medida em que é possível abrir espaço para novas. O primeiro texto, ainda sem que a questão da sexualidade estivesse colocada de maneira mais explícita, tornou-se o registro de um eu que já ficou para trás. Era o medo de dizer algo que poderia ser imperdoável. Como aparece na entrevista com Wagner Schwartz quando lembro o comentário que eu fazia para os meus irmãos: “Aa nossa sorte, é que pelo menos nenhum de nós três é gay, porque senão ia ter morte nessa família”.

Ao mesmo tempo, ao longo da pesquisa, fui encontrando nesses entrevistados uma série de saídas para os impasses diante dos quais eu estava. No caso desse recorte, todas elas pela arte. Cada um deles encontrou afetos, acolhimento, possibilidades, comunidades que se criam a partir de suas escolhas. Eu também. As ideias de finais trágicos, aos poucos perdem força, à medida em que se torna claro que as leis das comunidades nas quais crescemos não são universais. É claro, a força da norma ainda ameaça, mas nos coletivos menores é possível saber que há possibilidade de vida para além da expectativa mais comum.

## 18 BIBLIOGRAFIA

- BALDWIN, J. A. Letter from a Region in My Mind. **The New Yorker**. Nova York. 9 nov. 1962. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/1962/11/17/letter-from-a-region-in-my-mind>. Acesso em: 25 mai. 2024.
- \_\_\_\_\_. *Se o disseres na montanha*. São Paulo: Alfaguara, [1963] 1980.
- \_\_\_\_\_. *The fire next time*. São Paulo: Taschen. 2019.
- \_\_\_\_\_. Novo Testamento. Lucas. In: **BÍBLIA. Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA**. Novo Testamento. Mateus. In: **BÍBLIA. Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. Novo Testamento. Romanos. In: **BÍBLIA. Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. Novo Testamento. Tiago. In: **BÍBLIA. Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- COSTA NETO, M. Sexo, gênero e devoção: dramas da sexualidade em comunidades evangélicas inclusivas. Apresentado em 2013. 192 páginas. Tese. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.
- DELEUZE, G. “Nietzsche e São Paulo, D. H. Lawrence e João de Patmos” In: *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G. “Foucault”. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1988.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- FREUD, S. *Obras completas, volume 16 : O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? Lisboa, PT: Passagens, 1992.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: L&PM, 2010.
- GIL, F. sou uma menina que gosta de meninas... Salvador, 27 out. 2023. **Instagram**: @florgildemasi Disponível em [https://www.instagram.com/florgildemasi/p/Cy6p5u9Jzoi/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/florgildemasi/p/Cy6p5u9Jzoi/?img_index=1) Acesso em out. 2023.
- GIROTTTO, K. Karlla Girotto, c2019. Página inicial. Disponível em <https://karllagirotto.com/> Acesso em jul. 2024.

- HAN, B-C. *Agonia do Eros*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- HESSE, H. *Sidarta*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.
- HOLANDA, A. C. **WhatsApp**. As torres gêmeas. 11 set. 2021. Mensagem eletrônica.
- LAWRENCE, D. H. “Apocalypse”. In: *Apocalypse seguido de o homem que morreu*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1997.
- \_\_\_\_\_. “O homem que morreu”. In: *Apocalypse seguido de o homem que morreu*. São Paulo, SP: Editora Schwarcz, 1997.
- LIMA, C. C. V. A verdade (des)construída: a inserção da homossexualidade na Comunidade Cristã Nova Esperança. Apresentada em 2013. 114 páginas. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.
- LISPECTOR, C. “Amor”. In: *Laços de família: contos*. Rio De Janeiro: Rocco, 2009.
- MAGALHÃES, M. Eu espero que essa seja a primeira e a última vez... Salvador. 17 out. 2023. **Instagram**: @magalhaesmilla Disponível em [https://www.instagram.com/reel/CygdC4OOM3e/?utm\\_source=ig\\_web\\_button\\_share\\_sheet](https://www.instagram.com/reel/CygdC4OOM3e/?utm_source=ig_web_button_share_sheet) Acesso em 18 out. 2023.
- NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- PRECIADO, P. *Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- SANTOS, A. B. dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SOUZA, L. *Eles fazem dança contemporânea*. In: MITsp - 8ª Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, 8., 2022, São Paulo.
- SCHWARTZ, W et. al. *Domínio público*. In: Museu Nacional da República, 1., 2023, Brasília.
- STIGGER, Verônica. *O útero do mundo*. In: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1., 2016.
- TIBERIUS, V. *O que você quer da vida?* São Paulo: Latitude, 2023.
- TORRES, J. Caio Pacela. Janaina Torres. São Paulo, c. 2024. Disponível em: <https://janainatorres.com.br/artistas/caio-pacela/> Acesso em jul. 2024.
- YRION, J. Satanismo e Disney - Pastor Josue Yrion. **YouTube**, 29 nov. 2006. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Wud5vSIQ0I](https://www.youtube.com/watch?v=_Wud5vSIQ0I). Acesso em 14 de outubro de 2020.
- ZIEGLER, G. *Tarô: mirror of the soul*. Reino Unido: Aquarian Press, 1988.

## 18.1 Referências musicais

LEGIÃO URBANA. Pais e Filhos. *As Quatro Estações*. Brasília: EMI, 1989 (5min8s).

LETRUX. *Em noite de climão*. São Paulo: Joia Moderna, 2017 (45min19s).

VELOSO, C. Hora da razão. *Muitos Carnavais*. São Paulo: Polygram/Philips, 1977 (2min48s).

RUIZ, T. *Tu*. Salvador: ONErpm, 2017 (27min38s).

MINISTÉRIO KOINONYA DE LOUVOR. Oferta de amor. *Eternamente*. São Paulo: BMG Ariola Discos Ltda, 1991 (4min36s).

## **18.2 Referências das entrevistas**

GIROTTI, K. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. São Paulo, 7 abr. 2023.

HOLANDA, A. C. [Entrevista concedida a] Francisco Freitas. São Paulo, 13 dez. 2023.

PACELA, C. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. Rio de Janeiro, 7 abr. 2023.

RAVENA, I. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. São Paulo, 18 jun. 2023.

SCHWARTZ, W. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. São Paulo, 19 out. 2023.

SOUZA, L. [Entrevista concedida a] Ana Cláudia Holanda. São Paulo, 21 jun. 2023.